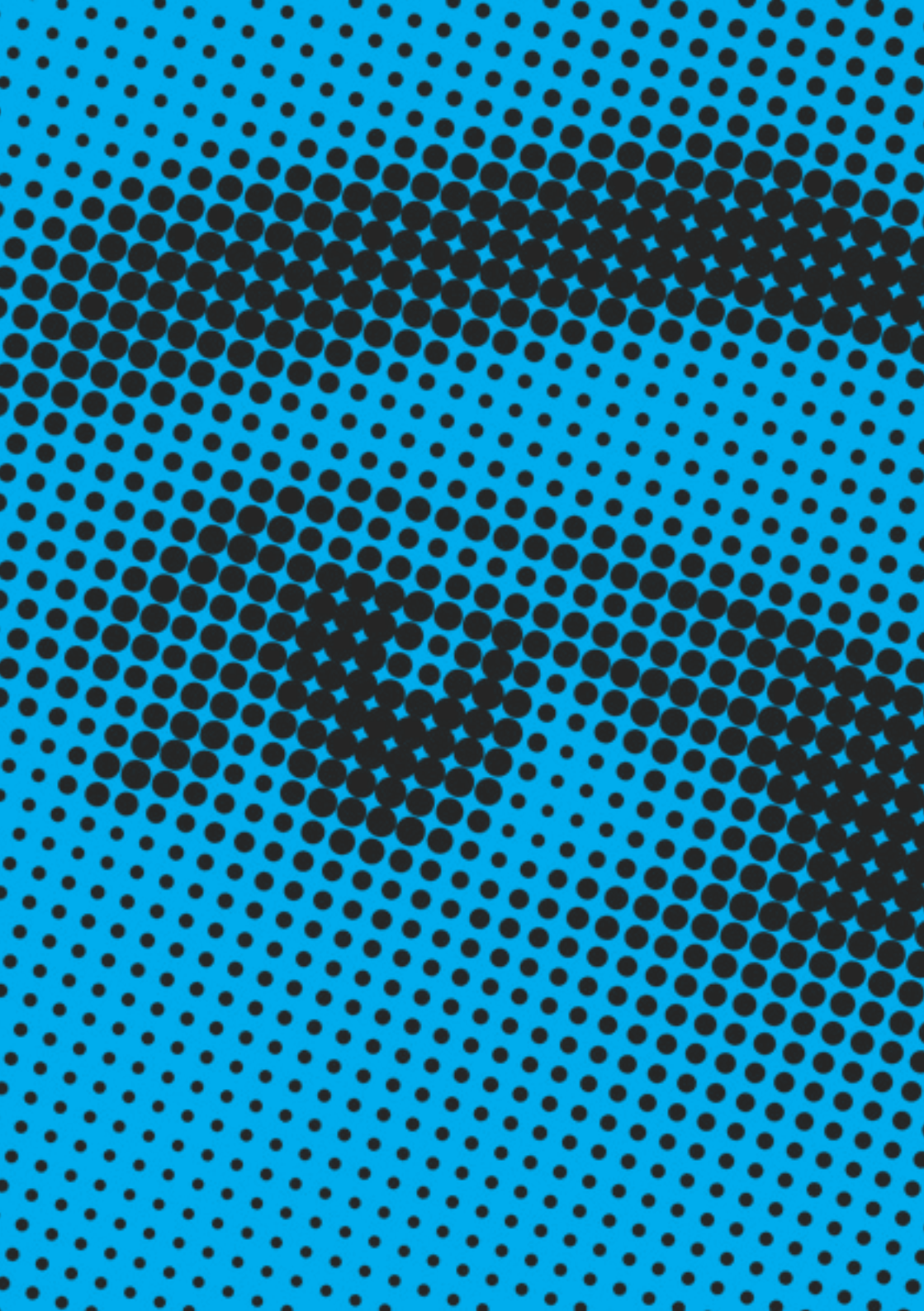
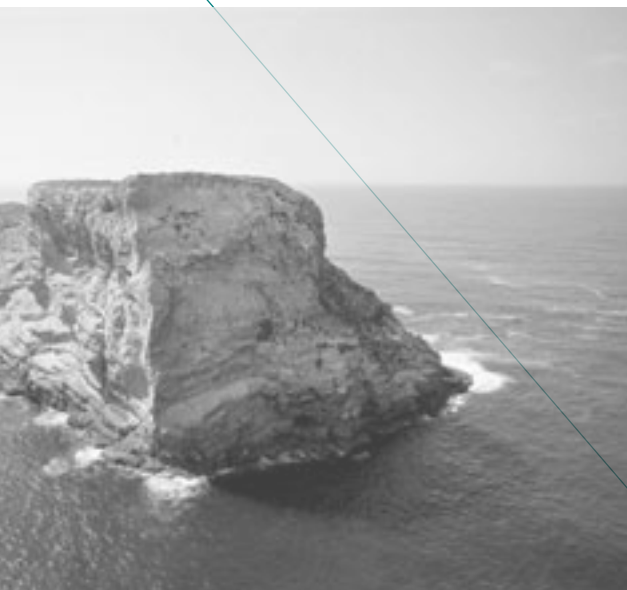




PEX PO SI CÕES

MNAC

Esta publicação EXPOSIÇÕES [PeP] e o volume ENTREVISTAS [PeP] associam-se à celebração do quinto centenário de Luís Vaz de Camões e integram-se num contexto de várias parcerias colaborativas do MNAC - Museu Nacional de Arte Contemporânea no âmbito do [Projeto Portugal entre Patrimónios - PeP].





CO-LABORAR É INVENTAR, É “FAZER COM” OS OUTROS.

Na esfera das tendências contemporâneas de mediação cultural e de desenho de novas experiências, as propostas CO-LABORAR [Portugal entre Patrimónios] da rede nacional do MNAC combinam várias disciplinas, sociedade, território e competências sociais através de

PROJETOS EXPOSITIVOS,

ENCONTROS,

ENTREVISTAS,

PUBLICAÇÕES,

e ID: ESPAÇO PÚBLICO.

ÍNDICE

página 6

1 - EXPOSIÇÕES ITINERANTES

O ARTISTA DO MOMENTO: O HOMEM DO PALEOLÍTICO
TODOS NÓS NASCEMOS ORIGINAIS E MORREMOS CÓPIA
O DESENHO, FORÇA QUE NASCE DO SILÊNCIO
SHIFTING GROUND – OUTRO CHÃO
ZOOM IN ZOOM OUT - DIÁLOGO DAS IMAGENS COM O REAL
COTA 120 - DEAMBULAÇÕES DE UM GRUPO DE CRIANÇAS DA ESCOLA OSMOPE
PELA RUA MOUZINHO DA SILVEIRA, NO PORTO
SER PORTUGUÊS, CRIADORES DE IMAGENS

página 38

2 - EXPOSIÇÕES COLABORATIVAS

MOSAICO – UMA IMAGINAÇÃO COLETIVA
A LITERACIA FAZ BEM À SAÚDE
VÍRUS E BACTÉRIAS VISTOS POR CRIANÇAS
CHIADO AO QUADRADO

página 56

3 - EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS E COLETIVAS

CÂMARA LENTA
TRILOGIA: O SOPRO DO SILÊNCIO, O SOPRO DA CINZA E O SOPRO DA LUZ
SONS INVISÍVEIS
BALADA DO CONDADO LARANJA
FILIGRANA
OLHO QUE RI OLHO QUE CHORA
AS FILHAS DE LÉTHÊ
OLHAR DE VOLTA
O SUBMARINO FEMINISTA AQUAFLUXO
FEELING: OLHAR E RESSONÂNCIA
TRANSGRESSÕES

página 102

4 - BASES GALERIAS VERTICAIS

AGUALVA-CACÉM | COIMBRA | COLARES
ERICEIRA | LISBOA | LOUSÃ
PORTO | SERPA

página 218

5 - EXPOSIÇÕES 25

RANGEFINDER - IMAGENS ENTRECRUZADAS
MIT EINER PALME SPIELEN
O FARD DO HOMEM BRANCO
LISBOA DÜSSELDORF FACES
DO BRINCAR
A SUBIDA DO MONTE VENTOUX
7 CONCERTOS

página 234

6 - ID: ESPAÇO PÚBLICO

ID: SER PORTUGUÊS
ID: CAMÕES CONTEMPORÂNEO
ID: A SUBSTÂNCIA DA ÁGUA

página 266

7 – PROJETOS CULTURAIS EM DIÁLOGO

THINK TANKS / NETWORKING
COMUNICAÇÃO
WORLD CAFÉS
RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS
JUNTOS FAZEMOS MAIS E MELHOR
MUSEU DO HUMOR E DO ABSURDO
SALA DE BRINCAR
TURISMO CULTURAL SUSTENTÁVEL
URBANISMO E GESTÃO URBANA
SOBRE A LIBERDADE

página 284

POSFÁCIO

ITI
NER
AN
TES

O ARTISTA DO MOMENTO:
O HOMEM DO PALEOLÍTICO

TODOS NÓS NASCEMOS ORIGINAIS
E MORREMOS CÓPIA

O DESENHO, FORÇA QUE NASCE DO SILÊNCIO

SHIFTING GROUND - OUTRO CHÃO

ZOOM IN ZOOM OUT - DIÁLOGO
DAS IMAGENS COM O REAL

COTA 120 - DEAMBULAÇÕES DE UM GRUPO
DE CRIANÇAS DA ESCOLA OSMOPE
PELA RUA MOUZINHO DA SILVEIRA, NO PORTO

SER PORTUGUÊS, CRIADORES DE IMAGENS

O ARTISTA DO MOMENTO: O HOMEM DO PALEOLÍTICO



CARTOONISTA: Luís Afonso

LOCAL: Museu do Côa, Vila Nova de Foz Côa

PARCERIA: Fundação Côa Parque / MNAC

DATA: 28.09.2019 – 09.12.2019

CATÁLOGO: Digital e em papel

ITINERÂNCIA: Lisboa (Museu Nacional de Arte Contemporânea, 2020; Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, 2022), Torres Vedras (EMERGE – Associação Cultural, Casa Azul, 2020), Coimbra (Associação dos Cafés com História, Centenário do Café Santa Cruz, 2023)

Revelando o cartoon como um meio privilegiado e desafiador de expressão, subtilmente se presta homenagem a todos aqueles que, desde a pré-história até à atualidade investiram e investem em gestos, ferramentas e múltiplos tipos de experiências de registo, comunicação e criação.

Tal como as pessoas, os personagens também nascem e criam laços de uma forma ou de outra. O Homem do Paleolítico resultou da observação atenta do poder da imaginação do cartoonista Luís Afonso sobre o controverso processo do Côa, que culminou na inscrição das gravuras na Lista do Património Mundial da UNESCO em 1998, e na construção deste icónico museu.

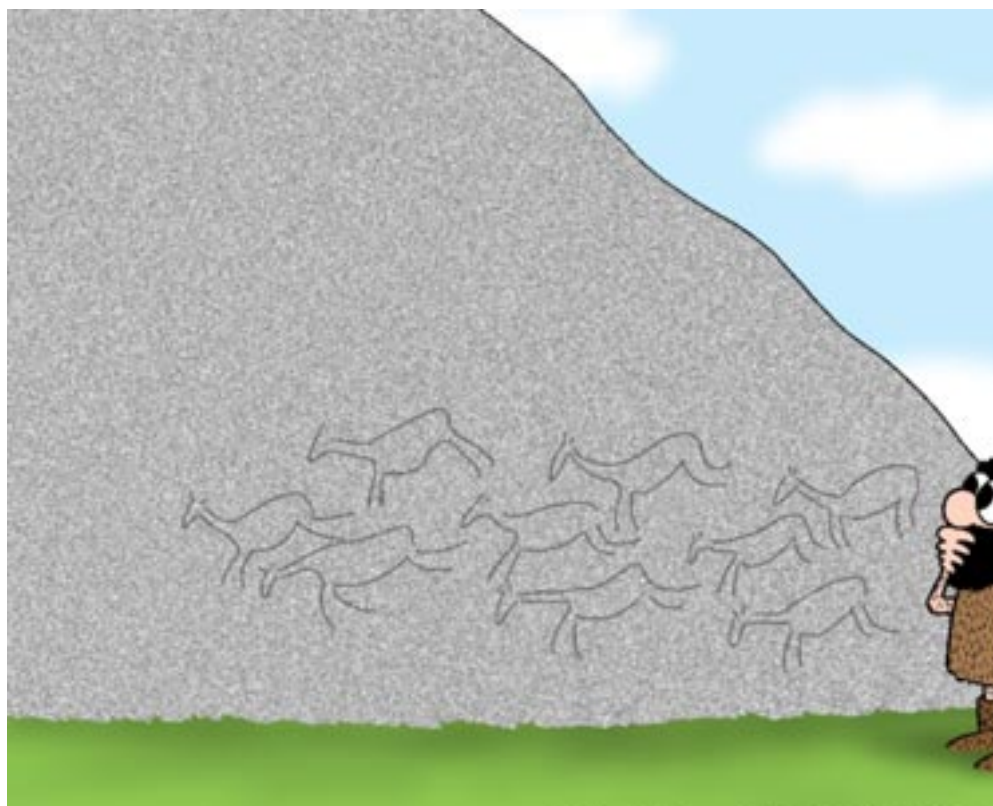
Automeado o artista plástico do momento, o Homem do Paleolítico iniciou uma presença recorrente nas tiras do *Bartoon* do jornal Público, como aquele que olha para os acontecimentos com o saber acumulado de muitos, muitos anos. Aquele cuja vida é mãe de uma coleção de futuros numa contínua perplexidade e estranheza.

Tal como nos anos da descoberta dos arqueólogos e da mobilização da sociedade, num debate e luta por todo um acervo singular de arte rupestre paleolítica ao ar livre, o trabalho de Luís Afonso continua, de uma forma descomplicada e divertida, a ser um palco para a visibilidade de questões da atualidade.

A exposição reúne 40 *cartoons* a preto e branco ou a cores com as bem-humoradas histórias do *Bartoon* e outros trabalhos relacionados entre si através do Homem do Paleolítico.

A partir de contradições e numa tentativa de imparcialidade, legendas, diálogos e pensamentos dão vida a personagens inesquecíveis. Desde o repórter ao banqueiro do FMI, no bar mais mediático do país ou num cenário rochoso, representam relações e situações que, apesar de fictícias, se aproximam claramente do real.

Para um olhar mais vigilante, cada história torna-se como que uma moldura expandida: um frente-a-frente com o sentido do tempo, do espaço e da mudança. Numa cenografia minimal, o conjunto das peças permite facilmente a qualquer espectador direcionar a sua atenção e curiosidade sobre o fascínio das “origens” – do homem, da técnica, da comunicação e da arte; sobre a complexidade e exigência do presente; e pensar como o futuro é uma incógnita.





LUÍS AFONSO (ALJUSTREL, 1965)

Formou-se em Geografia na Universidade de Lisboa, foi professor e trabalhou em projetos de desenvolvimento local e regional. Após 1995 dedicou-se, em exclusivo, aos cartoons, atividade que havia iniciado dez anos antes. Colabora em vários órgãos de comunicação social, com tiras diárias nos jornais Público (“Bartoon”), A Bola (“Barba e Cabelo”) e Jornal de Negócios (“SA”), mas também na rádio e na televisão, com uma rubrica diária na Antena 1 e na RTP (“A Mosca”). É autor de oito livros de cartoons, sete como autor integral e outro como argumentista. Em 2012 estreou-se na ficção com O Comboio das Cinco, a que se seguiu, em 2016, O Quadro da Mulher Sentada a Olhar para o Ar com Cara de Parva e Outras Histórias e, em 2022, A Morte de A a Z.

TODOS NÓS NASCEMOS ORIGINAIS E MORREMOS CÓPIA



ARTISTA: Miguel Cheta

LOCAL: Centro de Experimentação e Criação Artística de Loulé

PARCERIA: Câmara Municipal de Loulé / MNAC

DATA: 01.02.2020 – 14.06.2020

CATÁLOGO: Desdobrável em papel

ITINERÂNCIA: Com os museus temporariamente fechados por todo o mundo, esta exposição esteve encerrada durante um período devido à Covid-19. Reabriu de 19 de Maio a 14 de Junho de 2020, não tendo sido possível a itinerância.

Na viagem entre nascimento e morte, entre original e cópia, entre consciente e inconsciente, individual e coletivo, a forma como aprendemos e assimilamos o mundo é a chave para nele nos projetarmos. (...) Esta exposição é um dispositivo que aproxima o papel de espectador e criador. Um dispositivo que evoca momentos chave da “arte participativa”, que promove educação e a colaboração.

C M LOULÉ

Fotografia, instalação, desenho, escultura compõem este objeto multidisciplinar que convida quem o visita a explorar e refletir sobre conceitos como matriz, cópia, original, contribuindo a partir da sua participação, para uma emancipação enquanto espectador. Emancipação essa tão desejada por Rancière.

“Todos nós nascemos originais e morremos cópia” é o título e o mote da exposição. Uma afirmação atribuída ao conceituado psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Jung (1875/1961) e que nos remete para a nossa condição humana de seres sociais e culturais com capacidades singulares, como comunicar, aprender, criar, partilhar e desfrutar das nossas complexas criações na viagem entre nascimento e morte, entre original e cópia, entre consciente e inconsciente, individual e coletivo.

Não é uma exposição no seu sentido mais convencional. É um dispositivo aberto ativado pela participação do espectador, que promove o encontro consigo, com a arte e com o mundo. Aproxima o papel de espectador e criador e evoca momentos chave da “arte participativa”, promove educação e a colaboração.

A exposição decorreu semanalmente no formato de oficinas, que aconteceram de uma forma limitada devido às restrições do Covid-19.

Miguel Cheta, artista visual, tem trabalhado e desenvolvido projetos educativos, para quem, a exemplo do que foi para Joséph Beuys, o foco de interesse é “a arte como ensinamento, e não o ensino da arte”.





O DESENHO, FORÇA QUE NASCE DO SILÊNCIO



ARTISTA: António Faria

LOCAL: Museu do Côa, Vila Nova de Foz-Côa

PARCERIA: Fundação Côa Parque / MNAC

DATA: 06.06.2020 – 31.07.2020

CATÁLOGO: Digital

ITINERÂNCIA: Esta exposição, na sua itinerância, em cada novo local faz uma revisitação à exposição inicial e inclui novos trabalhos e um novo título. Lisboa (Museu Nacional de Arte Contemporânea, *O elogio da melancolia*, 2020); Vila Nova de Paiva (Teatro Municipal Carlos Paredes, *Toda a Sombra do Mundo*, 2022); Porto (Galeria da Biodiversidade, *entre FOLHAS, sobre PAREDES*, 2022); Amarante (Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, *Este é o lugar onde as árvores cantam*, 2023). Local, nome, curadoria e datas das exposições itinerantes:

LISBOA - Museu Nacional de Arte Contemporânea | *O elogio da melancolia*
Curadoria - Emília Ferreira | 17.09.2020 a 20.10.2020

PORTO - Galeria da Biodiversidade | *entre FOLHAS, sobre PAREDES*
Curadoria - Cristiana Vieira, Emília Ferreira | 04.05.2021 a 30.05.2021

VILA NOVA DE PAIVA - Teatro Municipal Carlos Paredes | *Toda a Sombra do Mundo* | Curadoria – Aurora Carapinha, Emília Ferreira | Agosto 2022

AMARANTE - Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso | *Este é o lugar onde as árvores cantam* | Curadoria - Emília Ferreira, Lúcia Saldanha
30.07.2023 a 11.09.2023

Não sei muito bem o que é Deus, apesar de ter tido uma educação católica. Mas tinha essa ideia de força. Uma força qualquer. Não sou desprovido disso, dessa ideia. E Deus pode ser a Natureza.

ANTÓNIO FARIA
IN A IMPORTÂNCIA DA MELANCOLIA
2020, MNAC

O Museu do Côa é o local privilegiado de encontro entre o arcaico e o contemporâneo, entre a arqueologia, a arte e a ciência. A ideia de construção de um museu fora dos seus limites, não só físicos, mas disciplinares, inclui a exposição "o Desenho, força que nasce do silêncio" de António Faria, realizada em parceria com o Museu Nacional de Arte Contemporânea no âmbito do projeto Portugal entre Patrimónios, no qual a Fundação Côa Parque participa.

Depois de meses de confinamento, o museu e o Parque Arqueológico reabriram ao público na comemoração do 10º aniversário do Museu do Côa, inaugurado em 2010. Neste contexto particular, aposta na criação de múltiplos vínculos com o público, na experiência de novas possibilidades e de novos encontros, proporcionando condições de segurança, cuidado e de bem-estar.

Numa época singular e exigente, tendo o desenho como um dos vetores privilegiados da sua expressão, António Faria aproxima-nos da Natureza, das árvores e dos espaços ao ar livre, numa intensidade tonal e traços singulares que revelam um universo pictural muito próprio. Dando-nos pistas para nós próprios desenharmos um mundo melhor.

BRUNO NAVARRO (1977-2021)
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CÔA PARQUE

O desenho é uma disciplina. Não no sentido de ser apenas uma disciplina escolar, mas de ser um modo de rigor de observação e síntese, de contenção e potência. São linhas, e manchas e pontos e pouco mais e, contudo, oferece-nos mais do que um duplo do mundo: abre uma porta para a alma. Nisso se assemelha o desenho à narrativa e para tanto exige ele a observação do silêncio. Foi exatamente por isso que a exposição de desenho de António Faria, realizada este Verão no Museu do Côa, se chamou o Desenho, força que nasce do silêncio. É dessa exposição que agora o MNAC apresenta uma revisitação, com inclusão de novos trabalhos.

EMÍLIA FERREIRA
DIRETORA DO MNAC

O
DESENHO
FORÇA
QUE
NASCE
DO
SILÊNCIO

FOZ CÔA
MUSEU DO CÔA

O
—ELOGIO—
DA MELANCOLIA
ANTÔNIO
—FARIA

LISBOA
MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

entre
FOLHAS,
sobre
PAREDES

PORTO
GALERIA DA BIODIVERSIDADE

TODA
A SOMBRA
DO
MUNDO

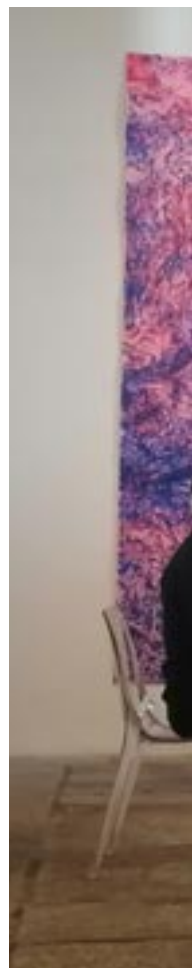
VILA NOVA DE PAIVA
TEATRO MUNICIPAL CARLOS PAREDES

—ESTE
É O LUGAR
ONDE
AS ÁRVORES
CANTAM

AMARANTE
MUSEU MUNICIPAL AMADEO DE SOUZA-CARDOSO









SHIFTING GROUND -OUTRO CHÃO



ARTISTAS: Engrácia Santos, Erika Jâmece, Gita Gumira, Ilda Kalenga, Tomé Cravid

CURADORIA: António Gorgel Pinto, Jane Gilmor e Paula Reaes Pinto

LOCAL: Galeria [PeP], Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa

PARCERIA: Centro de História de Arte e Investigação Artística - CHAIA / MNAC

DATA: 11.12. 2021 – 20.01.2022

CATÁLOGO: Publicação em papel

ITINERÂNCIA: O projeto Shifting Ground é uma colaboração artística com migrantes recém-chegados aos países de acolhimento e teve a sua primeira intervenção em Cedar Rapids, Iowa (EUA), em julho de 2019.

Este projeto utiliza a memória individual e coletiva como ação para a autodescoberta e a resolução criativa de problemas do quotidiano.

Por intermédio das suas histórias de vida e criatividade, os participantes imigrantes tornam possível a produção de intersubjetividade em torno das questões da imigração e da inclusividade social.

A ambição é construir laços estreitos entre cidadãos, dando voz e visibilidade a novos membros da nossa comunidade, promovendo a sustentabilidade social e cultural.

PAULA REAIS PINTO
ANTÓNIO GORGEL PINTO
JANE GIMOR

O Museu Nacional de Arte Contemporânea acolheu a exposição Shifting Ground – Outro Chão, que testemunha a construção de uma pluralidade de conhecimento, através da co-criatividade.

Shifting-Ground - Outro Chão procura fomentar uma consciência mais ampla, no público em geral, relativamente ao potencial da arte e do design social.

Este projeto, realizado em Portugal, insere-se no âmbito do projeto Up Start - Indústrias Criativas. Participaram no projeto pessoas de várias nacionalidades com experiência em diferentes artes e ofícios.

O UpStart - Indústrias Criativas é uma iniciativa promovida pela Fundação Aga Khan Portugal, em parceria com a Universidade de Évora, no âmbito do Programa Parcerias para o Impacto, da Portugal Inovação Social, que conta ainda, com o apoio, como Investidores Sociais, da Delta Cafés e do Grupo Fidelidade.

Nos workshops realizados, os artistas António Gorgel Pinto, Jane Gilmor e Paula Reaes Pinto começaram por explicar como é que as ideias podem ser materializadas em esculturas de cerâmica usando diferentes graus de abstração. Depois introduziram uma atividade lúdica – um jogo, cujo objetivo é provocar uma participação espontânea e dar voz aos imigrantes envolvidos.

O jogo, M.O.T., um acrónimo de Memória, Objeto e Talento, pede aos participantes que pensem sobre uma história de vida, um objeto significativo, e o que consideram ser o seu principal talento. Esta abordagem surge como um meio de gerar um compromisso específico entre os recém-chegados e a comunidade anfitriã, com base na sua autorrepresentação.

Por intermédio das suas histórias de vida e criatividade, os participantes imigrantes tornam possível a produção de intersubjetividade em torno das questões da imigração e da inclusividade social.



Shifting Ground - Outro Chão

Construir uma Pluralidade
de Conhecimento através da Co-criatividade

—

Building a Plurality of Knowledge through Co-creativity



ANTÓNIO GORGEL PINTO WWW.CIENCIAVITAE.PT/PT/9911-31F8-3B8F

PAULA REAIS PINTO WWW.UEVORA.PT/PESSOAS?ID=26360

JANE GILMOR WWW.JANEGILMOR.COM/ART/

ZOOM IN ZOOM OUT — DIÁLOGO DAS IMAGENS COM O REAL



ARTISTAS: António Faria, David Fossard, Duarte Belo, Inês Moura e Mimi Tavares

CURADORIA: Isabel Calado

LOCAL: Galeria [PeP], Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa

PARCERIA: ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra / MNAC

DATA: 18.02.2022 –22.05.2022

CATÁLOGO: Publicação em papel e digital

ITINERÂNCIA: Lisboa (Museu Nacional de Arte Contemporânea, 2022);
Coimbra (Centro Cultural Penedo da Saudade, 2022)



Sobre a fotografia haveria que realçar o seu *statement* mais imediato, que nos diz: eis a realidade. Apesar de todas as suas mais recentes mutações, ela é uma imagem material que permanece ancorada no mundo externo, a que hoje por vezes chamamos o Outro.

O desenho, por sua vez, convoca mais facilmente o conceito de imagem mental. Provém de um olho pensante e de um eu sensível. Diferenciando-se da fotografia, que é fundamentalmente descritiva, ele tem mais habilidade para tratar conteúdos cognitivos e emocionais de carácter analítico e expressivo, para recodificar informação e para explicar.

ISABEL CALADO

Objetos e lugares muito diferentes, sem qualquer relação aparente entre si que não seja a geografia comum de Portugal.

DUARTE BELO

Já sabemos que todas as imagens são representações, desde sempre assim foi. Isto quer dizer que nenhuma delas é a realidade e, ao mesmo tempo, talvez mais subtilmente, que todas mantêm com ela uma tensão. Dependendo da forma como lidam com esse vínculo, chamamos-lhes cópias, decalques, construções, memórias, vestígios, projecções, coisas imaginadas ou mesmo fantasias.

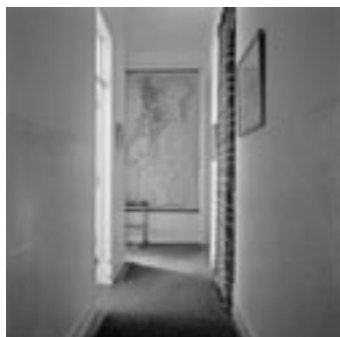
Em ZOOM IN ZOOM OUT encontramos sete fotografias de Duarte Belo e sete desenhos de quatro artistas plásticos que com elas dialogam: António Faria, David Fossard, Inês Moura e Mimi Tavares.

(...) A verdade é que os dois géneros visuais pensam a realidade, embora a sirvam de modo diferente: a fotografia começa no mundo externo e não o perde de vista, o desenho não dispensa a cabeça do criativo e é isso que ele exterioriza.

O olhar do fotógrafo, ao menos numa fase inicial, deixa-se contaminar pelos contornos dos próprios objetos e pela luz do território-que-ele-mesmo-se-pinta, mas que só poderá surpreender-nos e revelar os seus embutidos através da lente do primeiro.

O olhar do desenhador domina o objeto e manifesta a exploração dos códigos linguísticos, tanto quanto um conceito, uma ideia, uma emoção. Os desenhos expostos procedem, numa escala variável, a uma subjetivação daquilo que os tocou nas estimulantes fotos de Duarte Belo.

ISABEL CALADO





[WWW.INSTAGRAM.COM _ANTONIO__FARIA_](http://WWW.INSTAGRAM.COM_ANTONIO_FARIA_)

DAVIDFOSSARD.ARTSTATION.COM

WWW.DUARTEBELO.COM

WWW.INESMOURA.PT

[WWW.INSTAGRAM.COM MIMI_TAVARES1](http://WWW.INSTAGRAM.COM_MIMI_TAVARES1)

[WWW.FACEBOOK.COM MIMITAVARESARTWORK](http://WWW.FACEBOOK.COM_MIMITAVARESARTWORK)



COTA 120

**DEAMBULAÇÕES DE UM GRUPO
DE CRIANÇAS DA ESCOLA
OSMOPE PELA RUA MOUZINHO
DA SILVEIRA, NO PORTO**

ARTISTA: Coletivo de 20 crianças

CURADORIA: Sílvia Berény e Rita Brandão

LOCAL: Galeria [PeP], Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa

PARCERIA: OSMOPE/MNAC

DATA: 21.07. 2022 – 04.09.2022

ITINERÂNCIA: Porto (MHNC-UP – Museu de História Natural e da Ciência da Cidade do Porto, 2022/2023); Lisboa (MNAC, 2023)

Os Museus são, hoje, e contrariamente aos espaços meramente expositivos do passado, lugares de comunicação, relação, questionamento, criação e transcrição.

A inclusão das crianças, nos processos de criação de conteúdos e no ambiente expositivo, promove práticas educativas não-formais, potenciando a criatividade e o desenvolvimento do pensamento crítico, favorecendo ainda a construção do capital cultural das crianças, famílias, escolas e comunidades.

RITA BRANDÃO E SÍLVIA BERÉNY

A exposição COTA 1,20 traduz a perspetiva e olhar das crianças sobre uma das artérias mais simbólicas da cidade do Porto - a Rua Mouzinho da Silveira. Cota 1,20m é a altura média a que estão os olhos das crianças envolvidas neste projeto.

“Saímos da nossa escola, OSMOPE, na R. Costa Cabral no Porto e, na Praça do Marquês, entrámos na estação do metro. Paragem assinalada: S. Bento.

Boa disposição, pranchetas, lápis de grafite e máquinas fotográficas. Mais um desafio para percorrermos e sentirmos a nossa cidade, desta vez com intenção de levarmos estas nossas leituras e possíveis produções até ao Museu.

(...) Com este projeto, refletimos sobre a necessidade de investir na promoção de uma relação precoce das crianças com os espaços urbanos, os lugares, as funções, as ambiências. Segundo uma perspetiva sensível da educação torna-se fundamental a criação de condições para ver, olhar, reparar, sentir, desenhar, criar, experimentar, comunicar, e por fim traduzir e transcriar. Nesse laborioso ofício vão-se construindo pontes educativas, um entramado de dispositivos que vão formando a teia complexa da vida em sociedade, da sua geografia quotidiana ou ocasional. O ato de caminhar atento supõe uma rotura com os modos quotidianos de mobilidade. Tudo se deve organizar de modo a ter o horizonte desimpedido a 360 graus, no espaço próximo e no longínquo.

(...) Socorremos de uma metodologia que transporta a vivência do espaço para a sua representação. Não é a mesma cartografia que existe nos mapas convencionais, nos sistemas GPS. Trata-se de praticar ferramentas que consolidem experiências e conhecimentos diretamente elaborados pelas crianças nas suas

deambulações urbanas por trajetos pré-definidos, mas suficientemente abertos para poderem conter o inesperado, a curiosidade, a surpresa de encontrar uma coisa quando se procurava outra.

(...) Diríamos que será importante permitir à criança «descodificar/decifrar» o ambiente urbano em que vive, implicando-a em projetos de investigação/ação sobre a descoberta da nova condição urbana e do seu leque de ofertas, diminuindo a «opacidade» da cidade (entenda-se, da sociedade e do seu território), construindo práticas educativas que promovam a riqueza cultural e as formas de produção artística e que, a partir daí, tirem partido das vantagens que os Museus e outras instituições culturais podem oferecer.”

RITA BRANDÃO E SÍLVIA BERÉNY

EXCERTOS DO TEXTO COTA 120

*DEAMBULAÇÕES DE UM GRUPO DE CRIANÇAS DA ESCOLA OSMOPE
PELA RUA MOUZINHO DA SILVEIRA, NO PORTO*





SER PORTUGUÊS, CRIADORES DE IMAGENS



CONFERENCISTA DO #8 ENCONTRO [PeP]: José Manuel dos Santos

AUTORES: António Faria, Lúcia Saldanha

ARTISTAS: Manuel Maria Bordalo Pinheiro, Maria Gabriel,
Música Portuguesa a Gostar dela Própria, SAM, Teresa Vieira e Mário Ferreira

CURADORIA: Lúcia Saldanha

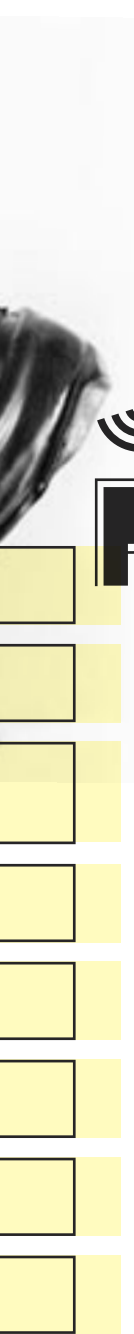
LOCAL: Galeria [PeP], Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa

PARCERIA: [PeP]

DATA: 18.02.2022 –22.05.2022

CATÁLOGO: Publicação em papel e digital

ITINERÂNCIA: Lisboa (Museu Nacional de Arte Contemporânea, 2022),
Olhão (Associação Cultural República 14, 2024), Serpa (Musibéria, 2024)



SER PORTU GUÊS

A melhor
identidade portuguesa
é aquela que nos encoraja
a conhecer, sem mentiras
e com espírito crítico,
o passado e a imaginar,
sem medos e sem complexos,
o futuro.
Só assim podemos viver
bem o presente.

JOSÉ MANUEL DOS SANTOS

IN "SER PORTUGUÊS"

CONFERÊNCIA NO ÂMBITO DO PROJETO

[PORTUGAL ENTRE PATRIMÓNIOS]

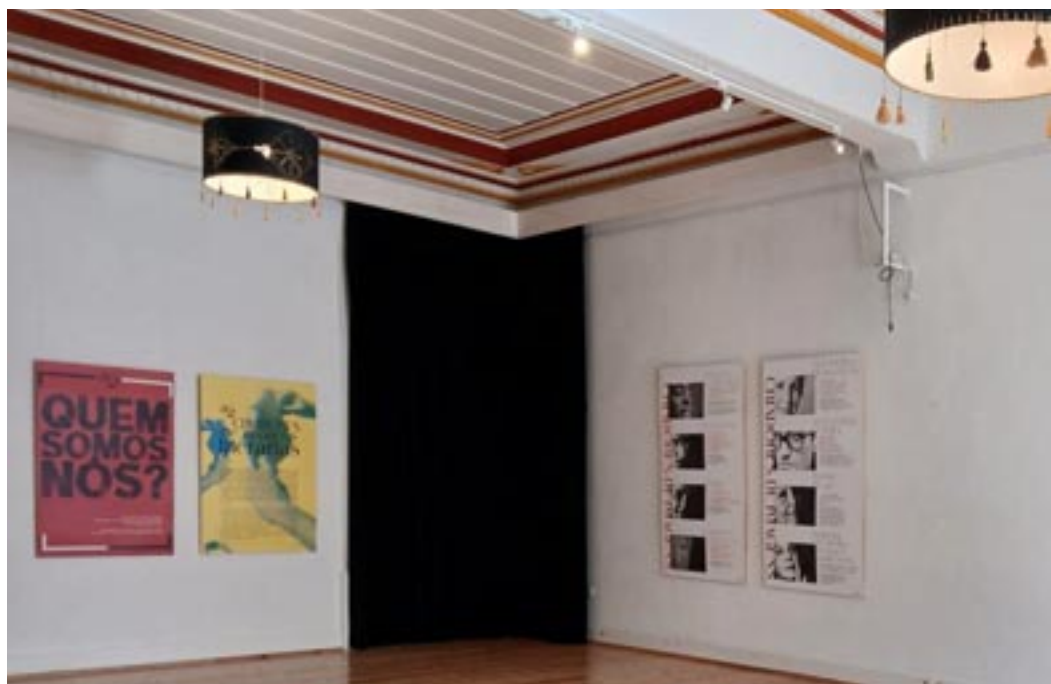
(NOVEMBRO, 2022)

A partir da ideia de criadores de imagens de Portugal, desenvolvida no oitavo encontro do projeto nacional do MNAC [Portugal entre Patrimónios] sobre Ser Português, foi intencionalmente criada uma coleção de cartazes e selecionadas algumas obras artísticas.

Esta exposição cruza imagens, referências e relações, pontos de partida para uma interrogação sobre uma multiplicidade de afirmações identitárias em tempos passados, presentes e futuros. É um pretexto para estimular a curiosidade por acontecimentos, pessoas ou lugares.

Inicia-se assim um ciclo expositivo temático que, como desafio, se propõe trabalhar hoje e futuramente, um repensar de fronteiras entre o individual e o coletivo, entre o eu e o nós. Nós, parceiros deste projeto, nós portugueses.

LÚCIA SALDANHA





SER PORTU GUÊS

WWW.PORTUGALENTPATRIMONIOS.GOV.PT

CO
LA
BO
RA
TI
VAS

MOSAICO – UMA IMAGINAÇÃO COLETIVA

A LITERACIA FAZ BEM À SAÚDE

VÍRUS E BACTÉRIAS VISTOS POR CRIANÇAS

CHIADO AO QUADRADO

MOSAICO – UMA IMAGINAÇÃO COLETIVA

ARTISTAS: Ana Cecília Carvalho de Sousa, Ana João Reis, Ana Matilde Milhano, Ana Silva Monteiro, Anabela Carvalho, André Santana, António Faria, Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Paiva, Bárbara Oliveira, Carina Soares, Catarina Carneiro de Sousa, Catarina Portugal, Cátia Ramos, Cristina Vaz de Almeida, Departamento de Cultura do Município de Amarante, EAAD da Universidade do Minho, Elisa Santos, Elvira Ventura, Emília Machado, Fernando Arruda, Filomena António, Helena Oliveira, Hilda Frias, Isabel Palma, Isabel Pereira Abate, Ismael Sequeira, Joana Melo, João Carreiras, João Dias, João Mareco, Jorge Vila Nova, José Jorge Monteiro, Leonor Picão, Lúcia Saldanha, Luís Luís, Luísa Pacheco Marques, Lurdes Esteves, Manuel Lacerda, Margarida Donas Botto, Maria Adelaide Ferreira, Maria do Castelo, Mariana Dias Coutinho, Mariana Ferreira, Mariana Jorge, Mário Ferreira, Marta Batardo, Mónica Fonseca, Paula Malinowska, Paula Monteiro, Paula Rodrigues, Paulo Fernandes, Regina Branco, Sofia Caldeira, Sofia Figueiredo, Sofia Garcia, Susana Leal, Telma Oliveira, Terceiro ano do primeiro ciclo 2021-22 OSMOPE, Teresa Vieira, Valdemar Dória, Zara Teixeira

CURADORIA: Emília Ferreira, Lúcia Saldanha

LOCAL: Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa

COLETIVO DE PARCEIROS [PeP]: AiR 351, Ano Europeu do Património Cultural 2018, AO NORTE Associação de Produção e Animação Audiovisual, MDOC-Festival Internacional de Documentário de Melgaço, Associação Cultural Castelo D'Iff, Associação Cultural Re-Criativa República 14, Auditório Municipal Carlos Paredes – Vila Nova de Paiva, Câmara Municipal de Loulé, CEJTM – Centro de Estudos Judaicos de Trás-os-Montes, Centro CLARA para o Futuro Rural, CERCICA – Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Cascais, CIBA – Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota, CIEJ – Centro de Informação Europeia Jacques Delors, CAAP – Comissão de Acompanhamento de Arquitetura e Paisagem, DGPC – Direção-Geral do Património Cultural, esad—idea, Investigação em Design e Arte Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Fundação Centro Cultural de Belém, Fundação Côa Parque, Fundação INATEL, GE Produções Criativas, Instituto Politécnico de Viseu, MARE Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea, Museu “Vilar Formoso Fronteira da Paz – Memorial aos Refugiados e ao Cônsul Aristides de Sousa Mendes”, Museu Municipal Amadeo Souza Cardoso, Museu Nacional do Azulejo, Museu Nacional Resistência e Liberdade, Fortaleza de Peniche, OSMOPE, Plataforma Cafuka – Associação Cultural, POLDRA – Public Sculpture Project Viseu, Portugal entre Patrimónios, Rota do Românico, Sociedade Portuguesa de Literacia em Saúde – SPLS, Terra Viva, TP – Turismo de Portugal IP, Universidade do Minho, Universidade do Porto, Universidade NOVA de Lisboa

DATA: 25.11.2022 – 17.01.2023

LOCALIDADES PARTICIPANTES: Almeida, Amarante, Batalha, Braga, Cascais, Chaves, Coimbra, Évora, Guimarães, Lisboa, Loulé, Loures, Lousada, Mafra, Matosinhos, Melgaço, Odemira, Olhão, Peniche, Ponta Delgada, Porto, Vale do Sousa, Viana do Castelo, Vila Nova de, Foz Côa, Vila Nova de Paiva, Viseu



Na Declaração Universal dos Direitos Humanos, cultura aparece entre participação e comunidade. Estas palavras expressam os conceitos mais amplamente utilizados para descrever a arte que é feita colaborativamente por artistas profissionais e não-profissionais: a arte participativa e a arte comunitária.

IN *UMA ARTE IRREQUIETA*, FRANÇOIS MATARASSO
© 2019, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Fazer um desenho coletivo, cuja autonomia prevalece sobre os autores, foi a proposta do projeto [Portugal entre Patrimónios] a todos os seus colaboradores e parceiros, na comemoração do seu quarto aniversário.

Em 4 folhas quadradas de papel amarelo, com contornos impressos, dispostas num quadrado maior de 60x60, cada autor soltou a imaginação e criou o seu registo com materiais riscadores de cor preta, em torno de um tema da atualidade ou da sua própria atividade.

Os desenhos reunidos na parede da Galeria [PeP], numa associação livre, apresentaram relações inesperadas revelando os traços do acaso nesta dinâmica criativa. A partir de todos os contributos parcelares deste “mosaico de papel” descobre-se simbolicamente a síntese de toda uma construção participativa, na qual, intencionalmente, cada um dos intervenientes desconhece o trabalho desenvolvido paralelamente pelos outros.

Na adesão a esta experiência e no cruzamento de expressões transparece a procura e a vontade de, através de uma multiplicidade de conteúdos, técnicas, leituras e referências, o grupo conseguir agir como um todo.

LÚCIA SALDANHA





UMA
IMAGINAÇÃO
COLETIVA

MOSAICO

A LITERACIA FAZ BEM À SAÚDE



ARTISTAS: Ana Monteiro, Cláudia Barradas, Diogo Goes, Flávia Germano Barra, Frederico Pratas, Maria De Fátima Silva, Nelson Ferreira, Verónica Ornelas

CURADORIA: Lúcia Saldanha, Rui Afonso Santos

PARCERIA: MNAC/SPLS - Sociedade Portuguesa de Literacia em Saúde

LOCAL: MNAC, Lisboa

DATA: 8.03.2023 a 20.04.2023

CATÁLOGO: Catálogo digital

ITINERÂNCIA: A itinerância foi realizada pela Sociedade Portuguesa de Literacia em Saúde.

Impedir que nos acomodemos aos modelos existentes, exige-nos um pensamento e uma partilha de novas formas com outras pessoas. Pelo olhar de 8 artistas cruzam-se os caminhos da comunicação terapêutica, do desenvolvimento de competências, da relação em saúde, da compreensão e a falta dela, da união de esforços e importância das parcerias frutíferas e dos diferentes pontos de vista.

REIMAGINAR A SAÚDE ATRAVÉS DA ARTE

Este é um campo de grande exploração sensorial, com evidência científica nos resultados em saúde.

A arte cura. A arte promove o bem-estar. Nesta exposição, (...) é fecunda a obra que surge de artistas abertos aos conceitos emergentes, mas ao mesmo tempo, estruturantes sobre a saúde.

Reconhecemos o valor da arte como fenómeno social. Acreditamos que a conexão social e o pensamento criativo e crítico conduzem a soluções, que pela sua natureza, muitas vezes têm de ser vistas por vários prismas.

Pelo olhar estético dos artistas (...) percorremos os caminhos da comunicação terapêutica, do desenvolvimento de competências, da relação em saúde, da compreensão e a falta dela, da união de esforços e importância das parcerias frutíferas e dos diferentes pontos de vista.

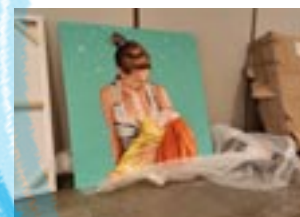
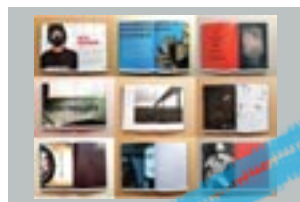
(...) Esta é uma forte parceria MNAC & SPLS, que convoca a sociedade, o cidadão, as pequenas e grandes comunidades, a olharem a aprendizagem da saúde através de intervenções deste tipo, que nos fazem pensar, sentir, e por fim memorizar.

As bases da literacia em saúde estão patentes em cada momento que percorremos estes trabalhos.

Nas obras e no percurso que por elas fazemos, conseguimos, em diferentes proporções, refletir sobre o acesso à informação, neste caso, através de uma observação pictórica que nos é oferecida, motivados pelo apelo sobre a importância da compreensão no cerne da complexidade do mundo da saúde e, por isso, essencial a sua simplificação e melhor inteligibilidade.

Este passeio por esta exposição “Literacia faz bem à Saúde”, também nos remete para o uso efetivo de uma consciência individual e coletiva, em que esperamos resultados promotores de uma visão mais holística sobre a forma de fazer saúde.

(...) A literacia faz bem à saúde



LITERACIA SAÚDE



ANA MONTEIRO. [LINKEDIN.COM/IN/ANA-DA-SILVA-MONTEIRO-A7795B2B](https://www.linkedin.com/in/ana-da-silva-monteiro-a7795b2b) • [WWW.BEHANCE.NET/ANACORTEX](https://www.behance.net/ANACORTEX)

CLAÚDIA BARRADAS - @MARY_OLIVE_ART

DIOGO GOES - @DIOGOGUESATELIER

FLÁVIA GERMANO BARRA - @FLAVIAGERMANOBARRA

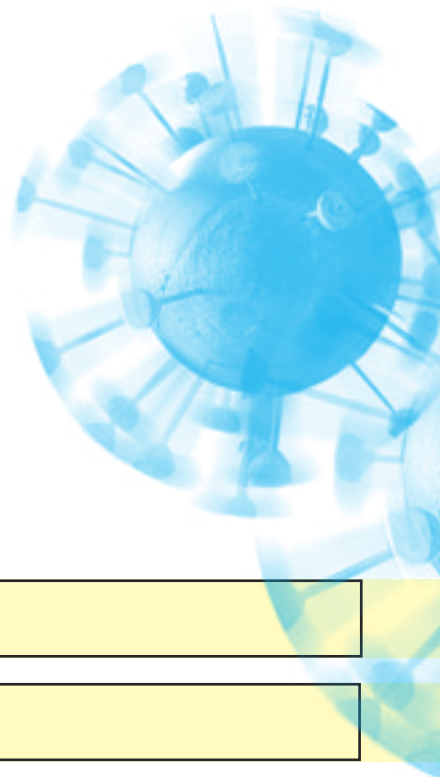
FREDERICO PRATAS - @FREDERICOMAGALHAESPATAS

MARIA DE FÁTIMA - @MARIADFATIMASILVA

NELSON FERREIRA - WWW.NELSON-FERREIRA.COM

VERÓNICA ORNELAS - ORNELASVERONIQUE@GMAIL.COM

VÍRUS E BACTÉRIAS VISTOS POR CRIANÇAS



ORGANIZAÇÃO: INFARMED/DGS/DGE

AUTORES: Alunos de 5 Escolas Embaixadoras e-Bug

CURADORIA: Ana Silva, Lúcia Saldanha

COORDENAÇÃO: Dulce Pascoalinho

PARCERIA PEP: MNAC/INFARMED

ESCOLAS: AE António Rodrigues Sampaio – Esposende; AE Gardunha e Xisto – Fundão; AE Pombal;
AE Montijo; AE Manuel Ferreira Patrício – Évora

LOCAL: Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa

DATA: 25.11.2022 – 17.01.2023



(...) Numa época saturada pelos meios de comunicação social e pela publicidade, a dimensão estética tornou-se uma zona decisiva de interação social.

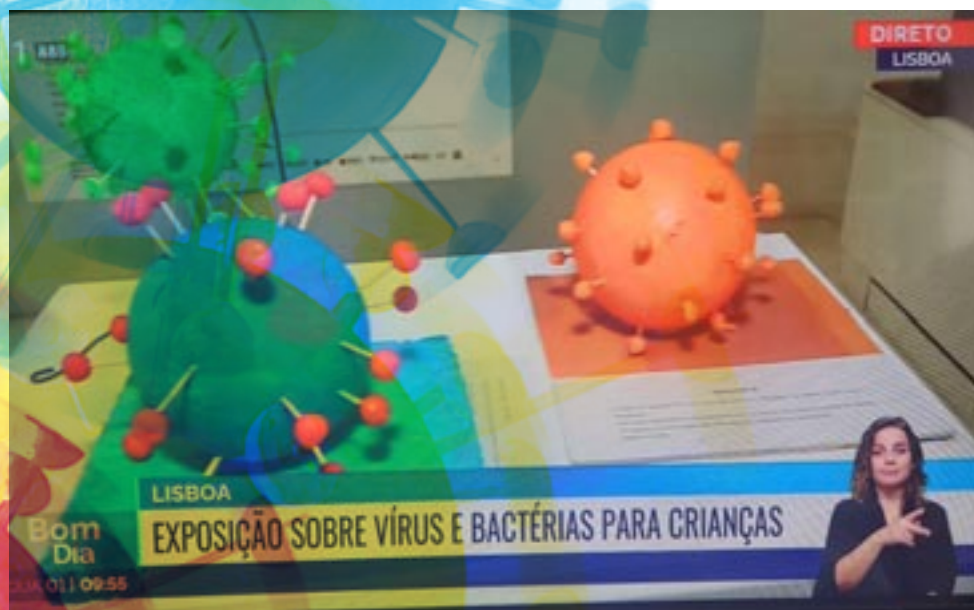
BRIAN HOLMES

IN ÀS ARTES, CIDADÃOS! © 2010,
FUNDAÇÃO DE SERRALVES

As peças representadas nesta exposição foram realizadas em contexto de sala de aula pelos alunos de 5 Escolas Embaixadoras do Programa Pedagógico e-Bug, com supervisão dos seus professores e com inspiração nos conteúdos e-Bug.

O Programa Pedagógico e-Bug destina-se à comunidade escolar e tem por objetivo aumentar a literacia em saúde nos temas da prevenção da infeção e da boa utilização dos antimicrobianos. O Programa está a ser implementado em Portugal através de uma parceria entre a Direção-Geral da Saúde (DGS), INFARMED, I.P. e a Direção-Geral da Educação (DGE). A coordenação a nível global é assegurada pela UK Health Security Agency (UKHSA) e em Portugal pelo Programa Prioritário de Controlo de Infeção e Resistências aos Antimicrobianos (PPCIRA) da DGS. A implementação nacional do programa decorre em simultâneo em Portugal e na Noruega e é financiada pelo EEA Grants Portugal.





CHIADO AO QUADRADO

AUTORES: Ana Moita, Adriana Ribeiro, António Faria, Alexandre, Alice Paulino, Amélia Fonseca, Ana Beatriz, Ana Teixeira, André Ferreira da Silva, Andreia César, André Miguel, Costa Ferreira da Silva, Andreia César, Ângela Fonseca, Artur Ferreira, Bárbara Magessi, Beatriz G., Beatriz Martins, Beatriz Paulino, Bianca, Car Martin, Carlos Conceição, Carolina Ganchas, Carolina Molina, Carolina Paysinho, Cassandra, Chico, Cláudia Matoos, Constança Picado Ribeiro, David Cyrelixa, Dino, Diogo Goes, Duarte Franco, Emilly, Emília Ferreira, Emílio Silva, Elisa ferreira, Eva Marques, Fernando Arruda, Filipa Branco Jaques, Fernando Nobre, Filipa Campante, Filipe Bernardo, Francisca, Gabrielle Pereira, Guilherme Simões, Gustavo Azevedo, Helena Ferreira, Helena Moitinho, Hilda Frias, Inês, Inês Oliveira, Iris Libâmio, Iris Oliveira, Joana Reis, João Centeno, João Madureira, João Ramos, Joaquim Rodrigues, Jorge Ferreira, José Amado Martins, José Manuel Fonseca, Juliana Matsumura, Kalibe N. Pinto, Leonardo, Leonor C., , Leonor Figueira, Leonor Marques, Leonor Nunes, Leonor Saldanha, Leonor Silva, Letícia Esteves, Lúcia Saldanha, Luís Sousa, Luzia Alves, Madalena Gonçalves, Madalena Marcelina, Madalena Santos, Manuel Lacerda, Manuela Magessi, Margarida Franco, Margarida Ribeiro Carvalho, Margarida Sameiro, Maria Inês, Maria Leonor Martins, Maria Luíza Ribeiro Falcão, Maria Pereira, Maria Pinheiro, Mariana, Mariana Cardoso, Mariana Carvalho, Mariana Gomes, Matilde Carmo, Matilde Figueiredo, Matilde M., Matilde Praneisco, Michelle Bastos, MLG, Mónica Ferreira, Monique Guimarães, Nuno Caetano, Nuno Lopes, Paulo Silva, Pedro Lopes, Pedro Serafim, Ricardo Ferreira, Rita Patrício Oliveira Eusébio, Salvador, Sandra Freitas, Sandra Macieira, Sandra Rodrigues, Santiago, Santiago Almeida, Simão Alexandre, Sofia Policarpo, Sofia Silva, Susana Fialho, Susana Martins, Tatiana Chyzhemska, Ticiany Silva Pereira, Valter Rosa, Yara Karpova, Yasmin Ucuamba, Zuki

CURADORIA: Lúcia Saldanha

PARCERIA: Quarteirão das Artes Chiado

MÚSICA: Banda Sinfónica da PSP

LOCAL: Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa

DATA: 15.12.2023 a 15.01.2024



Acreditando que o território envolve todas as variáveis da nossa vivência, desde a escala individual à coletiva, como redesenhar um território próprio à ação participada e à deambulação?

ALBERTO MAGNAGHI IN *A BIORREGIÃO URBANA — PEQUENO TRATADO SOBRE O TERRITÓRIO, BEM COMUM* © 2017, ESAD

O projeto [Portugal entre Patrimónios] do MNAC - Museu Nacional de Arte Contemporânea, no âmbito do Quarteirão das Artes (agregador de diferentes parceiros culturais no território do Chiado) desafiou pessoas que vivem, trabalham ou passam pelo Chiado, ou que de alguma forma têm uma relação com ele, a soltar a sua imaginação sobre uma simples folha impressa A4, vermelha, criando sobre ela, de uma forma totalmente livre, o seu próprio registo, a preto e branco.

Passando muito para além do extenso imaginário que se poderia associar a esta zona da cidade de Lisboa, às suas formas, arquiteturas, memórias, acontecimentos ou personagens, os muitos autores responderam ao desafio com uma multiplicidade de sensibilidades, conteúdos, técnicas, interpretações e referências. Com idades compreendidas entre os 4 e os 90 anos, e com as mais diversas aptidões, formações, profissões e interesses, partilham agora a autoria deste painel, que expressa a diversidade e a diferença, mas também a enorme riqueza de trabalhar em coletivo.

LÚCIA SALDANHA



CHIADO

2

CHIADO
AO QUADRADO
UM DESENHO
COLETIVO



INDI
VIDU
AIS
E
COLE
TIVAS

CÂMARA LENTA

TRILOGIA

O SOPRO DO SILÊNCIO

O SOPRO DA CINZA

SOPRO DA LUZ

SONS INVISÍVEIS

BALADA DO CONDADO LARANJA

FILIGRANA

OLHO QUE RI OLHO QUE CHORA

AS FILHAS DE LÉTHÊ

OLHAR DE VOLTA

O SUBMARINO FEMINISTA AQUAFLUXO

FEELING: OLHAR E RESSONÂNCIA

TRANSGRESSÕES

CÂMARA LENTA



ARTISTA: Mimi Tavares

CURADORIA: Rui Afonso Santos

LOCAL: Museu Nacional de Arte Contemporânea, Galeria [PeP], Lisboa

DATA: 23.09.2022 – 11.11.2022

PARCERIA: MNAC/ [PeP]



Este trabalho situa-se na fronteira entre a ordem e a desordem e desafia a nossa percepção, apresentando espaços desconstruídos que evocam tempos suspensos ou singulares, diversamente configurados, contando várias histórias em simultâneo, porventura das gentes que neles habitaram, numa lógica espacial ilógica que suscita narrativas mais ou menos inverosímeis que a nossa memória e experiência procuram clarificar.

A casa e a esfera doméstica têm constituído um dos vetores do trabalho de Mimi Tavares. Imagens de interiores desabitados são o ponto de partida para esta série de desenhos e pinturas que nos devolvem estes espaços não exatamente no sentido mimético do tema.

Estes interiores são ambíguos e desconcertantes, por vezes, à beira da desintegração, assomando como espaços inquietantes: desprovidos de gente, peçados de perspetivas inusuais e contraditórias, neles coabitam móveis e objetos de diferentes tipologias, de canapés, sofás, cadeiras, secretárias e camas a espelhos e mesas de encostar, numa cronologia incerta que vai de oitocentos à época moderna.

Embora anónimos, esses objetos são-nos familiares, pois crescemos a vê-los na casa dos avós, dos pais, na nossa, tendo-nos porventura calhado por herança, gosto ou necessidade – e, aqui, surgem resgatados e como que providos de uma segunda vida, de uma nova oportunidade.

Corredores, quartos, salas, passagens dirigem o nosso olhar para múltiplas direções, prolongando-se ilusoriamente as linhas de força estruturantes destes ambientes inquietantes como que para além do suporte físico do papel ou da tela, sugestão reforçada por paisagens que se abrem e se espriam pelas paredes circundantes. Desconcertante é esta construção espacial, ilusória e fragmentada, na medida em que, por vezes, estas passagens não conduzem a lado algum.

Ficamos mais desconcertados ao verificar que coexistem aqui diversas tomadas de ponto de vista, de contre-plongées tão acentuados, tirados de cima, tetos em estuque profundamente rebatidos que contradizem imediatas visões frontais

fragmentadas de paredes e janelas, num processo de sobreposição, passagem e acumulação. Os próprios móveis e objetos, alguns deles quebrados, evidenciando o desgaste do uso e a passagem do tempo, surgem de forma inusitada, por vezes suspensos do teto invertidos, outras vezes flutuantes, pousados simplesmente ou acumulados uns sobre os outros. Diversas e fragmentadas memórias emergem nestes espaços ambíguos, num tempo incerto, suspenso, onde possíveis narrativas baseadas nas experiências de cada qual procuram dar sentido a esta estranheza espacial, cronológica e narrativa, onde está ausente qualquer lógica racional ou sentido imediato.

Este é o espaço da solidão e da memória, servido por um desenho minucioso que se alia à própria essência da pintura, quer no tratamento da cor de uma coberta que se prolonga e derrama ilusoriamente em leito livre de tinta como na luz difusa que os ilumina, fantasmática por vezes, apropriando-se luz e cor dos próprios acidentes naturais, como manchas de humidade do suporte, pigmentadas, cromaticamente reaproveitadas e trabalhadas a tinta, acidentes naturais e ocasionais deliberadamente integrados na própria composição.

(...) Na única tela exposta, a própria luz, dramatizada, surge em negativo, embora colorida, reforçando também a singularidade elaborada destes espaços de memória.

Apenas no domínio da memória existem estes espaços e os objetos descartados, fora de moda e do tempo cronológico.

RUI AFONSO SANTOS





TRILOGIA:
O SOPRO DO SILÊNCIO
O SOPRO DA CINZA
O SOPRO DA LUZ

O SOPRO DA LUZ



ARTISTA: António Faria

CURADORIA: Emília Ferreira, Lúcia Saldanha

LOCAL: Fábrica das Palavras, Vila Franca de Xira

DATA: 06.06.2020 – 31.07.2020

PARCERIA: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira / MNAC

O silêncio não cede ao ruído. Nem à guerra, nem à paz.
Apenas à vida que nasce e se manifesta. Quando
o presentes, entregas-te à sua quietude, porque sabes
que aí se inicia um movimento irresistível, dir-se-ia um
sopro, onde tudo pode acontecer.

ISABEL CALADO

IN O SOPRO DO SILÊNCIO, OUT 2022

O Sopro da Luz fecha o ciclo de uma trilogia de exposições de António Faria. *O Sopro do Silêncio*, em que o artista deu voz visual à promessa do movimento interno do silêncio e *O Sopro da Cinza*, no qual revelou a inquietação do impulso criativo como um espelho imperfeito.

Em *O Sopro da Luz* emerge a tensão das formas e dos limites no pulsar do gesto e da cor, finalizando a série de trabalhos em que a motivação do silêncio, a força do renascer das cinzas e a necessidade de luz para a presença da sombra estão sempre presentes, como um sopro contínuo, no universo em construção do artista. Desenhos com som, vídeo, material publicitário e grafitis abrem caminho à mudança na estética anteriormente desenvolvida. Do sopro de luz surgiu, atrás de um muro, um lugar secreto. *A sombra de um demónio que ele nunca enfrentou.*

EMÍLIA FERREIRA, LÚCIA SALDANHA



O Sopro da Luz

Curadoria – Emília Ferreira, Lúcia Saldanha

22.04.2023 – 03.09.2023

Fábrica das Palavras, Vila Franca de Xira

PARCERIA:

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira / MNAC



O Sopro do silêncio

Curadoria - Emília Ferreira, Isabel Calado

05.10.2022 – 06.11.2022

Centro Cultural Penedo da Saudade, Coimbra

PARCERIA: MNAC / ESEC



O Sopro da cinza

Curadoria – Emília Ferreira, João Albuquerque Carreiras

24.10.2022 – 31.12.2022

Reitoria da Universidade NOVA de Lisboa

PARCERIA: MNAC / Universidade Nova de Lisboa



ANTONIOFARIADRAWINGS.WEEBLY.COM
[WWW.INSTAGRAM.COM _ANTONIO__FARIA_](http://WWW.INSTAGRAM.COM/_ANTONIO__FARIA_)

SONS INVISÍVEIS



ARTISTA: Mimi Tavares

LOCAL: Galeria Rua Capelo e Jardim das Esculturas do MNAC, Lisboa

DATA: 22.10.2023 – 22.10.2023

PARCERIA: [PeP]

Esta mostra resume o trabalho realizado durante a minha Residência Artística no MNAC entre julho e setembro de 2023.

Interessou-me estudar a vida e a obra de pintores portugueses ativos entre os anos sessenta do século XIX e as primeiras décadas do século XX que integram a coleção do museu e fazem parte da sua história. Entre eles encontram-se os pintores das duas gerações de Naturalistas, e outros posteriores, cujos percursos com o deles se cruzaram mas cujo trabalho procura já outros caminhos.

Retratei-os em esboços rápidos para me fazerem companhia enquanto trabalhava. Tomei como referência aspectos da sua pintura que, de algum modo, viessem de encontro à minha pesquisa pessoal, procurando criar pontes entre o passado e o presente. Refleti sobre o que o seu trabalho tinha em comum e sobre as características que os distinguiam, identificando temas que lhes eram queridos e usando-os como mote para pequenos núcleos de desenhos: *Contemplações, Solitárias pelos campos, Medas, Praias e outras águas*, etc.

Algumas das pinturas que fui descobrindo ou reencontrando tocaram-me particularmente (*Contemplação*, de António Carneiro, *Uma manhã em Creys*, de Alfredo de Andrade, *Sonho e Sunhitá*, arquiteto japonês de Veloso Salgado, *Recanto da praia* e *O lago de Enghien*, de Silva Porto, *Praia Grande*, de Alfredo Keil, *As mêdas, fim de tarde* de Marques de Oliveira, entre tantas outras) e procurei homenageá-las, retribuindo com os meus desenhos o muito que com elas aprendi.

MIMI TAVARES







BALADA DO CONDADO LARANJA

ARTISTA: Catarina Patrício

CURADORIA: Emília Ferreira

LOCAL: MNAC, Galeria [PeP], Lisboa

DATA: 16.11.2023 - 07.01.2024

PARCERIA: [PeP]



Vivemos no seio de relações, em espaços e tempos concretos e físicos, mas também conceptuais, com ideias, sonhos, esperanças, crenças. A velha definição do humano como o animal que significa, o animal cultural, é notória no trabalho de Catarina Patrício. Imagens e palavras — nada escapa à história e à cultura. E é isso que a artista expressa, em análise cirúrgica, de lápis em riste, em versão de benigno bisturi.

A exposição “Balada do Condado Laranja”, projeto integrado no espaço laboratorial da Galeria [PeP], reúne 3 desenhos e 3 poemas visuais, da autoria de Catarina Patrício. Na relação entre os dois grupos de trabalhos encontramos a velha, mas sempre complexa (outro modo de dizer dinâmica e rica), relação entre imagem e palavra, na igualmente antiga busca da criação de novas sequências de linguagem. Podem imagens e palavras iluminar-se reciprocamente?

Analista das formas visuais do mundo, com particular apetência para a sua revelação através do cinema, Catarina Patrício aborda o desenho de um modo eminentemente técnico, sem, contudo, iludir aspetos emocionais, narrativos, a que a escolha dos *frames*, e as novas montagens (sobreposições, invenções, cruzamentos de imagens e palavras) nos convidam.

MNAC**EXPOSIÇÃO**16 NOVEMBRO 2023 | PELAS 18H00
16 NOVEMBRO A 07 DE JANEIRO 2024CURADORIA
EMÍLIA FERREIRA

BALADA DO CONDADO LARANJA

-CATARINA PATRÍCIO-

REPÚBLICA PORTUGUESA

MINISTÉRIO DA CULTURA

MNAC

[PORTUGALCENTRO PATRIMÓNIOS]

DIRECÇÃO REGIONAL DE PATRIMÓNIO CULTURAL

DRPC

DIRECÇÃO REGIONAL DE PATRIMÓNIO CULTURAL

LUSITANIA

REPÚBLICA PORTUGUESA



It's over.



Dystopia I guess.

FIL IGRA NA



ARTESÃOS: Abel Armando Silva, ARPA, Aurélio & Monteiro, Oficina do Ouro, Jorge Silva, J. Monteiro Sousa & Filhos, Eugénia Seixas, António de Oliveira Cardoso, Inês Barbosa, Classic Silver, António Martins Castro & Filhos, J. Soares

MUNICÍPIOS: Gondomar | Póvoa do Lanhoso

TEXTOS: Sónia Felgueiras

PRODUÇÃO: Valor do Tempo

LOCAL: MNAC, Galeria [PeP], Lisboa

DATA: 14.01.2024 – 04.02.2024

PARCERIA: Quarteirão das Artes Chiado



A História escreve-se a ouro em duetos cantados no silêncio por finos fios torcidos e batidos, em joias únicas feitas à mão com métodos de produção ancestrais.

A Filigrana é feita hoje como era feita há centenas de anos - com a mesma paciência, com o mesmo detalhe, com a mesma técnica. Os alicates, as rilheiras, os rubis e as forjas venceram o tempo, guiados pelas mãos de quem sabe.

Atualmente os artesãos continuam a viver a sua arte dedicados à beleza harmoniosa das cornucópias, dos crespos, dos “esses a beijar”, dos rodilhões e das escamas, avessos à produção industrial. Eles e o seu trabalho são o foco desta exposição desenvolvida no âmbito do Quarteirão das Artes, e do projeto nacional do MNAC, [Portugal entre Patrimónios].

Com um legado de sabedoria, tradição, ínfimos detalhes e desenhos que sobreviveram à passagem do tempo, a Filigrana afirma-se hoje pela mestria das mãos de quem a cria, e distingue-se como património cultural imaterial português. Nesta mostra, joias únicas feitas à mão combinam métodos e desenhos de produção ancestrais, com um design mais contemporâneo.

SÓNIA FELGUEIRAS





OLHO QUE CHORA OLHO QUE RI



ARTISTA: Agostinho Santos

FILME: "Monstros de Agostinho Santos" EPI - Escola Profissional de Imagem,
Curso de Animação 2D e 3D, Alunos da Turma - ANI 23

CURADORIA: Lúcia Saldanha, Tiago Alves da Veiga

LOCAL: MNAC, Galeria [PeP], Lisboa

DATA: 15.02.2024 – 10.03.2024

PARCERIA: Escola Profissional de Imagem - EPIC

Uma pintura premente de intenção e velocidade.

FERNANDO LANHAS

IN MATÉRIA PRIMA – PINTURA, DESENHOS, OBJECTOS - 2004

A força da sua expressividade imediata e capacidade produtiva transmite um permanente desassossego e uma visão crítica da sociedade.

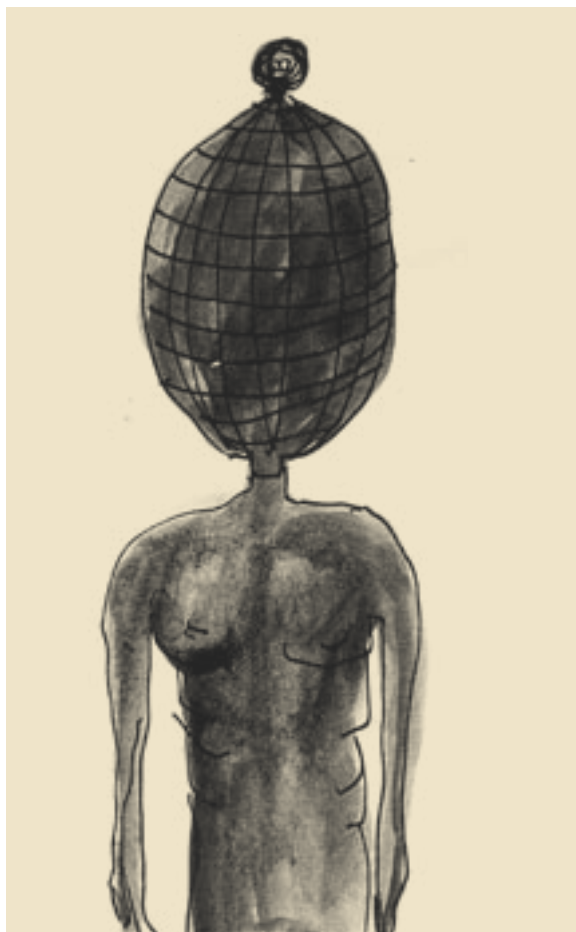
LÚCIA SALDANHA, TIAGO ALVES DA VEIGA

A exposição centrou-se em desenhos e pinturas que expressam a compulsão do artista em gerar novos modelos gráficos de protesto social, na criação de uma linguagem imediata, que se aproxima de uma narrativa gráfica. Foi complementada em movimento no filme “Monstros de Agostinho Santos”, realizado pelos alunos do Curso de Animação 2D e 3D, num desafio colaborativo lançado pelo MNAC, acolhido e integrado pelo professor Nuno Costa no programa do curso da EPIC.

Verifica-se como um percurso artístico pessoal pode despoletar novos ramos de criatividade, neste caso um filme animado. Nesta exposição, os “monstros” de Agostinho Santos ficaram encerrados num ecrã. O recurso a pormenores de pinturas do artista, principalmente personagens que foram destacadas de uma vasta galeria ou bestiário pessoal e a banda sonora tribal, conviveram intimamente com as obras expostas, tendo o artista cedido a matéria-prima para o filme: monstros, assumidos e em fuga, sujeitos a existirem por diversos meios e a assombrarem-nos.

O efeito *loop*, tanto visual como sonoro permitiu instalar o filme de modo permanente no espaço expositivo, criando, para além da óbvia cumplicidade com os desenhos expostos, fundada no apelo à mudança e transformação, um ritmo próprio de assimilação perceptiva dos trabalhos expostos.

TIAGO ALVES DA VEIGA



AGOSTINHO SANTOS
2012 • BOMBEIRÃO GRÁFICA
11 X 15 CM (ARTIST'S EDITION) • 100 COPIES





AGOSTINHO SANTOS
2014 • CONTAS DO DIA II
30x20 CM • TINTA NA CHITA XIFRAEL



AS FILHAS DE LÉTHÊ



ARTISTA: Helena Ferreira

CURADORIA: Lúcia Saldanha

LOCAL: MNAC, Galeria [PeP], Lisboa

DATA: 04.04.2024 – 28.04.2024

CATÁLOGO: Em papel

PARCERIA: [PeP]



O conjunto de obras que compõem esta exposição dá corpo à temática da invisibilidade das mulheres operárias na luta pelos seus direitos em contexto laboral, social e familiar durante a 1.ª República Portuguesa.

HELENA FERREIRA

A metodologia criativa e toda a visualidade desenvolvidas por Helena Ferreira no projeto *Chiado, Carmo, Paris e os Caminhos de Salgueiro Maia – 2024*, em *As filhas de Léthê*, apresentado na Galeria [PeP] do Museu Nacional de Arte Contemporânea, em Lisboa e, posteriormente, em *Olhar de volta*, apresentado no Paio de Castelo de Vide, conjugam-se bem com a observação de Paul Klee de que *arte não reproduz o visível, torna visível*.

O conjunto das peças expostas têm um cariz instalativo, documental e gráfico, e a intenção de tornar visível narrativas e memórias à margem dessa nossa memória coletiva e abordar a fragilidade e instabilidade de direitos adquiridos. São uma homenagem a mulheres com histórias de vida dignas de atenção e destaque. Como experiência artística, mesmo que momentaneamente, as exposições dão uma dimensão coletiva às suas narrativas e memórias e uma nova relação com o tempo.

As nascentes míticas *Léthê* e *Mnemosine* — *Léthê* provocava o esquecimento em quem dela bebesse e *Mnemosine* favorecia a memória — inspiraram Helena Ferreira a fazer emergir, da “fonte” do esquecimento, os rostos e nomes de operárias anónimas de Alcântara, Xabregas, Poço do Bispo, Almada e Setúbal que, durante e depois da 1.ª República Portuguesa, desafiaram as normas ao liderar manifestações defendendo a igualdade de género, justiça laboral, e a emancipação feminina.

As imagens encontradas nalgumas páginas de jornais da época deram origem a esta série de desenhos a pó de carvão que, no momento da inauguração, são “desvelados” pela mão dos visitantes. Da superfície das folhas de papel em branco surgiram *As filhas de Léthê*, um conjunto de retratos coletivos e individuais, como os de Flávia de Mattos, Capitolina de Jesus e Liberdade da Pátria.

LÚCIA SALDANHA





OLHAR DE VOLTA

ARTISTA: Helena Ferreira

CURADORIA: Lúcia Saldanha

LOCAL: Paio de Castelo de Vide

PARCERIA: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

DATA: 02.07.2024 – 30.08.2024

CATÁLOGO: Em papel



Inesperadamente surge a frase “Por trás de um grande homem está sempre uma grande mulher”. A frase que sempre temi escutar sobre Natércia. De um fôlego, preparava-me para rebater, quando Natércia atalhou assertivamente:

— Ao lado... ao lado....

HELENA FERREIRA, NATÉRCIA SALGUEIRO MAIA

Cada memória social transmite ao presente uma das múltiplas representações do passado que quer testemunhar. Os objetos expostos no Paiol de Castelo de Vide integram trabalhos criados a partir de slides tirados por Fernando Salgueiro Maia à sua família, permitindo “um olhar de volta” a partir do *viewfinder* da sua câmara fotográfica. Aqui, através da dimensão artística é feita a aproximação a uma dimensão menos conhecida das suas vidas, em que a atenção do fotógrafo e a atenção da família, no instante de serem fotografados, são também o foco da nossa atenção. Uma homenagem a Natércia Salgueiro Maia, simbolicamente inaugurada no dia do 80º aniversário do nascimento de Salgueiro Maia.

Em ambas as exposições - *As filhas de Léthê* em Lisboa e *Olhar de volta* em Castelo de Vide, as relações recíprocas entre imagens e a sua vizinhança espacial tornam-se essenciais à compreensão do alcance da sua associação. O ato de cada inauguração aproxima-se de um ritual mágico em que, ao acionar-se a alavanca de cada dispositivo, as respetivas imagens são desveladas pelo visitante à medida que o pó de carvão percorre os sedimentos brancos do gesso, fazendo surgir e fixando memórias na superfície do papel. Com efeito, a artista dá forma ao invisível através da magia da imagem, explorando o poder revelador dos dispositivos que criou e a cumplicidade entre o desenho de branco sobre branco, a génese poética da técnica que desenvolveu e o olhar do visitante.

LÚCIA SALDANHA





O SUBMARINO FEMINISTA AQUAFLUXO



ARTISTA: Ana Norogrande

CURADORIA: Gaudêncio Fidelis

LOCAL: MNAC, Galeria [PeP], Lisboa

PARCERIA: [PeP]

DATA: 10.05.24 – 30.06.24

CATÁLOGO: Em papel

Há 9 nanos, em 2015, eu precisei de sair de barco para levar as minhas obras para a Bienal do Mercosul. Na próxima semana farei a instalação *O Submarino Feminista Aquafluxo* no MNAC, que relembra este facto (cheias no Rio Grande do Sul - Brasil). Por coincidência, o meu atelier na ilha Grande dos Marinheiros/Poa, neste momento, está numa situação semelhante e muito mais crítica.

ANA NOROGRANDE

O Submarino Feminista Aquafluxo é uma instalação multimodalidade da artista Ana Norogrande que foi concebida como uma construção metafórica que invoca o interior de um submarino intitulado aquafluxo. Essa interioridade é transformada em exterioridade através de paralelismo com o espaço do museu onde foi instalada, não somente por essa construção metafórica, mas através de um vínculo com a realidade do chamado “sistema da arte”, representada aqui pelo espaço longitudinal específico da Galeria [PeP] do Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC). A obra foi concebida como um repositório de ideias e conceitos, como sendo uma plataforma de experimentação sensorial, com o objetivo de colaborar para construir uma “historiografia dos sentidos”, de maneira não ilustrativa, com a utilização de dispositivos conceituais vinculados aos sentidos. Nesta obra da artista, a forma artística e a invenção do design são expressas através da *fatura* (faktura- -фактура) destes objetos, e mediadas por meio das recorrentes modalidades artísticas (escultura, pintura, desenho, fotografia, etc.) e, finalmente, ativadas pela introdução operacional da metáfora de um “submarino feminista” na construção da forma e sua existência no espaço, numa relação espaço-tempo/aquosa. Aspectos como a realidade material dos objetos, a estrutura semântica da forma, a especificidade da artesanaria, o design da forma, os modos de *display* e a operacionalidade conceitual e metafórica dos sentidos, considerando sua determinação histórica e sua percepção, são alguns dos determinantes deste projeto artístico.

GAUDÊNCIO FIDELIS





feel *in*

FELLING: OLHAR E RESSONÂNCIA

ORGANIZAÇÃO: MNAC, Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa,
Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

CURADORIA: António Barbosa, Lúcia Saldanha

CONCEITO E COORDENAÇÃO: Miguel Barbosa

LOCAL: Galeria [PeP] e Sala Polivalente, MNAC, Lisboa

DATA: Olhar – 9.07.2024 a 15.11.2024; Ressonância – 9.07.2024 a 15.09.2024

CATÁLOGO: Em papel



É um renovado privilégio o encontro de Arte e Ciência neste projeto expositivo que, mais do que a razão, sublinha o papel do sentir (não apenas do ver), no processo das aquisições de competências. (...) Possam estas pistas cognitivas e emotivas de Feeling: Olhar e Ressonância potenciar aventuras e descobertas ao visitante e levar cada um de nós ao cultivo da porventura mais mágica das qualidades: a curiosidade.

EMÍLIA FERREIRA

Feeling desdobra-se em dois núcleos, *Olhar e Ressonância*, que convocam o conhecimento científico, a expressão artística e a vivência emocional ao questionarem o lugar da intersubjetividade na relação humana e na experiência estética do bebé.

O primeiro núcleo, *Olhar*, integra o trabalho inovador e de longa data da Companhia de Música Teatral (CMT) na produção de projetos artísticos para a infância e a investigação sobre as respostas e o envolvimento dos bebés realizada pela equipa do Laboratório de Música e Comunicação na Infância /CESEM da FCSH-UNL.

Olhares autênticos de bebés conduzem-nos às suas experiências singulares, observáveis em vídeos, que capturam momentos intrigantes de reações de bebés perante segmentos de espetáculos da CMT, sujeitos a uma microanálise comportamental e interaccional.

Estas reações dos bebés convidam a um questionamento acerca do impacto e da natureza intrínseca da experiência estética na infância.

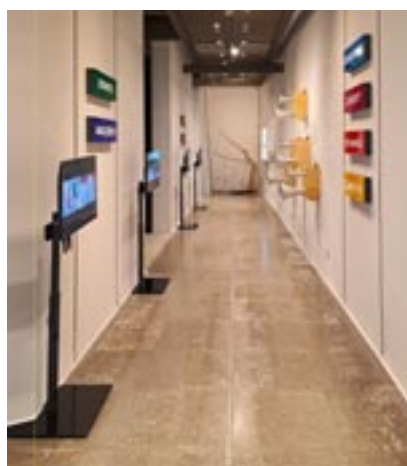
O segundo núcleo da exposição, *Ressonância*, desloca a investigação científica, desenvolvida no projeto lisBOND da Universidade de Lisboa e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), para um espaço interativo de expressão artística e de vivência emocional, onde se evidencia a importância da intersubjetividade na formação dos vínculos humanos precoces.

O percurso inicia-se com a possibilidade de revisitação de vivências pessoais nas trajetórias de vida, absorvidas na memória e impregnadas num organismo dinâmico em constante metamorfose identitária.

Nos subnúcleos seguintes o desafio é experimentar-se como cocriador de momentos interativos a partir de sentimentos, significados, impactos estéticos e decisões motivadas por ressonâncias com modelos de bebês virtuais gerados por inteligência artificial.

Ressonância termina com uma síntese autorreflexiva perante um mosaico identitário, onde a diversidade das experiências relacionais se funde numa imagem única que apela à responsabilidade individual e coletiva.





TRANS GRES SÕES

ARTISTA: António Faria

CURADORIA: Rui Afonso Santos

CONCEITO E COORDENAÇÃO: Lúcia Saldanha

TEXTO: Rui Afonso Santos

LOCAL: MNAC, Galeria [PeP], Lisboa

DATA: 22.11.2024 – 23.02.2025

PARCERIA: [PeP]

A avidez e a sua filha direta, a insatisfação,
são das maiores fraquezas do ser humano.

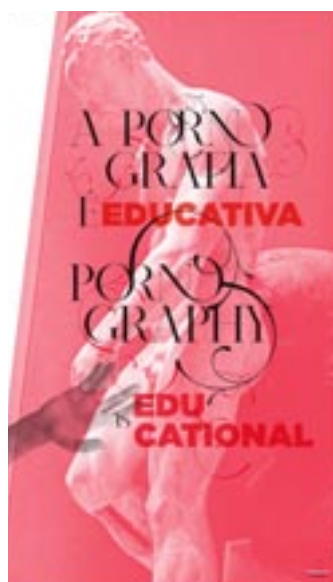
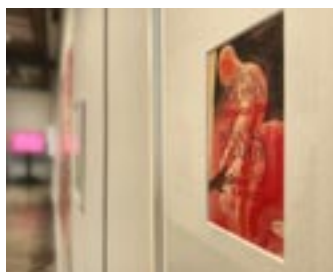
Regressámos ao neopuritanismo.
A maior conquista da humanidade,
a democracia, está em risco.

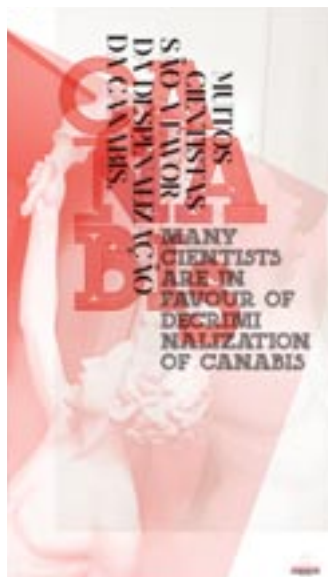
O estado social está a desaparecer,
o Serviço Nacional de Saúde também.

A presente exposição dialoga com as questões de tempo, memória e identidade, com a disciplina rigorosa do Desenho e o Design Gráfico. Oito painéis impressos apresentam a imagem manipulada de peças do acervo de escultura do Museu Nacional de Arte Contemporânea, fundado precocemente em 1911, no quadro mental renovador da jovem Primeira República Portuguesa.

Sobre as imagens deste acervo sobrepõem-se slogans provocatórios ou não, em português e inglês, com diferentes tipos cursivos. Eles alteram o sentido do deleite meramente contemplativo e estetizante destas esculturas, reivindicando questões críticas e arquetípicas que abalam os fundamentos culturais do mundo ocidental, obrigando ao seu questionamento e transformação num mundo abalado, também ele, pela incerteza inerente à frágil condição humana.

Uma envolvente sonora de *easy listening* altera, também ela, a percepção destas imagens, em alusão à alienação das sociedades em que vivemos, propondo, sem demagogia, o alertar das consciências e o apelo à liberdade praticante e responsável de cada um de nós.





BA
SES
GALE
RIAS
VERTI
CAIS

AGUALVA-CACÉM

COIMBRA

COLARES

ERICEIRA

LISBOA

LOUSÃ

PORTO

SERPA





Ao olhar para os suportes como ponto de partida para criação e apresentação de obras de arte, este projeto repensou as estruturas expositivas levando assim a galeria para o espaço público, para o exterior, dando uma ênfase particular ao lugar.

Do soneto MUDAM-SE OS TEMPOS, MUDAM-SE AS VONTADES de Luís Vaz de Camões (1524-1579), a frase *TODO O MUNDO É COMPOSTO DE MUDANÇA* serviu de mote para os projetos das Bases - Galerias Verticais do Porto, MIRA Galerias - MIRA FORUM, e de chapéu para as Galerias Verticais de todo o país.

A proposta traduz-se na reutilização de suportes para o desenvolvimento de projetos expositivos a acontecer em lugares improváveis, ao ar livre ou em espaços interiores com acesso público. Pretendeu-se que manifestações artísticas saíssem das paredes e espaços formais de galerias e museus e acontecessem em lugares onde quotidianamente as pessoas passam ou estão.

Na procura de criar uma rede de BASES plural, esta proposta do projeto nacional do MNAC [Portugal entre Patrimónios] reuniu como dinamizadores o MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea (Lúcia Saldanha), a NOVA – Universidade NOVA de Lisboa (Catarina Portugal e João Carreiras) e o MIRA Galerias - MIRA FORUM (Manuela Matos Monteiro).

Suportes expositivos informais trouxeram a arte para fora do seu contexto habitual. Espaços que foram um suporte pontual para a criação ou acolhimento da obra, permitiram um formato passível de associar diferentes expressões artísticas, visuais, corporais e sonoras, sempre numa lógica de encontro, criação e partilha. Uma iniciativa aberta a todos, artistas, profissionais, amadores, estudantes de artes, que se identificassem com o espírito da proposta: expressão – pintura, fotografia, escultura e instalação.

Cada BASE recebeu diferentes tipos de obras, criadas ou adaptadas a cada Galeria Vertical, envolvendo múltiplas técnicas e materiais. Os autores usaram como suportes muros, árvores, postes, mastros, paredes, janelas, portas, montras, vedações, cafés, um jazigo, uma discoteca, um túnel de águas termais, espaços devolutos, e outros.

No Porto, o MIRA Galerias - MIRA FORUM optou por um modelo Open Call/ Chamada Aberta, cujo mote foi o verso de Camões *Todo o mundo é composto de mudança*.

A apresentação das BASES – Galerias Verticais é feita por LOCAIS e por ORDEM ALFABÉTICA:

META MOR FOSE

AGUALVA-CACÉM

AUTORIA: Amélia Barradas, Ana Rosa Teixeira, Ana Paula Pereira, Ana Paula Reis, António Pereira, Clementina Castelhan, Célia Godinho, Cátia Bragança, Debora, Flávia, Dulce Feliciano, Isabel Garrett, Jelsa Oliveira, Júlia, Leonor Duque, Lúcia Conceição, Luís Farinha, Maria Isabel Marques, Rui Castilho, Natalina Santos, Pedro Freitas, Rosa.

DATA: Novembro 7, 2024

LOCAL: CECD - Cooperativa para a Inclusão, Av. 25 de Abril 190, Mira Sintra 2735-631 Agualva-Cacém

Esta Base faz parte de uma escultura criada no âmbito do projeto Primavera Arte organizado pelo C.E.C.D. Mira Sintra e pela CMS-Centro Lúdico das Lopus. Desenvolvida em processo de metamorfose, a escultura expõe simbolicamente as virtudes de uma dinâmica coletiva, que gera a interdependência e, também, espaços próprios e autónomos, caminhos com diferentes possibilidades, cuja rede desenhada potencia a escolha de quem quer dar corda ao sonho e abre as portas da inclusão para todos. A escultura, comportando inúmeras possibilidades de construção e reconstrução, reflete os muitos caminhos tecidos de aprendizagens, afetos, vivências em comunidade e projeta-se como um puzzle multidimensional para novas possibilidades. A responsável pelo projeto foi Maria de La Salette Costa da CECD – Cooperativa para a Inclusão e a responsável pela expressão plástica, Ana Paula Xavier Fernandes.







WANTED MY ANCESTRY NOW

COIMBRA

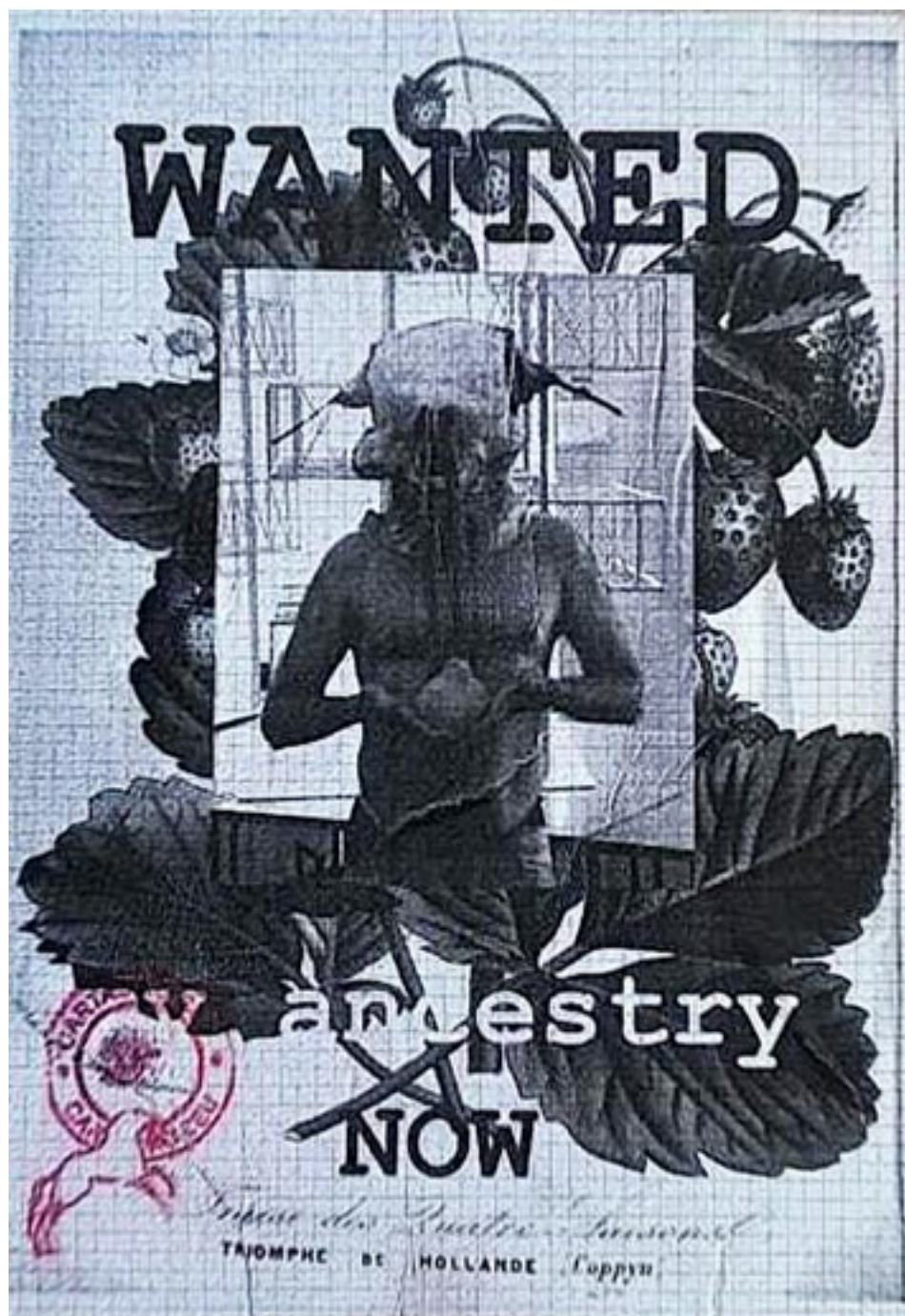
AUTORIA: Jorge Cabrera

DATA: Julho 2024

LOCAL: Rua Volta das Calçadas de Baixo, Coimbra

Em *WANTED My Ancestry Now*, Jorge Cabrera (que assina a sua obra com um carimbo onde se representa o cavalo de S. Jorge, um guia espiritual do artista) cria uma galeria urbana na Rua Volta das Calçadas de Baixo. Aí afixa uma série de cartazes, utilizando como expositores as caixas de distribuição de energia elétrica dessa estreita artéria de Santa Clara - a zona da cidade situada na margem esquerda do rio Mondego, esta que ao longo de muitos anos tem sido considerada e tratada pela política local como secundária relativamente à margem direita. Gracejando com as palavras, diríamos que a intervenção do artista, não sendo fora da caixa, é uma intervenção fora da moldura. E assim se inclui num dos mais bem sucedidos desideratos da arte contemporânea, iniciado no século passado: a ocupação do espaço público (...). Nos seus cartazes (que são também panfletos, na medida em que contêm uma mensagem de denúncia da subjugação dos povos ao poder dos invasores e especificamente da expropriação/deslocação destes objetos rituais do seu território de origem para serem expostos nos então – e até hoje – chamados gabinetes de curiosidades), vemos um corpo equipado com essas máscaras. A figura expressa um desejo, faz mesmo uma exigência: ela procura e reclama os seus ancestrais.

(...) *Wanted my ancestry now* é portanto mais um episódio de uma mesma história, como um cajado oferecido ao viajante para o seu longo caminho de libertação, que começou faz tempo.







COLARES

A MOLDURA ITINERANTE

AUTORIA: Margarida Danha

DATA: Agosto 2024

LOCAL: Colares (Praia Grande, Penedo) e Ericeira

A moldura itinerante teve três ideias base: o facto de a frugalidade ser libertadora; o desejo de reutilizar para criar; e fazer um desafio aos transeuntes. Para isso utilizou-se um objeto reutilizável - uma moldura, e diferenciou-se o seu compromisso na experiência da visualização.

Como a natureza da proposta BASES – Galerias Verticais permite inovações formais e de experimentação, neste projeto expositivo a arte pôde ser vivenciada de um modo não palpável. Uma moldura branca de 60 x 60 cm com uma abertura de 22 x 33 cm originou encontros transformadores e conexões com o meio circundante através de uma dinâmica entre o objeto, a pessoa/transeunte, o espaço em redor e a dinamizadora que, levando a moldura na mão, na Praia Grande, no Penedo e na Ericeira, abordou pessoas que passavam. A cada uma foi proposto que no local, com a moldura, escolhesse um conteúdo/uma imagem que quisesse pintar ou fotografar. A opção de cada uma era fotografada, com as suas mãos visíveis a segurar a moldura. *Os olhos de cada um, ao verem, ao sentirem, e ao enquadrarem a sua “pintura” ou “fotografia”* ganhavam confiança durante o processo de escolha e, enquanto a curiosidade e a atenção de cada um aumentava, a estranheza diminuía proporcionalmente.

Em cada intervenção, o ponto de vista é literalmente a assinatura do autor. Estas fotografias testemunham algumas das diversas criações efémeras como experiências artísticas associadas à itinerância de uma moldura. O entusiasmo e a satisfação no “querer fazer” reforçaram a ideia de que todos somos potenciais artistas. “Despertou um monstro dentro de mim, agora quando olhar para qualquer lado, ponho tudo dentro da moldura. Vou arranjar uma moldura” foi o comentário de uma participante/autora nesta experiência.







MENIR

ERICEIRA

AUTORIA: Maria De Fátima Silva

DATA: Setembro 14, 2024

LOCAL: Túnel das Termas, Parque de Santa Maria, Ericeira

Criar para um espaço específico é uma das tendências da produção contemporânea, seja em galerias, ambientes naturais ou áreas urbanas. *Menir* é uma instalação incorporada no Túnel das Águas Termais de Santa Marta na Ericeira como elemento agregador e memorial coletivo, que aqui pontua paisagens simbólicas e sagradas, marco territorial que estabelece um paralelismo com este local tão peculiar. Também este sítio é um marco estrutural de um antiquíssimo tempo, em que os povos profetizavam estas águas mineromedicinais, com um carácter de cura e de culto. Uma ligação entre a identidade de vários grupos e das raízes telúricas baseadas neste lugar das Furnas, o seu Santuário.

MARIA DE FATIMA SILVA







ALMADA

LISBOA

AUTORIA: Reitoria da Nova, Campus de Campolide, Lisboa

DATA: Setembro 2023

LOCAL: Campus de Campolide, Lisboa

Por ocasião do Colóquio/Exposição/Leitura comemorativa dos 130 anos de Almada Negreiros, inserido nas comemorações dos 50 anos da Universidade Nova de Lisboa, foi feita uma reprodução do “Estudo geométrico sobre a obra Ecce Homo” de Almada Negreiros, exposto numa galeria vertical em espaço público dentro do Campus de Campolide, em simultâneo com a exposição “Almada Negreiros – 130 anos” que incluiu documentos, desenhos, trabalhos das fases do artista. Uma recolha de vários documentos e materiais que se encontram no Centro de Estudos e Documentação Almada Negreiros – Sarah Affonso (CEDANSA) e que podem ser objeto de consulta e investigação.

Este Centro foi criado em 2022 e resulta do protocolo firmado entre a FCSH NOVA e a família Almada Negreiros, em 2021, que determinou o depósito do arquivo documental do casal de artistas, anteriormente conservado pela família, na NOVA FCSH, com vista à investigação e disseminação de conhecimento científico.







DESÍGNIOS

LISBOA

AUTORIA: Cláudia Conde

DATA: Setembro 22, 2024

LOCAL: Cemitério dos Prazeres (Jazigo de Mademoiselle Alix Desgards), Lisboa

Nesta instalação no Jazigo de Mademoiselle Alix Desgards, no Cemitério dos Prazeres, reflete-se sobre os conceitos de identidade, género e resiliência, alinhando-se com a revalorização das técnicas e o diálogo entre passado e presente, enquanto destaca a primeira escultura de nu feminino, colocada em espaço público em Portugal, autoria de José Simões de Almeida - como parte integrante da narrativa.

A obra têxtil "Desígnios" surge como uma peça que entrelaça memória, resiliência e identidade, utilizando a forma triangular, do convencional xaile, como um símbolo poderoso de transformação e emancipação. O xaile, associado ao luto e à dor, ganha novo significado nesta obra enquanto símbolo de luta, criatividade e autosuficiência, transcende, desse modo, a sua função original de simples agasalho, para ganhar novas camadas de significado ao representar a história e as vivências das mulheres que, ao longo do tempo, enfrentaram a opressão e a marginalização.

"Desígnios" poder-se-á inscrever numa tradição de revisão crítica das narrativas históricas e culturais. Não reflete apenas a técnica e o talento das artesãs, mas questiona também os papéis atribuídos às mulheres na sociedade, oferecendo um espaço para a reflexão sobre as suas lutas e vitórias. Neste sentido, é mais do que uma peça têxtil; é um testemunho da resiliência feminina e da capacidade de transformar dor em poder criativo, ecoando temas universais de opressão e emancipação.

A obra "Desígnios" poderá, assim, encontrar enquadramento na arte têxtil contemporânea como uma expressão simbólica da liberdade e autenticidade, onde cada fio e cada ponto revelam histórias de vida, de perda, mas também de esperança, enquanto celebra a coragem e a força feminina, numa sinergia entre arte, resiliência e liberdade.

CLÁUDIA CONDE
LENINHA FERREIRA, CURADORA







DISCO GRAFIA AUSENTE

LISBOA

AUTORIA: Sandra Macieira

DATA: Outubro 4, 2024

LOCAL: TUBITEK, R. do Crucifixo 79, Lisboa

O corpo de trabalho apresentado por Sandra Macieira apoia-se em diversos projetos independentes de desenhos, desenvolvidos em séries consistentes, tanto na abordagem técnica como na conceptual. Na mostra de uma loja de discos da Baixa de Lisboa, *Discografia Ausente* reúne um conjunto de desenhos que, à primeira vista, pouco parece afastar-se do registo da ilustração científica, com a minúcia do traçado na recomposição de motivos vegetais e animalistas. Mas, afinando o olhar, é fácil perceber que não há qualquer desejo de indexação ou catalogação das espécies representadas mas antes um impulso para recuperar e acrescentar a potência narrativa que se evidencia da descoberta e reorganização desses elementos.







O SORRISO DO ACANTO

LISBOA

AUTORIA: Sara Domingos

DATA: Outubro 2024

LOCAL: Teatro Romano, Lisboa

O Museu de Lisboa - Teatro Romano lançou-me o desafio para desenvolver um projeto artístico baseado nos motivos vegetalistas presentes na coleção e no edifício do Museu. Embora não quisesse partir de ideias preconcebidas, trazia comigo uma grande resistência: a folha de acanto. Sempre me intrigaram as suas formas arredondadas, quando na natureza é uma planta bastante aguçada.

Essa sensação antiga levou-me, desta vez, a questionar o quanto de idealização estaria por trás da sua representação no capitel coríntio. Durante este processo de pesquisa e criação, surgiram múltiplos significados, muitas vezes disfarçados e contraditórios. No entanto, sob o misterioso disfarce construído ao longo dos tempos, o acanto foi reagindo, mostrando que, a Roma, chegou todo um Mediterrâneo.

O Sorriso do Acanto (2024) é uma peça têxtil suspensa sobre os fustes de duas colunas romanas com dois mil anos. A sua verticalidade contrasta com a horizontalidade do amplo vão do edifício do Museu. Nasceu de um diálogo constante entre elementos opostos, não com o intuito de os afastar, mas explorando a passagem estreita que os une. É um convite à reflexão sobre temas como património, identidade, diversidade cultural e diálogo intercultural.







CABEÇA NO CHÃO PÉS NO AR

LISBOA

AUTORIA: António Faria

DATA: Outubro 2022

LOCAL: Reitoria da NOVA, Campus de Campolide, Lisboa

O chão invertido converte o céu em abismo. A levitação da cabeça move as árvores. A suspensão do tempo desenha um movimento lento. A cabeça continua no chão. Os pés flutuam no ar.







VIRIDIS

LISBOA

AUTORIA: Carolina Molina

DATA: Setembro 23, 2024

LOCAL: Jardim da Paz, Paço do Lumiar, Lisboa

Uma obra de arte, seja ela qual for, deve por si só interpretar a inspiração do autor e, como tal, não carece de explicações. Cabe depois a quem a apreciar, reconstruir à sua maneira a mesma realidade.

Assim, uma mesma obra pode e deve sugerir várias interpretações, por vezes díspares e nem sempre obrigatoriamente favoráveis ou coincidentes com a ideia do autor.

Neste conjunto de obras, vemos a Natureza Viva em constante transformação, e, sendo abstrata, exprime uma realidade em movimento como é a própria “Natureza”, que pretende refletir.

CAROLINA MOLINA







SEM TÍTULO

LISBOA

AUTORIA: Ângela Fonseca

DATA: Fevereiro 27, 2025

LOCAL: MNAC, Jardim das Esculturas, Lisboa

Esta produção escultórica explora os processos de desconstrução da matéria, um ato que demonstra uma total oposição ao princípio tradicional da escultura que, por sua vez, vive no campo do fazer e firma a sua existência na materialidade pura. O trabalho plástico usufrui de uma natureza modelar simples que estimula o olhar para uma narrativa contada pela perda de material sofrida pelo objeto que se encontra verticalmente estendido e do seu topo, onde as molduras circulares parecem estar preenchidas, até à sua extremidade; o motivo vai escorrendo e o seu conteúdo vai gradualmente desaparecer no solo, deixando as últimas molduras vazias. Testemunha-se a desconstrução e a transformação do objeto, ao mesmo tempo que outras formas são geradas pelos vazios e novas entre planos e o espaço são criadas. *Sem Título* teve como referência a obra de Pires Vieira da coleção do MNAC.

ÂNGELA FERREIRA







WHY?

LISBOA

AUTORIA: José Amado Martins

DATA: Setembro 21, 2024 – Dia Internacional da Paz

LOCAL: Av. Duque de Ávila, Lisboa

Qualquer local pode ser um espaço expositivo. Tratando-se de um assunto de extrema atualidade, a rua como meio de transmissão da arte, pareceu-nos ser o local mais indicado, de modo que a mensagem que se quer transmitir pelas obras aqui apresentadas, cheguem a um maior número possível de pessoas.

O local escolhido encontra-se equidistante das embaixadas da Rússia e de Israel, que são, nesta data, os palcos mais mediáticos em termos de guerra, embora tenhamos em consciência que, infelizmente, os conflitos propagam-se facilmente e se localizam em múltiplos locais, nomeadamente em África.

As obras apresentadas, intituladas “ Why? ”, fazem parte de um trabalho iniciado em 2021, num quadro então centrado em pessoas, através das suas sombras e silhuetas, e que posteriormente derivou para “Para cá das sombras...Gente”. Este tema foi o objeto de uma exposição realizada em julho e agosto deste ano, na Casa do Arco do Bispo, em Castelo Branco, da qual estas duas peças fizeram parte.

JOSÉ AMADO MARTINS

LENINHA FERREIRA, CURADORA







[WWW.INSTAGRAM.COM JOSEAMADODESOUSAMARTINS](https://www.instagram.com/joseamadodesousamartins)
[WWW.INSTAGRAM.COM JOSEAMADODESOUSA](https://www.instagram.com/joseamadodesousa)

DA ESCURIDÃO À LUZ

LOUSÃ

AUTORIA: Sofia Pratas Morais

DATA: Outubro 5, 2024

LOCAL: Vila da Cerdeira, Lousã

A bráctea de inflorescência de palmeira foi transfigurada pela artista para o projeto coletivo MIT EINER PALME SPIELEN, que se apresentará ao público a partir de abril de 2025. Faz a sua primeira aparição na vila da Cerdeira (serra da Lousã), integrada na rede de aldeias de xisto de Portugal, cuja porta nos foi gentilmente aberta pela Tatiana Simões.

Da escuridão à luz, todas as sombras e adaptações da retina dão forma ao desejo da verdade e retratam o processo por vezes doloroso da sua revelação.

ISABEL CALADO, CURADORA







GALERIAS VERTICAIS

SOBRE O PROJECTO

Fotógrafos na confeitaria 3.0

Passagens sem tempo LIFE

Instantes onde pousar a luz

Embroidered ball dress O Corpo de Costas

"Geometrias" de Salomé Carvalho

Fotógrafos na Confeitaria 2.0 Ecce Homo

O Porto não é Nova Iorque

Do mal ficam as mágoas na lembrança

Watching 'You' Caos e desolação

Mudanças Climáticas Fotógrafos na confeitaria

DO PAZ

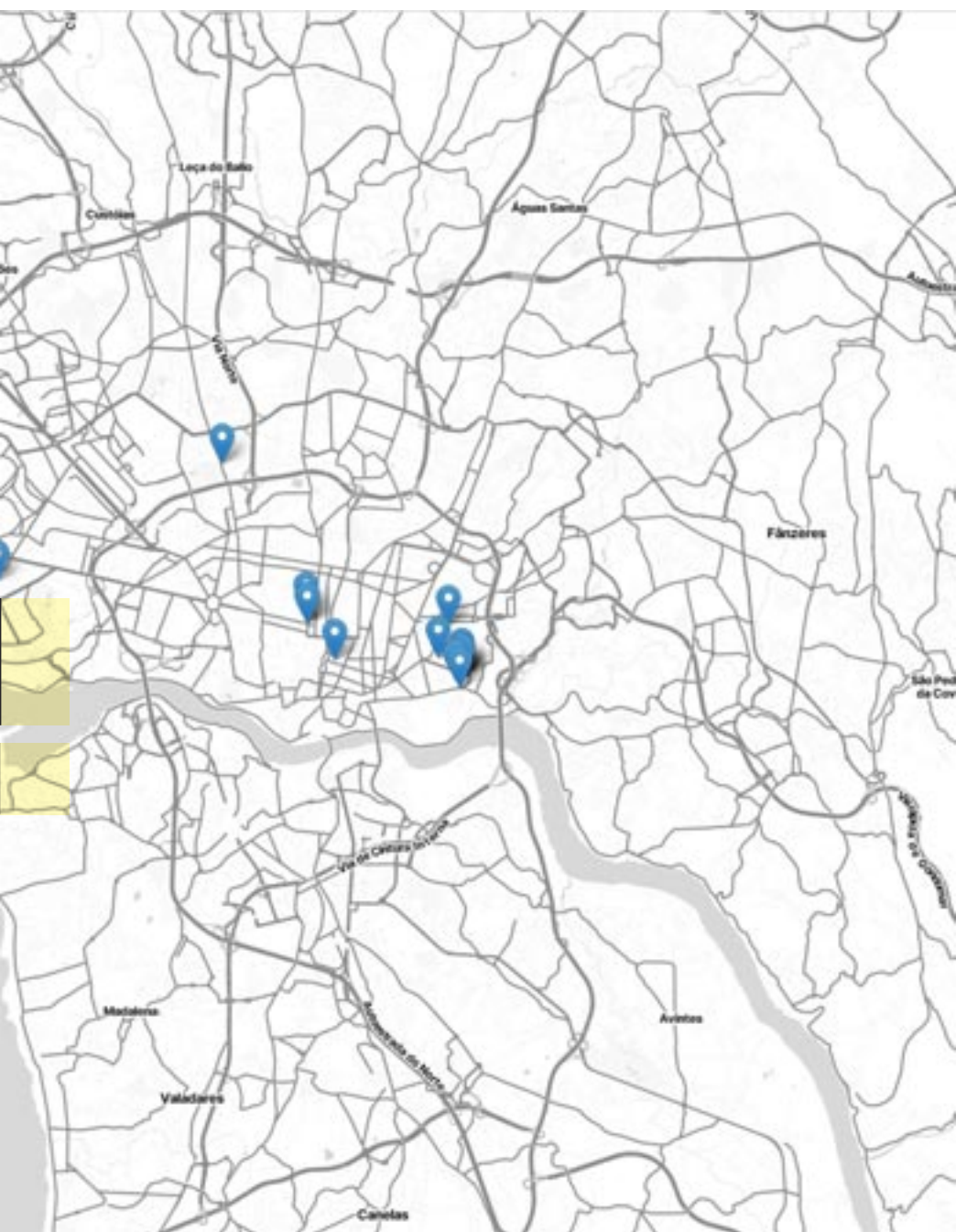


PORTO

WWW.GALERIASVERTICAIS.PT

FACEBOOK

MIRA — MNAC



CAOS E DESOLAÇÃO PORTO

AUTORIA: Ricardo Campos

DATA: Dezembro 16, 2023

LOCAL: Rua do Freixo, nº 1755, Porto

Caos e desolação pretende mostrar a despersonalização do indivíduo afastado de si mesmo, num meio cada vez mais alheio e distanciado da natureza.

A pintura integra-se na paisagem, através de uma figuração dramática e expressiva que tem um toque de irrealidade de antiga paisagem japonesa de calma aparente, como a percebida no olho do furacão ou na antecâmara do desastre natural.

A máquina é o exoesqueleto que se mostra vazia de humanidade. Pronta para ser usada, manipulada e dirigida... mas sem ninguém que a conduza.

A melancólica recordação da sua imagem remete ao que foi mas que hoje é passado e desolação.

Mas nem tudo é drama. A máquina remete a uma infância de jogo, de máquinas pesadas cheias de cor e possibilidades mecânicas. É possível que não pense, que não sinta, mas pode brincar com a terra, surcar qualquer superfície abrupta, escavar, transportar, demolir... talvez não seja humana, mas pode perfeitamente ser divina.







DO MAL FICAM AS MÁGOAS NA LEMBRANÇA

PORTO

AUTORIA: António Jota Gonçalves

DATA: Janeiro 6, 2024

LOCAL: Montra do snack Bar “Docinho da Prelada” – Rua de Monte dos Burgos, nº 652, Porto

(Onde o aprendiz de fotógrafo se mete pelos caminhos insondáveis dos poetas.)

Socorro-me, aqui, para a condensação destas imagens, de outro poeta que, cantando, afirmava virmos “de longe, de muito longe”, e que muito teremos andado para chegarmos onde estamos.

Sendo verdade que, de tão pródigas andanças, de tal nos não damos conta, parece-me adequado parar um pouco, refletir e tentar sair do diferendo no qual uns dizem que é o mundo que muda, enquanto outros, sem se darem conta de que dizem a mesma coisa, insistem em que quem muda somos nós. A ajudar à confusão direi que sim, que ambos:

por um lado “o mundo pula e avança” e, por outro, nós, interagindo e mudando a cada momento a nossa interpretação de mundo, o transformamos. Nem sempre fazendo com que ele se comporte como a “bola colorida” da criança ou, melhor dito, do poeta.

O que as imagens demonstram – se é que as imagens não são apenas isso, i.e., representações visuais de coisas, objetos ou ideias, não podendo, por elas próprias, certificar nada – só a interpretação do observador pode testemunhar.

Fica o desafio.







ECCE HOMO

PORTO

AUTORIA: Nelson Marmelo

DATA: Abril 18, 2024

LOCAL: Rua de Miraflor, Porto

Em Ecce Homo o ser humano apresenta-se dividido entre o amor intenso pelo próprio Eu e o que abraça totalmente a vida, aceitando-a em todas as suas faces.

Ecce Homo é a aceitação da vida imanente, como algo que não pode ser mudado e que deve ser vivida com paixão e determinação, seja nos paradoxos ou nas contradições, apesar do absurdo e do caos do mundo.







EMBROIDERED BALL DRESS

PORTO

AUTORIA: Manuela Vaz

DATA: Junho 14, 2024

LOCAL: Rua Padre António Vieira, nº 106, Porto

dança
poesia do movimento, efêmero do momento, magia dos corpos.
breve. o instante.
desejar ser possível torná-lo eterno, (re)visitá-lo, prendê-lo numa imagem
para que
trouxesse à lembrança o desassossego sentido.
a imagem. aquela que traz em si a energia e a fluidez dos movimentos, que nos
transporta inconscientemente para o meio do bailado.
o desfoque e a distorção, transmitindo a essência do instante com corpos
fantasmagóricas
ou desvanecidas.
o essencial.
a transmissão da subtil vertigem do movimento, do sentir dos corpos a dançar.







FOTÓGRAFOS NA CONFEITARIA PORTO

AUTORIA: António J. Gonçalves, Augusto Lemos e Estela Rodrigues, Jorge Velhote, Renato Roque, Jorge Pedra, Sofia Aroso, Renato Roque e Estela Rodrigues, Rui Apolinário

DATA: Fevereiro 3, 2024

LOCAL: Antiga “Confeitaria do Campo”, Praça da República, 125, Porto

Temos uma confeitaria popular, que o tempo fechou e esvaziou do bulício dos lanches e dos chás das cinco. Um lugar de encontro para os portuenses, que o tempo transformou, como tudo transforma, mesmo se tão devagar que não damos conta; um lugar, que agora parece esperar placidamente pelo futuro, que há-de chegar um dia.

Temos um grupo de fotógrafos do Porto, que há muito se conhecem, com um passado de trabalho em comum, que são confrontados com este espaço paradoxal. Um espaço que, ao mesmo tempo, parece congelado no tempo e nos oferece uma história de dezenas de anos, desde que a “Confeitaria do Campo” foi aberta, para passar por várias gerações, até um dia ser abruptamente fechada.

Reabre agora para acolher, temporariamente, o “Fotógrafos na Confeitaria”.

Os autores estão unidos pelo mote que os inspira, “Todo o mundo é composto de mudança”, constituindo-se assim outro paradoxo: a fotografia, a arte de congelar o tempo, a prática capaz de isolar um instante e de o separar do seu passado e do seu futuro, como forma de expressão do tempo que passa e da forma como essa passagem nos afeta.

Autoria e coordenação do projeto: Sofia Aroso e Jorge Pedra; Sinopse – apresentação do projeto: Renato Roque; Grafismo e fotografia na Apresentação do Projeto (porta): Jorge Pedra







FOTÓGRAFOS NA CONFEITARIA

PORTO

2.0

AUTORIA: Adelino Marques, António Martins Teixeira, Conceição Magalhães, Jorge Pedra, José A. Coutinho, Júlio de Matos, Manuela Vaz e Sofia Aroso.

DATA: Maio 4, 2024

LOCAL: Antiga “Confeitaria do Campo”, Praça da República, 125, Porto

Já em segunda edição, um Coletivo de fotógrafos Fine Art apresenta os seus trabalhos nas montras e portas exteriores da antiga “Confeitaria do Campo”, na Praça da República, agora desativada.

Temos para mostrar imagens em grande formato, viradas para o exterior, visíveis desde o espaço público, durante o dia.

Recebemos o público no dia da abertura, 4 de Maio, pelas 11.00h; e também no dia da desmontagem, a 10 de Julho pelas 16.00h.

FOTÓGRAFOS NA CONFEITARIA

PORTO

3.0

AUTORIA: Estela Rodrigues; Francisco Varela; Goreti Ferraz; José Miguel Reis; Jorge Pedra;
Nelson Marmelo; Pereira Lopes; Sofia Aroso

DATA: Julho 13, 2024

LOCAL: Antiga “Confeitaria do Campo”, Praça da República, 125, Porto

Após o encerramento da “Confeitaria do Campo”, com transformação temporária em lugar de exposição, o “Fotógrafos na Confeitaria” tem vindo a recriar as vitrines com fotografias viradas à rua, não para adoçar ou fornecer o pão de cada dia, nem acentuar o aroma do café, ou prometer uma asa de chávana a ferverilhar nos dedos.

Os autores convidam-nos sim, a ver a fotografia como outra forma de arte; alimento do quotidiano de quem vai dobrando a esquina da Praça da República com a Rua da Boavista, ou espera impaciente pelo verde de um semáforo.

Para quem de fora observa, será também uma oportunidade lúdica de anotar as mudanças da vida; umas cíclicas a anoitecer e a madrugada; outras efémeras como os desenhos da chuva nas vidraças a reconfigurar as imagens; ou o sol a desbotar as fotografias já expostas em outras edições.

GEOMETRIAS

PORTO

AUTORIA: Salomé Carvalho

DATA: Maio 24, 2024

LOCAL: Café Novo Barão, Rua do Heroísmo, 200, Porto

Olhando com atenção o mundo podemos observar diversas geometrias, até no mais pequeno pormenor do nosso dia a dia. Através da lente, eternizam-se formas e linhas que, a qualquer momento, se cruzam ou entrelaçam, dando forma àquilo que pensamos, sonhamos ou simplesmente observamos.









GO PAZ

PORTO

AUTORIA: Rui Ferro

DATA: Novembro 24, 2023

LOCAL: Rua Justino Teixeira, 772, Porto

Os artistas pouco ou nada compreenderão sobre PAZ. Existem sempre em guerra com as suas criações, num foco total de existência, que os consome em prol de produções. No tempo delas, exigem-se fins, contudo, não encontram nestes a PAZ, mais das vezes, as razões para dar continuidade à luta. De novo; outra vez, pela primeira vez. No modo como experimentamos o Processo Criativo o artista é um fazedor. A luta desse fazer tem um palco próprio intitulado atelier. O atelier será um destino, o sítio para onde continuamente nos encaminhamos. Um vício. Um lugar de ser. De centrar. Não um lugar de liberdade, mas de guerra pela liberdade. Aí, as coisas murmuram. Ofendem-se. Defendem-se. Exigem atenção. Contrariam intenções. Boicotam a ordem. A guerra faz-se-lhes, acreditando que a PAZ se revelará em silêncios, a qualquer instante do bulício da refrega, se os movimentos de tudo pulsarem ao ritmo de se cumprirem, cumprindo-se. Sem tempo para hinos de vitória. Com o medo, de quem ninguém fala, de se saber vencido, exatamente por se ter cumprido e, afinal, nada ser o que era dantes, nem se quer ser, o que era para ser. O tempo passa assim, acelerado de evoluções brutais e sínteses toscas de nós, que nos entregamos, continuamente, a um ritmo de lutas, perdendo-nos, aos poucos, para um destino. Assumido justo, pela ânsia de viver, onde todas as contradições afirmam a Guerra em Nós.







PORTO

INSTANTES ONDE POUSAR A LUZ

AUTORIA: Estela Rodrigues

DATA: Junho 26, 2024

LOCAL: Jardim do Japão, R. do Bonjardim 492, Porto

Desde 2004 fotografo o “mesmo muro” no mesmo parque da cidade.

Nunca era o mesmo em diferentes horas do dia, estados meteorológicos, estações do ano, alterações tonais da mesma cor acrescida de manchas de musgo, sujidade, desgaste, remendos sucessivos como palimpsestos sem voz a decifrar.

Sem qualquer projeto ou destino deambulava atenta às “Variações de um muro só” na sua efemeridade. As árvores familiares das aceráceas iam crescendo e com elas a projeção de sombras e suas mutações. Só não variava o recorte vegetal das folhas.

Pelos caminhos até ao muro reparo mais nos pontos de luz entre as sombras e em diferentes superfícies: areia, terra, tapetes de tílias, metrosideros, magnólias, carvalhos, ginkgo bilobas; ardósia e granitos; também em lagos, lama, e charcos com brechas de azul espelhado.

Os inícios da manhã e os fins de tarde alongam os troncos imóveis.

O meio-dia é a hora para observar a folhagem a peneirar o sol.

Uma ligeira brisa ou vento, em menos de um segundo, reconfigura coreografias difíceis de focar.

Em 2023 a definição da palavra Komorebi apresentada no genérico final do filme “Dias perfeitos” de Wim Wenders e Takuma Takasaki veio nomear o que pensei ser inominável.

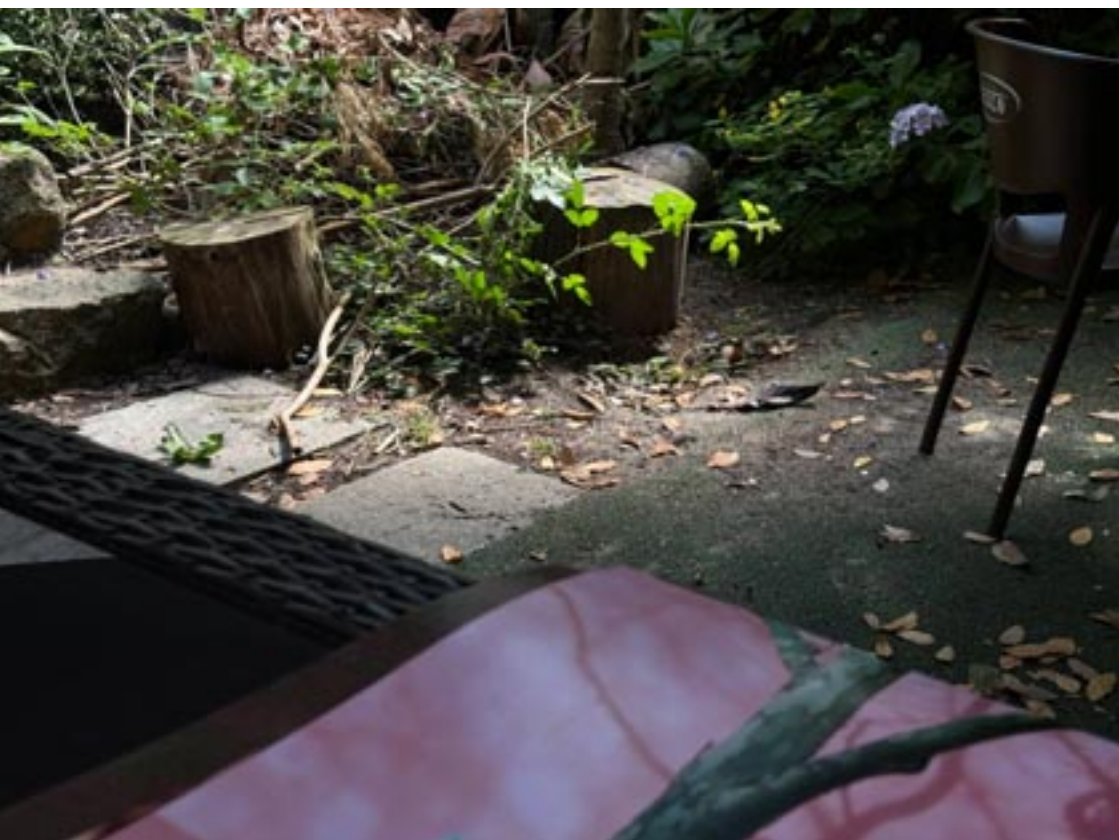
Encontrar meses depois o inesperado Jardim do Japão nas traseiras de um prédio do centro da cidade do Porto foi um acaso gerador de lugar onde pousar instantes de luz.

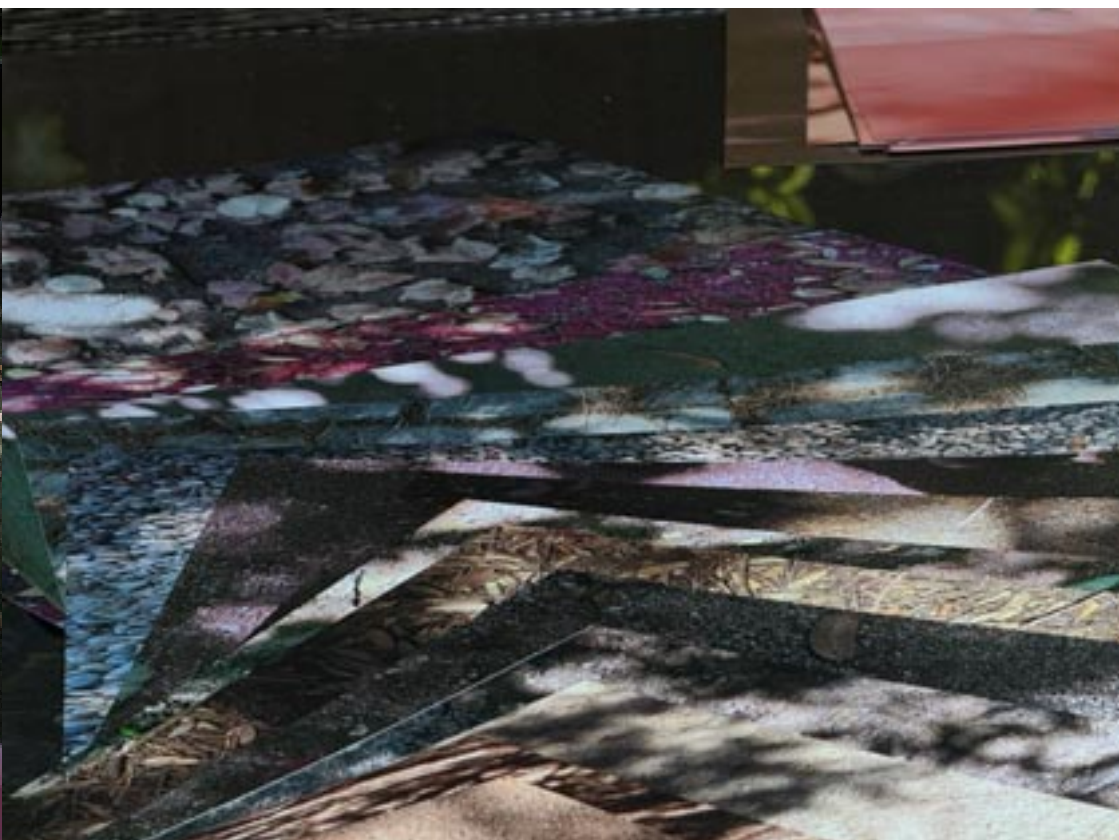
Esta exposição, no âmbito do projeto das Galerias Verticais, sob o mote “todo o mundo é composto de mudança”, pretende revelar os registos fotográficos emergentes da disponibilidade para o deslumbramento na regularidade de momentos únicos a romper o padrão dos dias, e testemunhar como esses acontecimentos interferem no modo de ver e estar na vida continuada pela partilha do ato de fotografar e mostrar.

As coisas são o que aparecem e o que brincamos e conversamos sobre elas.

ESTELA RODRIGUES







PORTO**LIFE****AUTORIA:** Mide Plácido**DATA:** Julho 5, 2024**LOCAL:** Rua de Miraflor, 124, Porto

É uma estrutura fadada a desaparecer pela ação do tempo, que nasceu no primeiro momento pandémico em Portugal. Faz parte de um projeto realizado por ocasião da tese de mestrado do arquiteto, fotógrafo artista e curador, Francisco Varela, em torno do tema, Bairro da Pasteleira, na sua relação com a água; incluindo visões artísticas de vários artistas independentes.

“Life”, reflete sobre a vida no Bairro da Pasteleira, em tempo de confinamento.

Considerando que a vida neste bairro seria igual à vida em todos os bairros, o trabalho cria um imaginário simbólico que depreende fechamento e precaridade, na relação entre a fotografias feitas em casa ou à volta de casa da própria autora, impressas sobre papel reutilizado e dobrado, em forma de caixa de pasteleiro, instaladas de modo versátil, na rua e ao tempo.

Precaridade e efemeridade faz então deste trabalho a visão solene de que tudo na vida, passa ou, pelo menos se transforma. Diante da transitoriedade de tudo há, porém uma constante: a esperança. É ela que nos liberta da prisão, nos dá a capacidade de perseverar e de encontrar significado, mesmo nas circunstancias que se vislumbam difíceis.



MUDANÇAS CLIMÁTICAS

PORTO

AUTORIA: Ana Cristina Vasconcelos, Antónia Santos, Alves M., Beatriz Albuquerque, Cândida Camosa Amorim, Claro Sousa, Fátima Almeida Alves, Fernanda Magalhães, Joaquim Guimarães, Sevlao

DATA: Novembro 23, 2023

LOCAL: Rua Adriano Correia de Oliveira, 114, Porto

Quais os efeitos das mudanças climáticas?

Quais as soluções?

Quais as emoções, medos, sentimentos perante estas mudanças?

Como lidamos com estas mudanças?







O CORPO DE COSTAS

PORTO

AUTORIA: Camila Tissott

DATA: Maio 31, 2024

LOCAL: Rua Pinto Bessa, 122, Porto

O corpo de costas se mostra na esperança de um olhar para um horizonte atemporal. Algo que não pode ser apagado. O corpo de costas se mostra como um amigo distante que me conta histórias das quais não posso esquecer. O corpo de costas foi o sábio que me ensinou muito sobre mim sem dizer uma palavra. O corpo de costas se torna presente sempre que me encontro em meditação, introspecção e reflexão. Um dia serei eu a imagem que mesmo sem identidade transpassa os sentimentos, a força e o afeto aos que no trânsito do dia-a-dia acabam passando pelo meu corpo de costas.

É um projeto que foi fotografado em 2014 e encontra-se impresso no ano de 2024 em azulejos de 20×20 cm. Cada fotografia é acompanhada de um mosaico de pedras com escrita em caneta permanente.

CAMILA TISSOTT



1911
 1912
 1913
 1914
 1915
 1916
 1917
 1918
 1919
 1920
 1921
 1922
 1923
 1924
 1925
 1926
 1927
 1928
 1929
 1930
 1931
 1932
 1933
 1934
 1935
 1936
 1937
 1938
 1939
 1940
 1941
 1942
 1943
 1944
 1945
 1946
 1947
 1948
 1949
 1950
 1951
 1952
 1953
 1954
 1955
 1956
 1957
 1958
 1959
 1960
 1961
 1962
 1963
 1964
 1965
 1966
 1967
 1968
 1969
 1970
 1971
 1972
 1973
 1974
 1975
 1976
 1977
 1978
 1979
 1980
 1981
 1982
 1983
 1984
 1985
 1986
 1987
 1988
 1989
 1990
 1991
 1992
 1993
 1994
 1995
 1996
 1997
 1998
 1999
 2000
 2001
 2002
 2003
 2004
 2005
 2006
 2007
 2008
 2009
 2010
 2011
 2012
 2013
 2014
 2015
 2016
 2017
 2018
 2019
 2020
 2021
 2022
 2023
 2024
 2025
 2026
 2027
 2028
 2029
 2030
 2031
 2032
 2033
 2034
 2035
 2036
 2037
 2038
 2039
 2040
 2041
 2042
 2043
 2044
 2045
 2046
 2047
 2048
 2049
 2050
 2051
 2052
 2053
 2054
 2055
 2056
 2057
 2058
 2059
 2060
 2061
 2062
 2063
 2064
 2065
 2066
 2067
 2068
 2069
 2070
 2071
 2072
 2073
 2074
 2075
 2076
 2077
 2078
 2079
 2080
 2081
 2082
 2083
 2084
 2085
 2086
 2087
 2088
 2089
 2090
 2091
 2092
 2093
 2094
 2095
 2096
 2097
 2098
 2099
 2100
 2101
 2102
 2103
 2104
 2105
 2106
 2107
 2108
 2109
 2110
 2111
 2112
 2113
 2114
 2115
 2116
 2117
 2118
 2119
 2120
 2121
 2122
 2123
 2124
 2125
 2126
 2127
 2128
 2129
 2130
 2131
 2132
 2133
 2134
 2135
 2136
 2137
 2138
 2139
 2140
 2141
 2142
 2143
 2144
 2145
 2146
 2147
 2148
 2149
 2150
 2151
 2152
 2153
 2154
 2155
 2156
 2157
 2158
 2159
 2160
 2161
 2162
 2163
 2164
 2165
 2166
 2167
 2168
 2169
 2170
 2171
 2172
 2173
 2174
 2175
 2176
 2177
 2178
 2179
 2180
 2181
 2182
 2183
 2184
 2185
 2186
 2187
 2188
 2189
 2190
 2191
 2192
 2193
 2194
 2195
 2196
 2197
 2198
 2199
 2200
 2201
 2202
 2203
 2204
 2205
 2206
 2207
 2208
 2209
 2210
 2211
 2212
 2213
 2214
 2215
 2216
 2217
 2218
 2219
 2220
 2221
 2222
 2223
 2224
 2225
 2226
 2227
 2228
 2229
 2230
 2231
 2232
 2233
 2234
 2235
 2236
 2237
 2238
 2239
 2240
 2241
 2242
 2243
 2244
 2245
 2246
 2247
 2248
 2249
 2250
 2251
 2252
 2253
 2254
 2255
 2256
 2257
 2258
 2259
 2260
 2261
 2262
 2263
 2264
 2265
 2266
 2267
 2268
 2269
 2270
 2271
 2272
 2273
 2274
 2275
 2276
 2277
 2278
 2279
 2280
 2281
 2282
 2283
 2284
 2285
 2286
 2287
 2288
 2289
 2290
 2291
 2292
 2293
 2294
 2295
 2296
 2297
 2298
 2299
 2300
 2301
 2302
 2303
 2304
 2305
 2306
 2307
 2308
 2309
 2310
 2311
 2312
 2313
 2314
 2315
 2316
 2317
 2318
 2319
 2320
 2321
 2322
 2323
 2324
 2325
 2326
 2327
 2328
 2329
 2330
 2331
 2332
 2333
 2334
 2335
 2336
 2337
 2338
 2339
 2340
 2341
 2342
 2343
 2344
 2345
 2346
 2347
 2348
 2349
 2350
 2351
 2352
 2353
 2354
 2355
 2356
 2357
 2358
 2359
 2360
 2361
 2362
 2363
 2364
 2365
 2366
 2367
 2368
 2369
 2370
 2371
 2372
 2373
 2374
 2375
 2376
 2377
 2378
 2379
 2380
 2381
 2382
 2383
 2384
 2385
 2386
 2387
 2388
 2389
 2390
 2391
 2392
 2393
 2394
 2395
 2396
 2397
 2398
 2399
 2400
 2401
 2402
 2403
 2404
 2405
 2406
 2407
 2408
 2409
 2410
 2411
 2412
 2413
 2414
 2415
 2416
 2417
 2418
 2419
 2420
 2421
 2422
 2423
 2424
 2425
 2426
 2427
 2428
 2429
 2430
 2431
 2432
 2433
 2434
 2435
 2436
 2437
 2438
 2439
 2440
 2441
 2442
 2443
 2444
 2445
 2446
 2447
 2448
 2449
 2450
 2451
 2452
 2453
 2454
 2455
 2456
 2457
 2458
 2459
 2460
 2461
 2462
 2463
 2464
 2465
 2466
 2467
 2468
 2469
 2470
 2471
 2472
 2473
 2474
 2475
 2476
 2477
 2478
 2479
 2480
 2481
 2482
 2483
 2484
 2485
 2486
 2487
 2488
 2489
 2490
 2491
 2492
 2493
 2494
 2495
 2496
 2497
 2498
 2499
 2500
 2501
 2502
 2503
 2504
 2505
 2506
 2507
 2508
 2509
 2510
 2511
 2512
 2513
 2514
 2515
 2516
 2517
 2518
 2519
 2520
 2521
 2522
 2523
 2524
 2525
 2526
 2527
 2528
 2529
 2530
 2531
 2532
 2533
 2534
 2535
 2536
 2537
 2538
 2539
 2540
 2541
 2542
 2543
 2544
 2545
 2546
 2547
 2548
 2549
 2550
 2551
 2552
 2553
 2554
 2555
 2556
 2557
 2558
 2559
 2560
 2561
 2562
 2563
 2564
 2565
 2566
 2567
 2568
 2569
 2570
 2571
 2572
 2573
 2574
 2575
 2576
 2577
 2578
 2579
 2580
 2581
 2582
 2583
 2584
 2585
 2586
 2587
 2588
 2589
 2590
 2591
 2592
 2593
 2594
 2595
 2596
 2597
 2598
 2599
 2600
 2601
 2602
 2603
 2604
 2605
 2606
 2607
 2608
 2609
 2610
 2611
 2612
 2613
 2614
 2615
 2616
 2617
 2618
 2619
 2620
 2621
 2622
 2623
 2624
 2625
 2626
 2627
 2628
 2629
 2630
 2631
 2632
 2633
 2634
 2635
 2636
 2637
 2638
 2639
 2640
 2641
 2642
 2643
 2644
 2645
 2646
 2647
 2648
 2649
 2650
 2651
 2652
 2653
 2654
 2655
 2656
 2657
 2658
 2659
 2660
 2661
 2662
 2663
 2664
 2665
 2666
 2667
 2668
 2669
 2670
 2671
 2672
 2673
 2674
 2675
 2676
 2677
 2678
 2679
 2680
 2681
 2682
 2683
 2684
 2685
 2686
 2687
 2688
 2689
 2690
 2691
 2692
 2693
 2694
 2695
 2696
 2697
 2698
 2699
 2700
 2701
 2702
 2703
 2704
 2705
 2706
 2707
 2708
 2709
 2710
 2711
 2712
 2713
 2714
 2715
 2716
 2717
 2718
 2719
 2720
 2721
 2722
 2723
 2724
 2725
 2726
 2727
 2728
 2729
 2730
 2731
 2732
 2733
 2734
 2735
 2736
 2737
 2738
 2739
 2740
 2741
 2742
 2743
 2744
 2745
 2746
 2747
 2748
 2749
 2750
 2751
 2752
 2753
 2754
 2755
 2756
 2757
 2758
 2759
 2760
 2761
 2762
 2763
 2764
 2765
 2766
 2767
 2768
 2769
 2770
 2771
 2772
 2773
 2774
 2775
 2776
 2777
 2778
 2779
 2780
 2781
 2782
 2783
 2784
 2785
 2786
 2787
 2788
 2789
 2790
 2791
 2792
 2793
 2794
 2795
 2796
 2797
 2798
 2799
 2800
 2801
 2802
 2803
 2804
 2805
 2806
 2807
 2808
 2809
 2810
 2811
 2812
 2813
 2814
 2815
 2816
 2817
 2818
 2819
 2820
 2821
 2822
 2823
 2824
 2825
 2826
 2827
 2828
 2829
 2830
 2831
 2832
 2833
 2834
 2835
 2836
 2837
 2838
 2839
 2840
 2841
 2842
 2843
 2844
 2845
 2846
 2847
 2848
 2849
 2850
 2851
 2852
 2853
 2854
 2855
 2856
 2857
 2858
 2859
 2860
 2861
 2862
 2863
 2864
 2865
 2866
 2867
 2868
 2869
 2870
 2871
 2872
 2873
 2874
 2875
 2876
 2877
 2878
 2879
 2880
 2881
 2882
 2883
 2884
 2885
 2886
 2887
 2888
 2889
 2890
 2891
 2892
 2893
 2894
 2895
 2896
 2897
 2898
 2899
 2900
 2901
 2902
 2903
 2904
 2905
 2906
 2907
 2908
 2909
 2910
 2911
 2912
 2913
 2914
 2915
 2916
 2917
 2918
 2919
 2920
 2921
 2922
 2923
 2924
 2925
 2926
 2927
 2928
 2929
 2930
 2931
 2932
 2933
 2934
 2935
 2936
 2937
 2938
 2939
 2940
 2941
 2942
 2943
 2944
 2945
 2946
 2947
 2948
 2949
 2950
 2951
 2952
 2953
 2954
 2955
 2956
 2957
 2958
 2959
 2960
 2961
 2962
 2963
 2964
 2965
 2966
 2967
 2968
 2969
 2970
 2971
 2972
 2973
 2974
 2975
 2976
 2977
 2978
 2979
 2980
 2981
 2982
 2983
 2984
 2985
 2986
 2987
 2988
 2989
 2990
 2991
 2992
 2993
 2994
 2995
 2996
 2997
 2998
 2999
 3000
 3001
 3002
 3003
 3004
 3005
 3006
 3007
 3008
 3009
 3010
 3011
 3012
 3013
 3014
 3015
 3016
 3017
 3018
 3019
 3020
 3021
 3022
 3023
 3024
 3025
 3026
 3027
 3028
 3029
 3030
 3031
 3032
 3033
 3034
 3035
 3036
 3037
 3038
 3039
 3040
 3041
 3042
 3043
 3044
 3045
 3046
 3047
 3048
 3049
 3050
 3051
 3052
 3053
 3054
 3055
 3056
 3057
 3058
 3059
 3060
 3061
 3062
 3063
 3064
 3065
 3066
 3067
 3068
 3069
 3070
 3071
 3072
 3073
 3074
 3075
 3076
 3077
 3078
 3079
 3080
 3081
 3082
 3083
 3084
 3085
 3086
 3087
 3088
 3089
 3090
 3091
 3092
 3093
 3094
 3095
 3096
 3097
 3098
 3099
 3100
 3101
 3102
 3103
 3104
 3105
 3106
 3107
 3108
 3109
 3110
 3111
 3112
 3113
 3114
 3115
 3116
 3117
 3118
 3119
 3120
 3121
 3122
 3123
 3124
 3125
 3126
 3127
 3128
 3129
 3130
 3131
 3132
 3133
 3134
 3135
 3136
 3137
 3138
 3139
 3140
 3141
 3142
 3143
 3144
 3145
 3146
 3147
 3148
 3149
 3150
 3151
 3152
 3153
 3154
 3155
 3156
 3157
 3158
 3159
 3160
 3161
 3162
 3163
 3164
 3165
 3166
 3167
 3168
 3169
 3170
 3171
 3172
 3173
 3174
 3175
 3176
 3177
 3178
 3179
 3180
 3181
 3182
 3183
 3184
 3185
 3186
 3187
 3188
 3189
 3190
 3191
 3192
 3193
 3194
 3195
 3196
 3197
 3198
 3199
 3200
 3201
 3202
 3203
 3204
 3205
 3206
 3207
 3208
 3209
 3210
 3211
 3212
 3213
 3214
 3215
 3216
 3217
 3218
 3219
 3220
 3221
 3222
 3223
 3224
 3225
 3226
 3227
 3228
 3229
 3230
 3231
 3232
 3233
 3234
 3235
 3236
 3237
 3238
 3239
 3240
 3241
 3242
 3243
 3244
 3245
 3246
 3247
 3248
 3249
 3250
 3251
 3252
 3253
 3254
 3255
 3256





O PORTO NÃO É NOVA TORQUE

PORTO

AUTORIA: Adelino Marques

DATA: Dezembro 14, 2023

LOCAL: Rua Padre António Vieira, 172-174, Porto

O Porto não é Nova Iorque. Lá, tudo parece na vertical, dada a profusão de arranha-céus. O mais pequeno dos 100 edifícios mais altos de Nova Iorque tem mais do dobro da altura do mais alto edifício do Porto.

As janelas da casa devoluta na Rua Padre António Vieira, no Porto, têm 2 metros de altura por um metro de largura e são quatro. Esta proporção ajuda à verticalidade assumida para “encaixar” nelas os quatro mais altos edifícios do Porto.

Esta galeria vertical tem em exposição: o Hotel Vila Galé, com 80 metros; a Torre do Foco, com 79 metros; o Bom Sucesso Trade Center, com 77 metros; a Torre das Antas, com 76 metros.

Simbolicamente, estas janelas a ocupar com estas imagens representam a transformação que tem decorrido no Porto. Os bairros e casas unifamiliares de habitação têm dado o seu espaço, não para habitação ou arranha-céus, mas sobretudo para edifícios de serviços e hoteleiros.







PAISAGENS SEM TEMPO

PORTO

AUTORIA: Augusto Lemos

DATA: Julho 5, 2024

LOCAL: Rua de Miraflor, Porto



Embora eu tenha abordado outros temas, a fotografia de paisagem foi o assunto que mais explorei, desde os anos 70 até hoje. Por isso, incluo neste painel dezenas de fotografias que foram apresentadas ou publicadas, registadas com diferentes câmaras ao longo do tempo. Algumas, as mais antigas, dos anos 70, foram capturadas com uma Nikkormat FT3 ou uma Nikon FE. Outras foram registadas com câmaras astenópicas ou com registo digital: iPhone 11, Fuji X20 ou Fuji X100F.

Este painel contém algumas imagens que fizeram parte da exposição “Imagens Anunciadas” (CPF 2007, sobre as viagens de José Leite de Vasconcelos), duas imagens publicadas no livro “Fotografia do Douro: Arqueologia e Modernidade”, (no âmbito dos 250 anos da Região Demarcada do Rio Douro), uma publicada no livro “O Porto e seus Fotógrafos” (Edição Porto 2001), algumas da exposição “The Way” (no âmbito do Webinar “Caminhos de Compostela: O Peregrino em Processo de Patrimonialização”) e algumas da exposição “8 hours before” (Quase Galeria, 2015). Outras imagens surgiram em livros como “As paisagens do viajante” (no contexto dos 100 anos de José Saramago) e “O Signo e a Paisagem” (sobre a Estrada Nacional 2). Outras imagens ou fizeram parte de outros livros, trabalhos académicos ou foram apresentadas digitalmente durante os anos da pandemia.



WATCHING YOU

PORTO

AUTORIA: António Martins Teixeira

DATA: Dezembro 3, 2023

LOCAL: Poste na Rua de Pinto Bessa, Porto

António Martins Teixeira propõe-se abordar uma questão inquietante que reflete a mudança que nos nossos processos de vida social: todos os nossos comportamentos são vigiados – por câmaras, escutas ... – em nome da segurança.

Pegando nesta questão, propõe um alerta, uma intervenção na vertical que funcionará como um alerta, uma reflexão.

A instalação acontece num poste da rua Pinto Bessa.









PARQUE DE MÁQUINAS

SERPA

AUTORIA: Câmara Municipal de Serpa

DATA: Setembro 20, 2024

LOCAL: Parque de Máquinas, Serpa

Há 45 anos, na Páscoa de 1979, realizou-se em Serpa o primeiro cortejo etnográfico, a que posteriormente se juntou a componente histórica. O evento, integrado nas Festas de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira de Serpa, consolidou-se ao longo dos anos e fez-se tradição. Em mais de quatro décadas e meia, com apenas três interrupções, o cortejo teve lugar em cada domingo de Páscoa. É um desfile original em terras alentejanas no qual participam centenas de figurantes a pé, a cavalo e em carros alegóricos, recriando momentos da história do concelho e mostrando velhos usos locais.

No Parque de Máquinas da Câmara Municipal de Serpa estão guardados e são reutilizados muitos dos elementos decorativos do cortejo. No dia 20 de Setembro pode visitar-se durante a tarde o material etnográfico reunido ao longo dos anos no âmbito do projeto BASES – Galerias Verticais.







EX
PO
SI
ÇÕES
25

Rangefinder

IMAGENS ENTRECruzADAS

MIT EINER PALME SPIELeNT

O FARDO DO HOMEM BRANCO

LISBOA DÜSSELDORF FACES

DO BRINCAR

A SUBIDA DO MONTE VENTOUX

7 CONCERTOS

RANGEFINDER IMAGENS ENTRECruzADAS

ARTISTAS: José Quaresma, Tiago Batista

CURADORIA: Lúcia Saldanha

LOCAL: MNAC, Galeria [PeP], Lisboa

INAUGURAÇÃO: Março 6, 2025

PARCERIA: Quarteirão das Artes Chiado

José Quaresma e Tiago Batista interligam as suas linguagens e domínios plásticos partindo de dois mecanismos de produção de imagens entrecruzadas: o *Estereoscópio* de Carlos Relvas e o *Rangefinder*. Ambos dispositivos formam duas imagens confluentes, embora com graus diferentes de reciprocidade e sobreposição. O primeiro serviu de base à conceção das peças e o segundo, à semelhança de um dispositivo de focagem, serviu para definir os temas expositivos. Desenho digital e analógico, pintura, instalação e vídeo testam uma interação contínua do poder comunicativo do discurso de ambos os artistas.

A obra introdutória da exposição, que reconfigura num formato contemporâneo o autorretrato como afogado de um dos inventores da fotografia, Hippolyte Bayard (que tudo indica ter sido o primeiro fotógrafo a posar frente a sua própria câmara e a tirar uma selfie), inicia um corpo de peças que, de uma forma articulada, combinam o desenho com luz e imagens que se cruzam reciprocamente.



MIT EINER PALME SPIELEN

ARTISTAS: Alexander Lima, Jorge Cabrera, Luís Silveirinha, Sofia Pratas Morais

CURADORIA: Isabel Calado

LOCAL: Centro Cultural Penedo da Saudade, Coimbra

INAUGURAÇÃO: Abril 22, 2025

PARCERIA: MNAC / ESEC - Escola de Educação de Coimbra

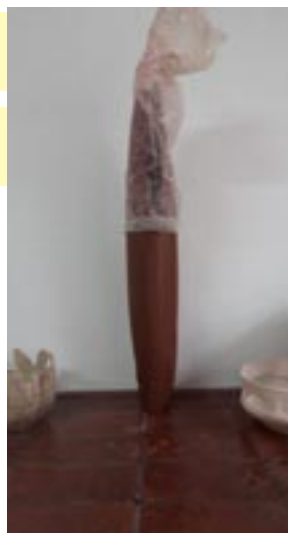
Uma Palmeira outrora habitante de um mundo natural que podemos imaginar ter existido fora do mundo humano ou mesmo contra ele, ofereceu-se à condição humana para renascer. No momento em que se soltou da árvore e caiu no chão, a Bráctea de inflorescência deixou a ordem do ser e do ficar, do estar-ali numa permanência aparente, fiel à arte existencial, e iniciou um trajeto inesperado na ordem do devir, do tornar-se, do fazer acontecer. Ou, mais simplesmente, esta é a história de um ser vivo que, tendo conhecido a morte, renasceu. Não terá sido estranho a este milagre o seu carácter aéreo e protetor e o facto de albergar sementes.

A verdade é que **não fui eu que desejei este ser inanimado, alguém o desejou para mim e esse alguém sabia por que deveria ser paciente e esperar que me falasse.** E assim aconteceu. Foi esse o primeiro momento em que ele voltou à vida.

Mais tarde, a Bráctea tornou-se a inspiração e a estrutura de pensamento dos artistas presentes nesta exposição, fornecendo-lhes um contexto de designação.

ISABEL CALADO

“A INTERPRETAÇÃO É A VINGANÇA DO INTELLECTUAL SOBRE A ARTE” (SUSAN SONTAG)



ALEXANDRE LIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/ALEXICONARTES

JORGE CABRERA

JORGE-CABRERA-ARTES-VISUAIS.WEBNODE.PT/O-MEU-TRABALHO/

SOFIA PRATAS MORAIS

WWW.SOFIAPRATASMORAIS.COM

LUÍS SILVEIRINHA

WWW.INSTAGRAM.COM/LUIS_SILVEIRINHA • WWW.FACEBOOK.COM/SHARE/15IECGDS6V/

O FARDO DO HOMEM BRANCO

ARTISTA: João Fonte Santa

CURADORIA: Lúcia Saldanha, Rui Afonso Santos

LOCAL: MNAC, Galeria [PeP], Lisboa

INAUGURAÇÃO: Abril 10, 2025

PARCERIA: [Pep]

Com trabalho extremamente relevante desenvolvido no âmbito da pintura, desenho e ilustração, João Fonte Santa analisa e dissecar, neste conjunto de obras, a pesada herança do colonialismo europeu, particularmente o caso português.

Recorrendo a uma linguagem figurativa que se vale dos paradigmas oitocentistas do Naturalismo - quer da pintura como da ilustração coevas, visualmente familiares e instituídos -, o artista subverte-os e reconfigura-os numa atitude crítica que, num mundo contemporâneo avassalado pela torrencial proliferação de imagens que se anulam umas às outras, surge como uma alternativa humanista à alienação fundamentalmente consumista dos nossos tempos.



LISBOA DÜSSELDORF FACES

AUTORIA: Ralf Schilberg e Rui Soares Esteves

CONCEITO: Carlos Quintas

CURADORIA: Lúcia Saldanha

LOCAL: MNAC, Galeria [PeP], Lisboa

INAUGURAÇÃO: Julho 11, 2025

PARCERIA: [PeP]

A fotografia, sobretudo a representação fotográfica do retrato, é valorizada nesta exposição no cruzamento de três ideias-chave: a cidade, a identidade e as pessoas.

Esta exposição surgiu a partir de um conceito criado por Carlos Quintas, fundador da Iniciativa Lisboa-Düsseldorf, iniciada em 2008 com o objetivo principal de desenvolver o conhecimento e o trabalho estreito entre cidadãos, empresas e instituições das duas cidades.

Carlos Quintas convidou os fotógrafos Rui Soares Esteves e Ralf Schilberg a fotografarem cidadãos representativos de cada uma das cidades. Os retratos a preto e branco destes rostos preenchem de uma forma orgânica a Galeria (PeP), organizados em dois painéis: Lisboa Faces e Düsseldorf Faces. Lisboa foi fotografada por Rui Soares Esteves e Düsseldorf foi fotografada por Ralf Schilberg.



WWW.RALFSCHILBERG.DE/

WWW.RUISOARESESTEVES.COM/

DO BRINCAR

ARTISTA: Fernando Brito

CURADORIA: Rui Afonso Santos

LOCAL: MNAC, Galeria [PeP], Lisboa

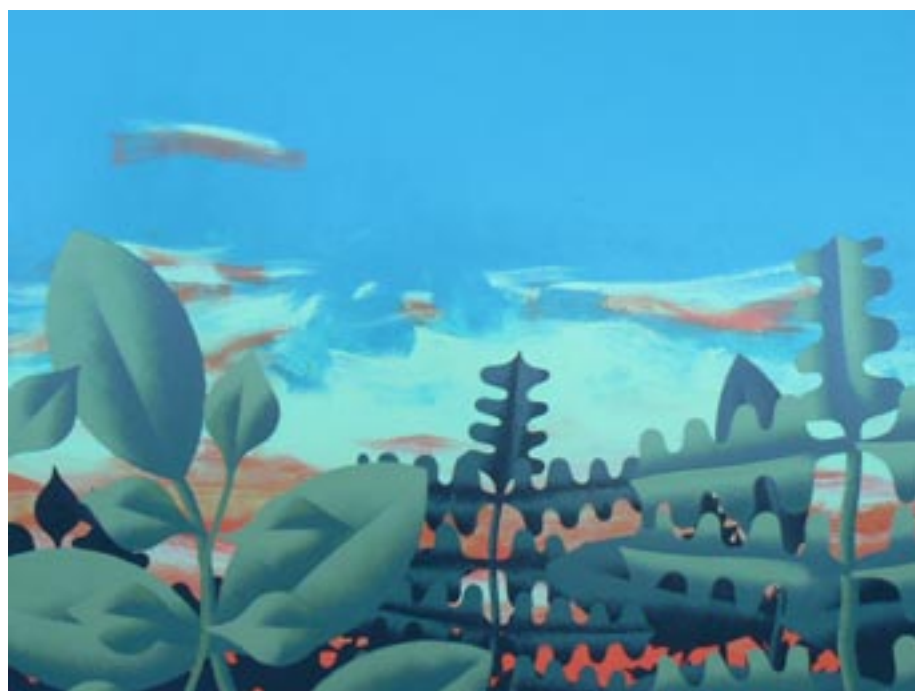
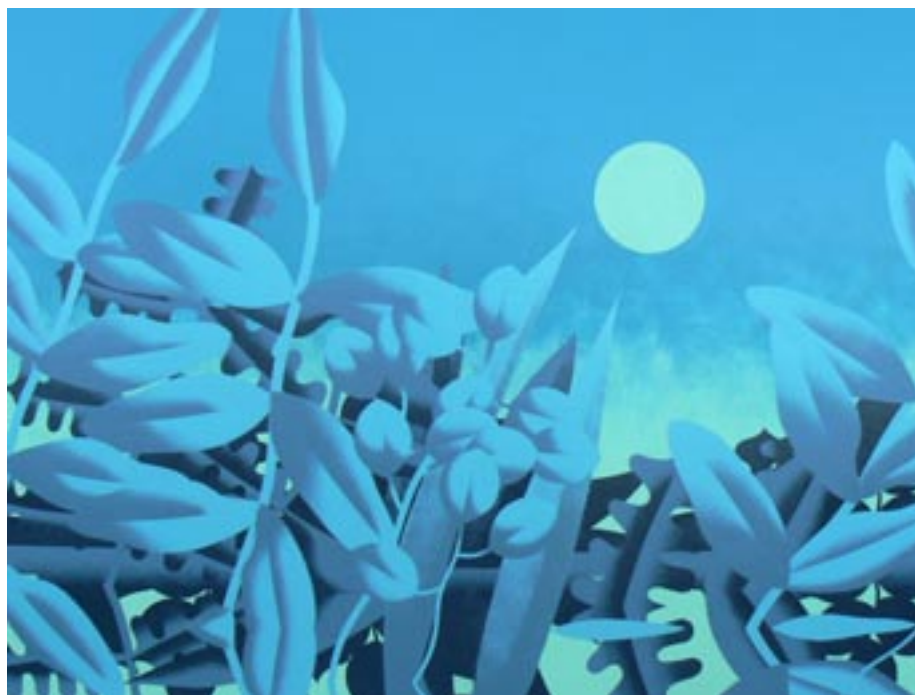
INAUGURAÇÃO: 2025 / 2026

PARCERIA: [Pep]

Membro integrante do Grupo Homeostético (reunindo os artistas Manuel João Vieira, Pedro Proença, Pedro Portugal e Xana) - alternativa que recuperou o espírito do colectivo, afim das neo-vanguardas, como resposta ao individualismo exacerbado que caracterizou os Anos 80 -, Fernando Brito demonstra neste conjunto de pinturas encantatórias os pressupostos teóricos e visuais que, até hoje, norteiam o espírito do Grupo.

O polimorfismo, o anti-comercialismo, a diluição da autoria, a expansão do campo artístico – do domínio da pintura à instalação, música, poesia, performance ou escultura -, bem como o humor contagiante e subversão irónica, manifestam-se em imagens de sentido totémico ou simbólico, como a árvore ou o zigueurate babeliano, na proposta de uma pintura de campo aberto, que propõe a imaginação, o lúdico e o regresso à natureza como alternativa existencial à alienação tecnológica e mediática que caracterizam as sociedade contemporâneas.

RUI AFONSO SANTOS



A SUBIDA DO MONTE VENTOUX

ARTISTA: Manuel Valente Alves

CURADORIA: Lúcia Saldanha

LOCAL: MNAC, Galeria [PeP]

INAUGURAÇÃO: Outubro, 2025

PARCERIA: [Pep]

A vida a que chamamos feliz ocupa as alturas e, como diz o ditado, “estreita é a rua que a ela conduz”. Há também muitas passagens que devem ser atravessadas, assim como devemos avançar gradualmente, de virtude em virtude; no cume é o fim de todas as coisas, o objetivo para o qual orientamos os nossos passos. Todos querem esperar por ele, mas como diz Ovídio, “querer é pouco; é preciso conseguir, desejar.”

PETRARCA, “A SUBIDA DO MONTE VENTOUX” (1336)



7 CON CERTOS

ARTISTA: Rui Soares Esteves

CURADORIA: Lúcia Saldanha

LOCAL: A confirmar

INAUGURAÇÃO: 2025 / 2026

PARCERIA: [Pep]

Com os seus instantâneos das coberturas fotográficas de espetáculos musicais, os fotógrafos de concertos eternizam energias e emoções ímpares dos artistas e do público.

As imagens a preto e branco de Rui Soares Esteves protagonizam um extraordinário registo visual do boom do rock português e testemunham o seu envolvimento profissional na cena musical portuguesa, através de uma colaboração regular com o jornal *Se7e*. Em Portugal, este semanário contribuiu para a construção de toda uma imagem da música portuguesa e da música estrangeira nos anos 80. No país, o olhar eminentemente curioso deste fotógrafo, associado a uma percepção instantânea, explorou o que há de extraordinário, quase místico, em vários concertos musicais de artistas nacionais e estrangeiros.

A pesquisa e a análise deste espólio estão na origem da preparação e produção da exposição *7 Concertos* que, numa parceria [PeP], para além da sua componente artística e histórico-social, captará toda a essência e ambiente vivido nos espaços, pelos músicos e pelo público em geral.

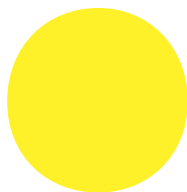
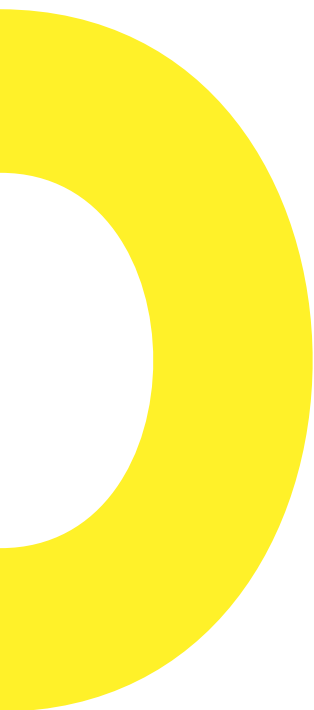


ID:
ESPA
ÇO
PÚBLI
CO

ID: SER PORTUGUÊS

ID: CAMÕES CONTEMPORÂNEO

ID: A SUBSTÂNCIA DA ÁGUA



Entrar no ID: Espaço Público é uma oportunidade para se abordar uma série de questões usando diferentes formas de expressão e de amostragem.

No universo da sustentabilidade cultural, através da participação e do contributo de cidadãos, queremos promover iniciativas que trazem para o ID: Espaço Público ideias reveladoras sobre questões incontornáveis.

O [Portugal entre Patrimónios] quer conhecer interrogações e pensamentos atuais através da recolha de múltiplos testemunhos, expressos através de diferentes técnicas artísticas. Quer contribuir com iniciativas acessíveis para a conexão da sociedade em geral, interagir com muitas pessoas, através de manifestações do potencial da arte como motivação e referencial.

Trabalhamos para recolher ideias e relacionar pessoas, muitas pessoas, com coisas que estão a acontecer agora.

O primeiro ID: Espaço Público foi o ID: Ser Português, o segundo ID: Camões Contemporâneo e o próximo, promovido pelo MIRA Galerias - MIRA FORUM será ID: A substância da água.



CRADADORES DE IMAGENS



ALMADA NEGREIROS

É FADO NOSSO É NACIONAL
NÃO HÁ PORTUGUESES
HÁ PORTUGAL

Pela sua extensão impossível de aqui se tornar real, indicam-se apenas alguns poucos exemplos de autores do século XX, que são como notas alus de um canotcho.

De entre essas notas, as da voz de Almada Negreiros foram das mais insistentes e reindicativas a falar de Portugal, "advertia aquele a quem L.A. França chamou "O Português Sem Vieses" que, se Portugal nada fizesse no presente, arriscava-se a ser um passado vazio de futuro.



Fernando Pessoa

PÔE QUANTO ÉS
NO MÍNIMO QUE FAZES
PARA SER GRANDE,
SÊ INTEIRO

No desmanejamento sistemático que faz de todas as identidades, a começar pela do poeta que a criou, a obra de Fernando Pessoa é uma genial maneira de ser português, sendo tudo de todas maneiras.



Vieira da Silva

A NECESSIDADE DE UM
DESCOBRIMENTO CONTÍNUO

Maria Helena Vieira da Silva, a quem a diáspora resgata a nacionalidade portuguesa e que viveu toda a vida em Paris, encontrou na sua obra uma das mais geniais formas de ser portuguesa.



Eduardo Lourenço

DISCURSO CRÍTICO
SOBRE IMAGENS
QUE DE NÓS MESMOS
TEMOS FORJADO

Em "O labirinto da Saudade", um dos clássicos da questão da identidade, ensaia "uma psicanálise mítica do destino português."

ID: SER PORTUGUÊS

Ser apresenta, em si mesmo, uma perenidade lata que apenas o adjetivo português perturba, no tempo e no espaço.

Ser, apesar de vasto, é tido, com frequência, como sinónimo absoluto de identidade. Já o substantivo *identidade* é, a um tempo, parcelar e complexo. Ou seja: apresentando-se como singular é, na verdade, plural, por se constituir de inúmeras camadas.

Assentemos, assim, no aspeto da *pluralidade* como qualidade intrínseca à *identidade*. O que têm em comum, assim à primeira vista? O sufixo *dade*. Que contributo dá a qualquer palavra este sufixo de origem latina? Define, contém e significa *estado de algo*. No caso da pluralidade, é aquele quê que torna algo plural. No caso da Identidade, será igualmente o tal quê definidor da sua qualidade. E, no caso da *qualidade* parece que voltamos ao ponto de partida, já que se trata da característica que faz com que o *qual* (qualquer que seja) exista num dado tempo e espaço. Dê por onde der, o *dade* — e, no caso, a *identidade* é, portanto, um elemento fugaz que tentamos definir, para agarrar. Ora, para mim, fazemo-lo com a mesma eficácia com que estendemos a mão para agarrar o vento.

Quero com isto dizer que se definir o ser já é tarefa árdua, definir o ser enquanto estar — esse id português, essa *identidade*, essa *qualidade* portuguesa — é tarefa ainda mais complexa e intangível, esquivia a definições simplistas.

Olhando para as palavras e para a sua natureza elusiva, e olhando em volta para a natureza humana, a coisa não apresenta, como se percebe, clarezas indubitáveis; antes se orna de completudes e complementaridades. De natureza sedimentar, sequencial (o tempo, esse *grande escultor...*) a identidade é, como se percebe e pode postular, um organismo que não comporta seriamente a exclusão de nenhuma das suas partes — incluindo as que lhe chegam de outras identidades. Algo que o tempo, o habitat natural do ser, molda invariavelmente e ao qual o *ser* tem de se acostumar e adaptar.

Atrevo-me a afirmar, concluindo — que a coisa já vai longa e labiríntica — que precisamos de toda a ajuda a que pudermos deitar mão, sendo por isso inquestionável que a identidade é tanto mais forte quanto mais agregadora.

EMÍLIA FERREIRA
NOVEMBRO DE 2022

AGUSTINA BESSA-LUÍS



**EVIDENTEMENTE
QUE PORTUGAL É EUROPA.
(.) NESTE PAÍS ESTRANHINHO
E TACECIOSO, QUEM NÃO
É PESCADOR OU SEBRANO,
É COSMOPOLITA.**

Se fôssemos uma antologia dos textos mais representativos e sinomáticos de autores que escreveram sobre Portugal, encontraríamos, motivos de euforia e de depressão, de choro e de riso, de pensamento e de sonho, de concordância e de rejeição, de reconhecimento e de desconhecimento.

ALEXANDRE O' NEILL



**PORTUGAL:
QUESTÃO
QUE EU TENHO
COMIGO MESMO**

Alexandre O' Neill foi herdeiro da linguagem ilustre dos escritores que fizeram da Pátria o seu livro de mágoas e a questão que tiveram com eles mesmos. Com um tom muito pessoal, o autor de "A Feira Cabalaíba" encontrou no sarcasmo a lente com que, para ver melhor, se aproximava e distanciava deste "país em diminutivo".

Paula Rego



**AS HISTÓRIAS
EXISTEM DENTRO
DE NÓS**

A contar as histórias que inventa a partir das suas lembranças mais antigas, perspicazes e fiéis, Paula Rego pintou em Londres um universo em que reconhecemos a nossa memória mais funda através de uma figuração interminável de personagens paradossalmente arquetípicas. A sua maneira de ser portuguesa é uma invenção feita de encantamento, exercício e antídoto contra uma época de diminuição e asfixia.

Sophia de Mello Breyner Andresen



**VERMOS OUVIMOS E LEMOS
NÃO PODEMOS IGNORAR**

Da opressão para a liberdade, da terra para o mar, da proximidade para a distância, do passado para o presente e do presente para o futuro, a obra de Sophia tem uma maneira exemplar, antiga e nova, de ser portuguesa.

CONSERVAREMOS A FEELING CRIA

JOSÉ MANUEL
DOS SANTOS

[PORTUGAL - NTR - PATRIMÓNIO P.]

CONFERÊNCIA
#8 ENCONTRO [PeP]:
SER PORTUGUÊS
MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Senhora Directora do Museu do Chiado e nossa ilustre anfitriã, cara Emília Ferreira

Cara Lúcia Saldanha, coordenadora do projecto “Portugal Entre Patrimónios”,

Caras Amigas e Caros Amigos,

Ainda antes que o verão, com as suas férias, nos viesse distrair das obrigações mais pesadas da vida, a Lúcia Saldanha e a Emília Ferreira resolveram criar-me novas obrigações para o outono, convidando-me a falar hoje, aqui, sobre o tema “Ser Português”.

O meu primeiro impulso foi, agradecendo-lhes embora a gentileza do convite, pedir-lhes dispensa desta missão tão árdua e perigosa, dando-lhes, em troca da minha renúncia, uma lista copiosa de nomes que poderiam substituir-me com vantagem para todos.

Elas ouviram-me, mas, como uma maneira muito portuguesa de ouvir recomenda, fizeram de conta que eu não dizia o que estava a dizer e continuaram a dar por certa a minha aceitação do convite. Eu, com a mesma maneira portuguesa de ouvir, fui-as escutando com uma passividade resignada e sorridente, deixando-me enleiar

na teia dos argumentos que elas apresentavam para fundamentar o convite. A isso, foram acrescentando os objectivos que, com este encontro de hoje, queriam atingir. Conclusão, inesperada para mim, mas decerto esperada para elas: acabei por aceitar o que não queria ter aceite.

As razões que fundavam o meu pedido de dispensa eram três:

A primeira era a de que, nestes tempos em que, por todo o lado e tão agressivamente, se fala de identidade e se afirmam belicamente todas as identidades objectivas e subjectivas (nacionais, regionais, étnicas, religiosas, culturais, linguísticas, sociais, sexuais, de género, corporativas, profissionais, pessoais), não queria ser eu a acrescentar mais uma voz, porventura mal compreendida ou até inconveniente, à dissonância desse enorme, feroz, confuso e desproporcionado coro de cóleras, afirmações, reivindicações, disputas, exigências, ameaças e hostilidades.

A segunda razão era a de que, entre nós, esta questão do “Ser Português” tem uma história cheia de equívocos, mal-entendidos, abusos e aproveitamentos, não desejando eu contribuir para os aumentar sem os esclarecer. Num tempo como o nosso, em que, aos antigos fanatismos identitários, como os nacionalismos agressivos, se vieram juntar outros e novos extremismos, absolutismos, populismos, importa, em minha opinião, não cair em ambiguidades capazes de gerar enganos.

A terceira razão era que tantos autores já escreveram sobre a identidade portuguesa e a arte de “ser português” (ou a falta dela), quer na época moderna e contemporânea, quer ao longo da nossa história política, literária e cultural, que existe uma vasta, plural e até obsessiva bibliografia ao dispor de quem a queira ler e meditar. Só entre 1990 e 2009, por exemplo, foram inventariadas 109 edições ou reedições de obras sobre estes temas. Tudo o que aqui eu possa dizer será, assim, sempre pouco para o muito que poderia ser dito.

Depois de vos ter dado esta minuciosa e inquieta explicação com as razões que tinha para não aceitar o convite que me fizeram, a pergunta inevitável a que agora tenho de responder é esta: Então por que razão aceitei?

Para justificar a falta de intransigência que me levou a transformar um *não* em *assim-assim* e depois em *sim*, poderia invocar as ardilosas artes de persuasão da Lúcia e da Emília, que me encaminharam, quase sem dar por isso, para consentir no que antes tinha dissentido. Mas não me fico por aí!

Houve uma outra razão que acabou por me convencer: esta minha conversa convosco não termina aqui e não tem um fim apenas teórico. Tem propósitos práticos e aquilo que eu vou dizer, sem pretensões a ser original ou exaustivo, é apenas o princípio de um diálogo que prosseguirá e de um trabalho que continuará no que for feito a seguir e que está, afinal, no centro do projecto “Portugal Entre Patrimónios”. E a isso era-me difícil dizer que não!

Dadas estas explicações como quem se culpa e logo absolve a si próprio, começemos então esta nossa conversa, esperando que ela seja um motivo para que vários pontos de vista apareçam e não possa ser nunca entendida como uma lição proferida em nome de uma doutrina cultural, política ou mesmo ideológica estabelecida ou perfilhada. Para essa lição doutrinal, faltar-me-iam sempre os atributos e também a vontade de os ter.

“Ser português” - este modo de enunciar está habitado por perguntas sobre a identidade. O que é uma identidade? O que é uma identidade nacional?

Da identidade, pode afirmar-se o que Santo Agostinho afirmou sobre o tempo: se não me perguntam o que é, eu sei. Se me perguntam, não sei dizer. Por isso, o grande filósofo Edmund Husserl defendeu que a identidade é absolutamente indefinível. Pois foi desta palavra

indefinida e indefinível que o espaço público, político, social, cultural, artístico, universitário, se encheu nas últimas décadas, sendo pretexto, lema, slogan, arma e instrumento para uma proliferação inédita de estudos teóricos e para uma abundância inaudita de acções práticas, militantes e para-religiosas, normativas e frequentemente moralistas, defensivas e ofensivas, reivindicativas e mesmo inquisitoriais.

Vivemos um tempo de apropriações surpreendentes e deslocções inesperadas de conceitos e palavras. Uma delas, por exemplo, é a palavra *mais-valia*. Palavra-chave do léxico marxista, tornou-se hoje uma das palavras mais usadas e repetidas na linguagem da gestão financeira neoliberal. A identidade, que foi, na sua origem, uma palavra insistente do pensamento político e cultural conservador, de direita e mesmo de extrema-direita, é também hoje um conceito central da esquerda e da extrema-esquerda.

O número 16 da revista *Electra*, que tenho o privilégio de dirigir, dedicou o seu dossier habitual ao tema *Identidade (s)*, acolhendo colaboradores que têm estudado, com originalidade e profundidade, a história desse conceito e as suas valências e derivas actuais.

Entre eles, está Nathalie Heinich. Com uma participação assídua em polémicas que assumiram em alguns países uma violência de verdadeira “guerra civil”, esta socióloga francesa e especialista de arte contemporânea sentiu necessidade de escrever um livro a que deu o título *Ce qui n’ est pas l’identité*. Numa entrevista para este dossier da *Electra*, Heinich opõe identidade e identitarismo, protestando contra o abuso redutor e simplista da noção de identidade. Assim, para combater as discriminações e as exclusões, propõe, não uma hipertrofia dos particularismos, mas um novo universalismo republicano e laico cuja tradição provém do Iluminismo e remonta mesmo à Grécia clássica, ainda que seja falsa a frase atribuída a Sócrates: “Não sou ateniense, nem grego, mas sim um cidadão do mundo”. Xenofonte conta, nos “Memoráveis”, que Aristipo de Cirene, discípulo de Sócrates, dizia “ Não me encerro nos limites

de uma cidade: onde quer que me encontre, sou um estrangeiro.” Outros defendem que a ideia de “cidadão do mundo”, a ser de um grego, é de Plutarco.

No dossier de que vos falo, o filósofo Frédéric Neyrat fala da identidade: “A identidade é o que os seres humanos, assustados com o seu próprio abismo interior, querem testar continuamente, para se consolarem e acreditarem que são, de facto, a todo o momento, eles próprios”.

Nesse mesmo número da *Electra*, o filósofo espanhol Félix Duque, observador privilegiado das lutas identitárias autonómicas e independentistas do seu país, adverte: “O que encobre o *identitarismo* é evidente: trata-se de impor uma crença mítica, essencialista (segundo a qual o «Povo» continua a ser o mesmo ao longo da sua história, configurando-se assim como Nação), contra a realidade fáctica de uma existência sempre variável, sempre instável, devido às contingências da história. Contingências que hoje, sobretudo no bloco ocidental, representam a transferência do poder da burguesia, cimentada na indústria mecanizada, para uma nova classe emergente e disruptiva: financeira e tecnocrática, baseada na absolutização da tecnologia informática e comunicacional, o que conduz à pauperização progressiva das chamadas “classes médias” e à substituição, nos níveis inferiores do proletariado pelo “precariado”. Essa transformação do liberalismo num neoliberalismo global, especulativamente financeiro e digitalmente tecnocrático, exacerba ainda mais o sentimento de uma *identidade vulnerada*, dando origem, por reacção, ao florescimento do populismo, na sua vertente extrema: o *nacional-populismo*”.

Na identidade nacional todos os povos e nações se louvam para se conhecerem e reconhecerem, afirmarem e distinguirem. Mas é fundamental que a identidade nacional não se deixe aproximar e menos ainda confundir com o nacionalismo. Pois, como disse François Mitterrand, no último dia em que foi Presidente e discursou

no Parlamento Europeu, sintetizando o seu testamento político numa espécie de história da Europa no século XX: “O nacionalismo é a guerra!” É isso que os nossos dias têm infelizmente provado.

Para prevenir mal-entendidos, Mário Soares distinguia, com uma grande clareza, nacionalismo e patriotismo. O nacionalismo considera a sua Nação superior às outras e tira as agressivas consequências dessa violenta pretendida superioridade. O patriotismo afirma o orgulho lúcido da Pátria, mas não a considera superior e reconhece aos de outras pátrias o direito ao patriotismo deles.

Uma coisa é bom lembrar: todas as identidades são construídas como textos de ficção que aproximam e atravessam realidade e imaginação, muitas vezes miscigenando-as e confundindo-as. Ou melhor: são narrativas que transportam a imaginação da realidade e a realidade da imaginação.

São também ideologias políticas, sociais, culturais, religiosas e até psicológicas. Se falarmos das identidades nacionais, devemos ter consciência de que elas resultam sempre de uma visão mitificada do passado e ou de uma concepção messiânica e providencial do futuro (é o caso do sebastianismo), mesmo quando essa concepção assume uma feição apocalíptica.

Criam-se essas visões do passado e essas concepções do futuro para salvar, resgatar ou redimir o presente que, com a sua realidade e a sua rotina, a sua mediania e a sua mediocridade, a sua vulgaridade e a sua exiguidade, quase sempre não responde às perguntas, não realiza as expectativas, não cumpre as promessas, frustra os desejos, adia as ambições, decepciona os sonhos, revela e desfaz as ilusões. O desinvestimento libidinal no presente é transferido ora para uma fixação copulativa no passado, ora para um sobreinvestimento compulsivo no futuro.

É este mecanismo mental que põe o presente na sombra para iluminar o passado e o futuro, dando ao tempo um papel salvífico, que,

segundo alguns pensadores, explica que Portugal tenha, afinal, uma hiperidentidade.

Um desses pensadores é Eduardo Lourenço que, em “O Labirinto da Saudade”, um dos clássicos da questão da identidade, ensaia “uma psicanálise mítica do destino português.” Esclareceu ele: “O assunto próprio do nosso livro é pois menos o da “preocupação por Portugal”, preocupação que está inclusa por definição em todas as tentativas de autognose, que o de uma *imagologia*, quer dizer, um discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmos temos forjado. “ E explicou: “ Por gosto, por vocação, mas também por decisão intelectual fundamentada, este nosso primeiro esboço de *imagologia portuguesa* é quase exclusivamente centrado sobre imagens de origem literária e em particular para a época moderna, naquelas que por uma razão ou por outra alcançaram uma espécie de estatuto mítico, pela voga, autoridade e irradiação que tiveram ou continuam a ter”.

Diga-se, com rápida intenção, que o grande poeta mexicano Octavio Paz, Prémio Nobel da Literatura, tinha escrito um livro com um título parecido ao título de Eduardo Lourenço, “El Laberinto de la Soledad”, no qual tenta decifrar os grandes enigmas e segredos da miscigenada cultura mexicana, procurando encontrar uma identidade para o México, respondendo à pergunta: Que torna os mexicanos diferentes? Para Paz, a tão falada solidão dos mexicanos não é um dado existencial, mas procede de uma imagem histórica arrebatada e enaltecida pelo imaginário colectivo.

A história das imagens literárias de Portugal, de que fala Lourenço, tem as suas estações de via-sacra e os seus mistérios gloriosos, gozosos, luminosos e dolorosos.

Entre os nomes daqueles que criaram essas imagens, estão alguns dos maiores escritores da língua portuguesa: Fernão Lopes, Gil Vicente, a literatura dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa

(com viagens e naufrágios), Camões, António Vieira, Luís António Verney, Garrett, Herculano, Camilo, Antero, Eça, Oliveira Martins, António Nobre, Junqueiro, Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira, Teófilo Braga, Pessoa, Pascoaes, Almada Negreiros, Raul Brandão, António Sérgio, Jaime Cortesão, Duarte Leite, o brasileiro Gilberto Freyre (com o luso-tropicalismo), Jorge de Sena, Miguel Torga, Joaquim de Carvalho, Reynaldo dos Santos, Orlando Ribeiro, Luís de Albuquerque, Jorge Dias, António José Saraiva, Manuel Antunes, Vitorino Magalhães Godinho, Agostinho da Silva, os autores da “filosofia portuguesa”, Agustina Bessa-Luís, Ruben A., Sophia de Mello Breyner Andresen, Mário Cesariny, Alexandre O’Neill, Luís Pacheco, Natália Correia, José Saramago, Mário Soares, Manuel Alegre, José Mattoso, Vasco Pulido Valente, Armando Silva Carvalho, António Lobo Antunes, Mário de Carvalho, Miguel Esteves Cardoso.

E, a esta lista, poderíamos juntar uma outra: a dos estrangeiros que nos visitaram ou viveram entre nós e que escreveram livros, que vão do anátema e da apóstrofe à lisonja e ao panegírico, constituindo um compêndio de imagens que nos deleitam ou indignam.

Pelas páginas dos nossos grandes criadores de imagens de Portugal, passaram as questões da independência nacional, da expansão marítima, da restauração, do auge, da decadência, da regeneração, da tirania, da democracia, do fim do Império, do regresso à Europa, do retrato e do autorretrato da Nação, do nosso lugar no mundo. Passaram a narrativa histórica, a épica, a lírica, a bucólica, o drama, a sátira, a litania, a glorificação, a objurgatória. Das liberdades que brilham às opressões que escurecem, das exaltações alucinantes aos vaticínios angustiados, tudo ali se acha e nos percorre quando os lemos.

Se escutarmos bem o que se diz, ou murmura, ou insinua no espaço público português dos nossos dias, é como se todas estas questões continuassem ainda presentes, sob a forma de fantasmas ou em miniaturas portáteis para consumo instantâneo e liofilizado dos

comentadores, analistas, profetas e outros actores da sociedade do espectáculo em que vivemos, na sua ruidosa e cacofónica variante lusitana.

Se fizéssemos uma antologia dos textos mais representativos e sintomáticos que os autores cujos nomes enunciei escreveram sobre Portugal, encontrávamos, na variação tantas vezes antitética do que dizem, motivos de euforia e de depressão, de choro e de riso, de pensamento e de sonho, de concordância e de rejeição, de reconhecimento e de desconhecimento.

Dessa antologia imaginária, pela sua extensão impossível de aqui se tornar real, escolhi apenas alguns poucos exemplos de autores do século XX e que são como notas altas de um cantochão.

De Fernando Pessoa:

O povo português é, essencialmente, cosmopolita. Nunca um verdadeiro português foi português: foi sempre tudo. Ora ser tudo em um indivíduo é ser tudo; ser tudo em uma colectividade é cada um dos indivíduos não ser nada.

Ou então:

Das feições de alma que caracterizam o povo português, a mais irritante é, sem dúvida, o seu excesso de disciplina. Somos o povo disciplinado por excelência. Levamos a disciplina social àquele ponto de excesso em que coisa nenhuma, por boa que seja — e eu não creio que a disciplina seja boa — por força que há-de ser prejudicial.

Tão regrada, regular e organizada é a vida social portuguesa que mais parece que somos um exército do que uma nação de gente

com existências individuais. Nunca o português tem uma acção sua, quebrando com o meio, virando as costas aos vizinhos. Age sempre em grupo, sente sempre em grupo, pensa sempre em grupo. Está sempre à espera dos outros para tudo. E quando, por um milagre de desnacionalização temporária, pratica a traição à Pátria de ter um gesto, um pensamento, ou um sentimento independente, a sua audácia nunca é completa, porque não tira os olhos dos outros, nem a sua atenção da sua crítica.

De Almada Negreiros:

*É fado nosso
É nacional
Não há portugueses
Há Portugal*

De Carlos Queiroz:

*Português e vivo
É diminutivo
Só fazemos bem
Torres de Belém.*

De Eduardo Lourenço:

Os Portugueses não convivem entre si, como uma lenda tenaz o proclama, espiam-se, controlam-se uns aos outros; não dialogam, disputam-se, e a convivência é uma osmose do mesmo ao mesmo, sem enriquecimento mútuo, que nunca um português confessará que aprendeu alguma coisa de um outro, a menos que seja pai ou mãe...

De Mário Cesariny:

Sei que não temos jeito para sermos uma Nação.

De Jorge de Sena:

A Portugal

*Esta é a ditosa pátria minha amada. Não,
Nem é ditosa, porque o não merece
Nem minha amada, porque é só madrasta.
Nem pátria minha, porque eu não mereço
a pouco sorte de ter nascido nela.*

De Sophia de Mello Breyner Andresen:

Exílio

*Quando a pátria que temos não a temos
Perdida por silêncio e por renúncia
Até a voz do mar se torna exílio
E a luz que nos rodeia é como grades*

De Agustina:

*Neste país estreitinho e faccioso, quem não é pescador ou serrano,
é cosmopolita.*

Em todas estas declarações sobre Portugal, há uma questão que, afinal, um outro poeta enunciou como se praticasse um exorcismo.

De Alexandre O' Neill:

Portugal

(...)

*Ó Portugal, se fosses só três sílabas
de plástico, que era mais barato!*

(...)

*Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo,
Golpe até ao osso, fome sem entretém,
perdigão marrado e sem narizes, sem perdizes,*

*rocim engraxado, feira cabisbaixa,
meu remorso,
meu remorso de todos nós.*

Portugal, questão que cada um de nós tem consigo mesmo, poderíamos nós também dizer, afinal. Mas, se observarmos bem os que nasceram ou vivem noutros países, também eles têm, com o seu país, uma questão! Talvez, então, a nossa verdadeira questão nacional seja julgarmos que somos exclusivamente nós a ter uma questão nacional.

A verdade, contudo, é que a imagem dominante e mais constante que temos de nós é negativa, com alguns intervalos de euforia nem sempre razoável nos seus exageros meteóricos.

Quando cada um de nós deixar de encontrar nessa imagem predominantemente negativa que temos de Portugal e dos portugueses o divã onde se deita para a sua psicanálise secreta, ou, quando essa imagem deixar de servir de alibi, desculpa, justificação ou bode expiatório para as suas impotências, incapacidades e desistências, então será mais verdadeira, responsável e fecunda, a relação que teremos com o país e a que manteremos uns com os outros.

É claro que temos problemas atávicos, vícios ancestrais, tendências arcaicas, inércias transmitidas, tradições deploráveis. Mas fazermos dessa pesada herança, entre coléricos e trocistas, uma espécie de núcleo duro da nossa identidade é contribuírmos para a sua imutabilidade, para a sua inevitabilidade e para a sua quase indispensabilidade. Não façamos desse legado sombrio a nossa orgulhosa e fatal singularidade portuguesa. Com a seta apontada ao alvo certo e mantendo a pontaria firme, muda-se o que está mal e melhora-se o que está bem.

Não estamos condenados, toda a vida e até ao fim dos séculos, a expulsar judeus, queimar hereges, cultivar o fanatismo, transmitir

a ignorância, propagar a superstição, delapidar o ouro do Brasil ou o dinheiro da Europa, manter guerras coloniais anacrônicas, desmerecer da liberdade, aceitar o despotismo, enaltecer o centralismo, procurar salvadores da Pátria, enaltecer o “pobrete, mas alegrete”, aborrecer a ciência, desprezar a cultura ou arruinar o património.

Não culpemos Portugal e as suas más tradições (também temos boas tradições) por aquilo que é da nossa responsabilidade pessoal – cívica, política, intelectual e moral- fazer ou desfazer. Se repetirmos erros do passado, a culpa não é do passado, é do presente e é nossa, toda nossa, inteiramente nossa.

O próprio fado, considerado uma espécie de hino nacional do nosso fatalismo cego, inelutável e imobilista, é o contra- exemplo e a contraprova de si mesmo.

A verdade é que o fado apenas se tornou Património da Humanidade, porque Amália, tendo-o recebido em herança como uma pobre canção lisboeta de tabernas e bordéis o mudou radicalmente. Com os poetas e compositores que o seu génio atraiu ou convocou, modificou-lhe e elevou-lhe o estatuto, dando-lhe sofisticação cultural, refinamento estético, complexidade musical, qualidade poética e universalidade artística. Muitas vezes isto foi feito perante a incompreensão ululante dos tradicionalistas mais férreos e ferozes. Afinal, a tradição que esses tradicionalistas melhor sabiam defender e preservar era uma funesta, embora arrogante, tradição de mediocridade que nem sequer sabia dizer o seu nome e ter consciência de si.

Durante décadas, Vasco Pulido Valente fez troça semanalmente da “paixão da educação” e considerava o nosso atraso cultural e a nossa iliteracia crónica como o inelutável cartão de identidade do “indígena português”. Nos últimos anos da sua vida, porém, confessou que se tinha enganado redondamente no seu sarcasmo fatalista e reconheceu, com alegria e entusiasmo, que a educação estava a mudar Portugal e os portugueses.

No livro “Representações da Portugalidade”, organizado por André Barata, António Santos Pereira e José Ricardo Carvalheiro, variados autores pensam lucidamente a história da nossa questão nacional, nas suas verdades e mentiras, realidades e fantasias. Com um olhar actualizado e usando os instrumentos do seu trabalho intelectual, desconstroem mitos, refutam ideias feitas e desafiam lugares-comuns, longamente e largamente instalados para prejuízos de todos.

Entre esses mitos, está o de um Portugal “ausente da sua própria realidade”, ou então o de um país com “medo de existir”, ou de uma Nação que não ousa ver-se ou dizer-se como é e prefere a fuga para outros espaços e outros tempos para, com esta ilusão, se defender da verdade de si-mesma e da realidade do que é. E afirma-se também que “somos um povo de pobres com mentalidade de ricos”, de “ricos pobres” ou de “ricos imaginários”. Diz-se ainda que não temos nem podemos ter escala, tamanho, dimensão. Denunciam-se com estas fórmulas cruéis (justas? injustas?) a nossa incorrigível mania das grandezas, assente numa mistura explosiva de megalomania com mitomania, para compensar aquilo que, em nós, seria de facto a única coisa grande: a pequenez, a imensa pequenez.

Na colecção de textos inconformados e inconformistas, que formam o livro “Representações da Portugalidade”, impugna-se uma ideia, que tem conhecido uma notória fortuna nas décadas recentes, que é olhar para uma Nação como se de uma pessoa se tratasse e submetê-la a sessões continuadas e intensivas de psicanálise, acreditando assim que tudo o que é recalcado ou latente se manifesta. O debate, muitas vezes provocador e iconoclasta, que esta obra propõe e regista é um exemplo a seguir e a multiplicar.

Neste tempo-acelerador e neste mundo-armadilha, que é, afinal, ser português?

Cada um de nós tem o seu modo próprio de o ser - e isto digo-o eu assim e sublinhadamente para recusar que haja uma ontologia do

ser português, uma essência na maneira de o ser, um cânone ortodoxo, um modelo único, canônico e fidedigno de pensar, de sentir e de agir portuguesmente, perante o qual todos os outros comportamentos seriam desviantes, impuros, errados ou consubstanciando formas insidiosas de infidelidade ou mesmo de traição.

No dismantelamento sistemático que faz de todas as identidades, a começar pela do poeta que a criou, a obra de Fernando Pessoa é uma genial maneira de ser português, sendo tudo de todas maneiras.

Como é um grandioso modo de ser português, a obra de Jorge de Sena cheia de raiva para com a Pátria que não mereceu o eterno, íntimo e tumultuoso exilado que foi o seu autor.

Da opressão para a liberdade, da terra para o mar, da proximidade para a distância, do passado para o presente e do presente para o futuro, a obra de Sophia tem uma maneira exemplar, antiga e nova, de ser portuguesa.

Cheia de sarcasmos e de acusações, de heresias e de blasfêmias, a obra de Cesariny é também um modo desalmadamente fulgurante e certo de ser português.

Maria Helena Vieira da Silva, a quem a ditadura negou a nacionalidade portuguesa e que viveu toda a vida em Paris, encontrou na sua obra uma das mais geniais formas de ser portuguesa e faz mais por Portugal do que todos aqueles que, durante meio século, se instituíram como rosto e voz de uma Nação cujo povo nunca os escolheu nem mandatou. Por isso, disse, sobre ela, Sophia de Mello Breyner Andresen: “Aquilo que é o mais profundamente português e que até agora só tinha sido dito pela poesia, está na sua pintura: o lirismo da imaginação, o sentido da realidade poética do mundo, a nostalgia do espaço, a vocação do feérico, a necessidade dum descobrimento contínuo, maravilhado e ilimitado”.

A contar as histórias que inventava a partir das suas lembranças mais antigas, perspicazes e fiéis, Paula Rêgo pintou em Londres um universo em que reconhecemos a nossa memória mais funda através de uma figuração interminável de personagens paradoxalmente arquetípicas. A sua maneira de ser portuguesa é uma invenção feita de encantamento, exorcismo e antídoto contra uma época de diminuição e asfixia.

Repito: Não há um modelo exclusivo, exacto, autenticado e patenteado para se ser bom português, em discordância ou divergência do qual os outros seriam modelos de maus portugueses. Tivemos, em vários períodos da nossa história, o último dos quais durou 48 anos do século XX, a experiência infame dessa doutrina maniqueísta para podermos desconhecer as suas consequências e não a desmascarmos e repudiarmos de imediato.

A esta luz, ser português no século XXI é, antes de mais, cada um de nós ter a coragem de ser livre. É ter a ousadia de usar a liberdade que nos torna cidadãos e não súbditos para fazer do Portugal livre, plural, europeu e aberto ao mundo que somos, um país de todos e um país melhor para todos. Dizer um país de todos quer dizer exactamente um país politicamente, economicamente, socialmente, culturalmente de todos.

Para isso, acho eu que, portugueses e cidadãos responsáveis do século XXI, devemos tentar desdramatizar, normalizar, eu até ousaria dizer racionalizar, a relação que cada um de nós tem com o país, lucidamente conscientes daquilo que ele foi, é e pode ser, nas suas luzes e sombras, carências e potencialidades, défices e proveitos, vantagens e desvantagens.

Ser português é ser legatário de uma tradição, mas saber, como disse o grande compositor Gustav Malher, “que a tradição não é a adoração das cinzas, mas a transmissão do fogo”.

Pátria e património têm o mesmo étimo: pater, pai. Uma Pátria é um património político, cultural, simbólico de pertença e de partilha. A melhor identidade portuguesa é aquela que está segura de si e por isso nos leva ao mundo e nos traz o mundo. A melhor identidade portuguesa é aquela que nos encoraja a conhecer, sem mentiras e com espírito crítico, o passado e a imaginar, sem medos e sem complexos, o futuro. Só assim podemos viver bem o presente.

Penso que este projecto “Portugal Entre Patrimónios” também é disto que trata!

JOSÉ MANUEL DOS SANTOS

23 DE NOVEMBRO DE 2022

EXPOSIÇÃO SER PORTUGUÊS - CRIADORES DE IMAGENS

Para a exposição itinerante *Ser Português - Criadores de Imagens*, realizada a partir da ideia de criadores de imagens de Portugal, desenvolvida no oitavo encontro do projeto nacional do MNAC [Portugal entre Patrimónios] sobre Ser Português, foi intencionalmente criada uma coleção de cartazes e selecionadas algumas obras artísticas. A exposição é referida entre a página 34 e a página 37 desta publicação, no capítulo das exposições itinerantes.

QUEM? O QUÊ? QUANDO? PORQUÊ? ONDE?

PAÍSES
DE LÍNGUA
PORTUGUESA

UNIDADE
E DIVERSIDADE

Chefes
de Estado
Fundadores

PORTUGAL
D. AFONSO HENRIQUES
1139

BRASIL
D. PEDRO I
1822

GUINÉ BISSAU
LUÍS CABRAL
1973

ANGOLA
AGOSTINHO NETO
1975

CABO VERDE
ARISTIDES PEREIRA
1975

MOÇAMBIQUE
SAMORA MACHEL
1975

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
MANUEL PINTO DA COSTA
1975

TIMOR-LESTE
XANANA GUSMÃO
2002

ID: CAMÕES CONTEMPORÂNEO

Paralelamente a múltiplas iniciativas no âmbito das comemorações do quinto centenário do nascimento de Luís Vaz de Camões, o projeto nacional do MNAC [Portugal entre Patrimónios] desenvolveu, integrado na sua programação o ID: CAMÕES CONTEMPORÂNEO.

Criou um poster com o primeiro verso do soneto de Camões *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*. Utilizou também a imagem de uma escultura do poeta noutros posters realizados para a exposição *SER PORTUGUÊS, Criadores de Imagens*.

Na atividade das Bases-Galerias Verticais, *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades* foi o mote destes projetos expositivos realizados pelo país.

No contexto destas comemorações, em janeiro de 2025 o [PeP] consultou 50 pessoas, dos 20 aos 90 anos, no sentido de indicarem dois poemas de Luís de Camões que considerassem atuais. Neste universo de participantes, os poemas mais escolhidos foram: *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades* e *Ao desconcerto do Mundo*.





Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E enfim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía.

Ao desconcerto do Mundo

Os bons vi sempre passar
No Mundo graves tormentos;
E para mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau, mas fui castigado.
Assim que, só para mim,
Anda o Mundo concertado.

LUÍS DE CAMÕES

ID: A SUBSTÂNCIA DA ÁGUA

A presença da água é uma constante na história da Humanidade: da pré-história até hoje, a água define os modos de convivência dos seres humanos atravessando as suas produções artísticas e literárias. Com a ciência da Modernidade, a água deixou de ser vista apenas como um símbolo ou princípio cósmico e passou a ser enquadrada por leis físicas e químicas. Paralelamente, o estatuto da água tem mudado sendo cada vez mais um dispositivo de regulação social e de construção de território. Os ciclos da água – escassez ou excesso - desenharam paisagens, definem presentes e futuros de populações, o que nos remete para as questões de sustentabilidade. A água está presente no vapor que se dissipa, no fluxo incessante dos rios e na imensidão dos oceanos, está presente em cada gota de chuva.

Mas o universo da água é bem mais do que a substância física. A imagem da água surge como um elemento simbólico, carregado de significados: fluxo do tempo, incerteza da existência, mutabilidade, fluidez, impermanência, memória, transitoriedade da vida.

Esta proposta de ID do MIRA Galerias – MIRA FORUM, parceiro do [PeP], traduz-se na realização de Bases - Galerias Verticais, um formato passível de associar múltiplas técnicas e materiais em diferentes suportes expositivos e lugares improváveis.



PROJE
TOS
CUL
TURAIS
EM
DIÁ
LOGO

THINK TANKS / NETWORKING

COMUNICAÇÃO

WORLD CAFÉS

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

JUNTOS FAZEMOS MAIS E MELHOR

MUSEU DO HUMOR E DO ABSURDO

SALA DE BRINCAR

TURISMO CULTURAL SUSTENTÁVEL

URBANISMO E GESTÃO URBANA

SOBRE A LIBERDADE

THINK TANKS / NETWORKING

Realizaram-se oito encontros para captar tendências de evolução, reforçar o desenvolvimento de contactos e incentivar o turismo cultural sustentável:

Ciclo CO-LABORAR

	TEMA	DATA / CIDADE	ANFITRIÃO/ORADORES	LOCAL
#1	A ATENÇÃO	30 out 2018 Lisboa	MNAC José Manuel dos Santos	MNAC
#2	GEOGRAFIA E UTOPIA	25 fev 2019 Porto	REIT U.Porto Álvaro Domingues e Fátima Vieira	Universidade do Porto Reitoria
#3	ARTE E CRIAÇÃO	15 maio 2019 Loulé	LOULÉ CRIATIVO CMLoulé Xana	Auditório Solar da Música Nova + visita às oficinas do Loulé Design Lab
#4	COLABORAÇÃO E GOVERNAÇÃO INTEGRADA	2 julho 2019 Évora	FUNDAÇÃO EUGÉNIO DE ALMEIDA Hélder Guerreiro Dália Paulo, Carlos Ribeiro	Fundação Eugénio de Almeida + visita aos espaços expositivos
#5	SUSTENTABILIDADE	30 out 2019 Matosinhos	ESAD-IDEA José Bártolo, Tomé Quadros, Maria Adelaide Ferreira, Lúcia Saldanha	ESAD-IDEA + visita às exposições FRONTIERE e QUE FORÇA É ESSA
#6	MARKETING SOCIAL E MUDANÇA	29 jan 2020 Coimbra	TEAGV Isabel Calado, André Imenso, Daniela Ambrósio	Casa das Caldeiras + visita ao Teatro Académico de Gil Vicente
#7	PATRIMÓNIO INTERGERACIONAL	4 julho 2021 Porto	REIT U.Porto Paulo Farinha Marques, Patrícia Nogueira	Casa da Biodiversidade, Jardim Botânico da Universidade do Porto
#8	SER PORTUGUÊS	23 nov 2022 Lisboa	MNAC José Manuel dos Santos, Catarina Portugal, Ismael Sequeira	MNAC + Inauguração da exposição Mosaico

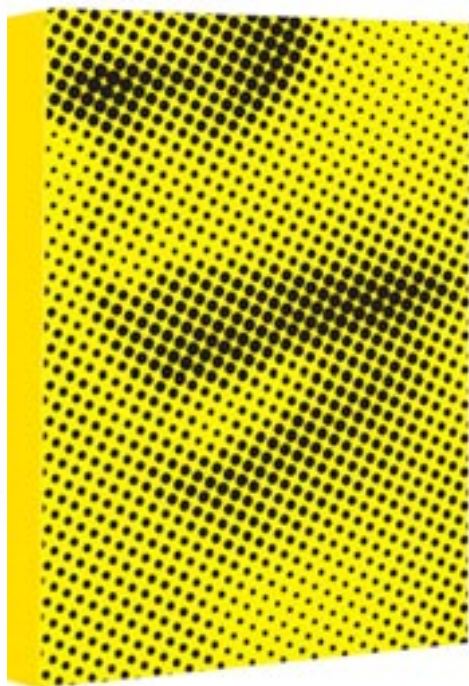
COMUNICAÇÃO LOGO E WEB SITE [PeP]

www.portugalentrepatrimonios.gov.pt

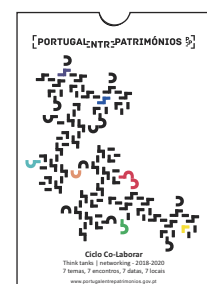
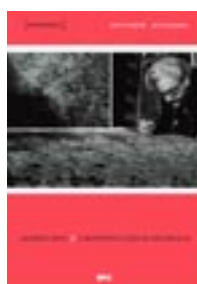


ENTREVISTAS

O sentido de diálogo do [PeP], enunciado no propósito de revelar o património e a criação artística, incluiu desde o início, nas suas linhas editoriais, as ENTREVISTAS. Através delas pretendemos partilhar conversas com distintos intervenientes, autores de pensamento, criadores de imagens e conceitos, que, neste nosso tempo, têm propiciado instrumentos para o enriquecimento da cultura e do património em Portugal.



EDIÇÕES



WORLD CAFÉS

O QUÊ? Ciclos de discussão centrados num tema e três perguntas. **PARA QUÊ?** Aprendizagem, experiência e diversão na aproximação ao património intergeracional. **COMO?** Convidando mais de 8 pessoas para conversas informais como se estivessem numa mesa de café. **PARA QUEM?** Grupos e comunidades que integrem, ou não, a rede.

Iniciativas patrimoniais / culturais / artísticas com valências diversificadas, dinâmicas de grupo em áreas territoriais distintas. Em 2019 realizaram-se três world cafés-piloto promovidos por três parceiros de projeto, onde se respondeu a três perguntas, usando as respostas como pretexto para pensar em conjunto sobre a arte contemporânea, o património, o ensino, a educação comunitária e a identidade dos territórios:

O VALOR DA ARTE

Organização: Cristina Vaz de Almeida e Ruth Calvão

Parceiro: MNAC

Local: Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa

Dia: 2 de abril

EDUCAÇÃO NA ARTE

Organização: Daniela Ambrósio e Jorge Reis

Parceiro: EMERGE

Local: Casa da Avó Gama, Torres Vedras

Dia: 23 de abril

TURISMO CULTURAL SUSTENTÁVEL:

Organização: Ruth Calvão

Parceiro: CEJTM

Local: Hotel Mélia, Braga

Dia: 30 de abril





RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

As residências artísticas mais recentes do MNAC, no âmbito do [PeP], surgiram na pós-pandemia. Concretizaram-se no incentivo ao desenvolvimento e à pesquisa relacionada com a coleção do museu e com os seus artistas, articulada simultaneamente com Educação e Comunicação do MNAC.

Foram desenvolvidas três propostas de artistas visuais.

MIMI TAVARES

(Lisboa, 1962)

28 de Julho a 31 de Agosto de 2023

Trabalhou a partir da coleção do museu, do espaço do museu e da sua história, a partir da vida e obra de artistas ligados ao museu nos seus primórdios, como Adriano Sousa Lopes, Veloso Salgado, Columbano Bordalo Pinheiro, entre outros, e estabelecendo diálogos entre o trabalho destes pintores e o seu próprio trabalho.

Resultado:

- Atelier aberto aos visitantes do museu
- Exposição intitulada “Sons Invisíveis” com os trabalhos realizados na residência, no MNAC, nas Galerias da Rua Capelo (12 a 22 outubro de 2023).

www.facebook.com/mimitavaresartwork

www.instagram.com/mimi_tavares1



CATARINA PATRÍCIO

(Lisboa, 1980)

15 de março de 2023 a 15 de Julho de 2023

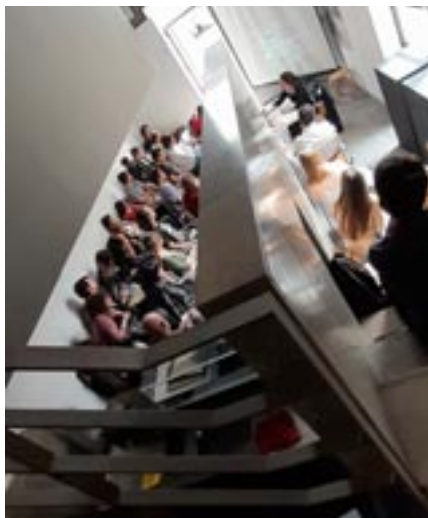
A proposta de residência envolveu três fases referentes ao processo artístico: Criação, Participação e Coleção.

O campo das artes é uma instância seminal das práticas humanas. Mas enquanto técnica, linguagem e conhecimento, as artes são também um processo que envolve tanto a criação, como a receção e a conservação (memória/arquivo). O programa de Residência Artística procurou a arte nestas três dimensões, com o objetivo de pensar a natureza do processo criativo para encontrar, em regime dinâmico, a subitaneidade intercategórica entre o ato criativo e a sua reflexão estética, diversificar o contacto com os públicos e realizar produção artística dentro do Museu.

Resultado:

- Aulas abertas
- Exposição individual no MNAC, galeria [PeP], intitulada “Balada do Condado Laranja” em novembro de 2023.

catarinapatricio.weebly.com



ÂNGELA FONSECA

(Lisboa, 2020)

Diferentes períodos entre novembro de 2023 e fevereiro de 2025

A coleção e o trabalho de alguns dos artistas da coleção do MNAC foram motivo de pesquisa e mote de todo o processo criativo. A exploração escultórica foi feita em regime misto, dentro do museu e em espaços exteriores.

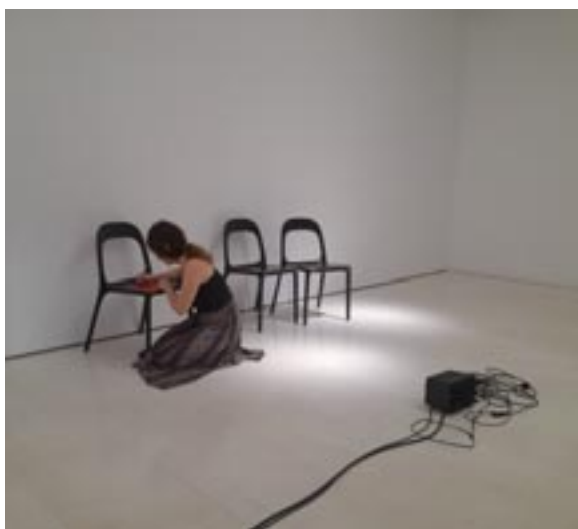
A Residência combinou um processo criativo e construtivo, com um carácter experimental e dinâmico, que apelou à sensibilidade e à participação, convidando o público a refletir sobre os assuntos propostos, sobre a coleção, e a participar na construção de objetos ou ações.

Resultado:

- Atelier aberto e exposição das esculturas realizadas no Jardim da Esculturas do MNAC.
- Atividades Artísticas na Sala de Brincar do Hospital Garcia da Horta.

egitoanjo.wixsite.com/angela-escultura

www.flipsnack.com/portfolioescultura/portfolio-ngela-fonseca



JUNTOS FAZEMOS MAIS E MELHOR

A Escola Básica e Secundária Fernando Lopes Graça integra alunos residentes, designadamente, nas freguesias de Parede, S. Domingos de Rana e Carcavelos e, de forma menos significativa, de outras freguesias mais distantes. A sua Associação de Pais, no contexto das atividades fora do museu do projeto [Portugal entre Patrimónios] do MNAC, convidou em 2019 a escritora, e também diretora do MNAC, Emília Ferreira, para fazer uma apresentação associada à promoção da leitura e dos livros, com o mote adotado pela AP, “Juntos fazemos mais e melhor”.

No grande anfiteatro escolar, a série dos romances de fantasia escrita pela autora britânica J. K. Rowling, *Harry Potter*, foi o ponto de partida para a conversa que, num ambiente descontraído, teve uma significativa audiência e participação dos alunos.



MUSEU DO HUMOR E DO ABSURDO

Em 2024, assinalando o centenário do nascimento de Sam, a Câmara Municipal de Serpa (CMS) lança o Museu do Humor e do Absurdo (MHA), o novo museu do SAM, que tem por base a coleção de mais de quinhentas peças tridimensionais - Funis, Cadeiras, Buracos, Enxadas, Ratoeiras, Bules, Chávenas, Milagres, Massacres, Manequins, Colagens, Pinturas, Esculturas, Banda Desenhada 3D, Relógios, Pássaros, Maquetes de Monumentos, o Chá-da-Vóvó, o Uterus Communis – coleção adquirida em 2009 e 2010 e, simultaneamente, publica um catálogo onde o [PeP] colaborou com textos de Emília Ferreira, Lúcia Saldanha, Manuel Lacerda e Rui Afonso Santos.

No quadro da parceria estabelecida entre a CM de Serpa e o Museu Nacional de Arte Contemporânea, através do projeto nacional [Portugal entre Patrimónios], o MNAC foi convidado para, em equipa, pensar a coleção e a sua apresentação ao público. Liderado pela autarquia iniciou-se, então, um processo colaborativo de planificação e instalação da coleção e do novo MHA, reunindo um corpo técnico multidisciplinar para o desenvolvimento do projeto, integrando premissas e atividades relacionadas com a coleção e com os requisitos para a sua exposição, trabalhando e otimizando a relação espaço-obra-espectador. O layout ficou concluído em 2024, estando em curso uma nova fase de projeto.



SALA DE BRINCAR

O Hospital Garcia de Orta é um hospital público do Serviço Nacional de Saúde situado em Almada, integrado na Unidade de Saúde Local de Almada/Seixal. A Sala de Brincar pertence ao Serviço de Pediatria, um serviço dedicado à assistência à criança e ao adolescente, nos seus diversos aspetos, sejam eles preventivos ou curativos. Neste espaço dedicado a crianças com doença, o contexto é particular, pois as crianças estão internadas e querem conhecer alguns artistas da coleção do MNAC.

Respondendo à solicitação da Sala de Brincar:

É bem simples e tem algum dinamismo, não sabemos as idades dos miúdos mas preferi fazer a apresentação o mais visual possível, e talvez dar espaço para algum diálogo enquanto se apresentam os artistas e se mostram as obras nas quais vamos trabalhar.

Fiz este formato de apresentação, pois já o tenho feito para outras atividades artísticas na escola da minha zona e resultou muito bem, tentei adotar o mesmo estilo.

ÂNGELA FONSECA
ARTISTA PLÁSTICA





TURISMO CULTURAL SUSTENTÁVEL

Como definição, o turismo cultural sustentável é a gestão integrada do património cultural e das atividades turísticas em conjunto com a comunidade local, criando benefícios sociais, ambientais e económicos para todas as partes interessadas, para alcançar a conservação do património cultural tangível e intangível e o desenvolvimento do turismo sustentável.

Rotas culturais

Numa organização conjunta do [PeP] com o Turismo do Norte realizou-se a 30 de abril de 2019 uma encontro proposto pelo parceiro CEJTM com a intenção do desenvolvimento de Rotas Culturais na Região Norte. O grupo identificou a necessidade de articular a gestão do Património Cultural e das atividade turísticas com as comunidades locais, encontrando formas criativas de as envolver – sublinhando

que os residentes devem ser os primeiros beneficiários de qualquer atividade desenvolvida no local onde vivem.

Revive

O Programa REVIVE tem como base a recuperação do património, respeitando os valores arquitetónicos, culturais, sociais e ambientais. É uma iniciativa conjunta dos Ministérios da Economia, da Cultura, das Finanças e da Defesa.

A equipa técnica multidisciplinar do Revive integrou, em permanência, representantes das entidades com competências sobre o património público e sobre o turismo, designadamente: Direção Geral do Património Cultural, Direção Geral do Tesouro e Finanças, Direção Geral dos Recursos da Defesa Nacional, Turismo de Portugal, I.P..

De 2016 a 2024, Lúcia Saldanha, Coordenadora do [PeP], foi uma das interlocutoras da Direção Geral do Património Cultural nesta equipa, tendo, consequentemente, em 2018, o Turismo de Portugal, I.P. integrado o grupo de parceiros estratégicos da rede nacional [Portugal entre Patrimónios].



URBANISMO E GESTÃO URBANA

As sessões "Urbanismo e gestão urbana", no Estabelecimento Prisional de Caxias (EPC), aconteceram no âmbito da unidade temática "Urbanismo e Mobilidade" do Curso do Ensino Secundário Cultura, Língua e Comunicação (CLC) dos Cursos de Ensino e Formação de Adultos (EFA).

De acordo com o programa realizaram-se 2 sessões – em novembro de 2022 e novembro de 2024, centradas nas *questões culturais que envolvem o planeamento e o território* e nos conceitos-chave relacionados.

Com o tema *Urbanismo e Gestão Urbana*, Lúcia Saldanha - [PeP], falou sobre a CIDADE:

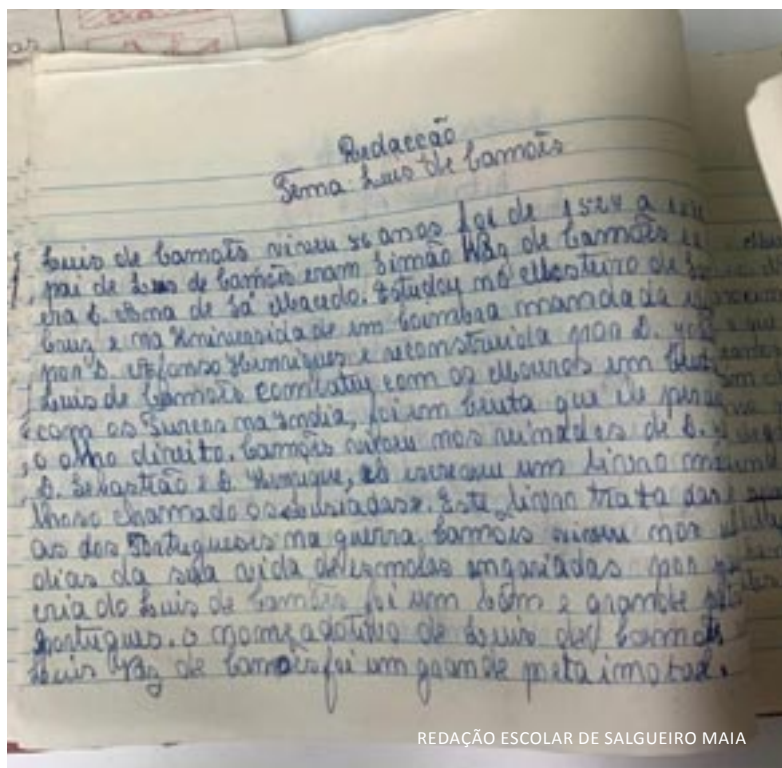
- espaço de acontecimentos analisáveis em termos de informação,
- e a forma urbana como processo contínuo.

A transformação e a evolução das cidades foram explicadas através dos seguintes temas: a origem das cidades, o planeamento, o urbanismo, as infraestruturas urbanas, História e Cultura, Passado, Presente e Futuro.

SOBRE A LIBERDADE

Este projeto artístico e pedagógico é uma proposta do professor da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e artista visual José Quaresma. O seu objetivo é contribuir individual e coletivamente para a defesa constante da Liberdade conquistada em Abril de 1974.

Inclui três exposições em Santarém, Castelo de Vide e Coruche (com extensão a São Torcato numa estreita ligação com a Escola-Museu Salgueiro Maia). Estas exposições apresentarão pinturas e desenhos sobre Salgueiro Maia, da autoria de José Quaresma, conjugados com painéis de desenhos a realizar por cerca de seis turmas de três escolas das localidades acima mencionados. Lúcia Saldanha, coordenadora do projeto [PeP], fará a curadoria do trabalho das escolas envolvidas.



POS
FÁ
CIO

CHAIA

Uma exposição constrói uma narrativa sobre um determinado assunto. Uma narrativa que, por sua vez, está alicerçada num estado do conhecimento de que a exposição faz a síntese e representa. Por este motivo, uma exposição é uma forma de conhecimento, seja de apenas uma fase da obra de um autor, seja de um tema mais amplo e complexo. No entanto, embora uma exposição seja uma forma de conhecimento, não deixa de ser, mesmo assim, uma experiência efémera, com uma dupla duração, a do tempo de uma visita e a do período em que está patente. Os materiais produzidos pela exposição, que registam a sua realização – como vídeos, gravações digitais, guias, desdobráveis, páginas *web* e catálogos –, constituem a sua memória, fixando e fazendo perdurar no tempo, não a experiência da visita, que é individual e irrepetível, mas o estado do conhecimento que os artefactos escolhidos e a ordem dada à montagem construíram e sintetizaram. Os textos completam a construção desse conhecimento. Ao colaborar com o Museu Nacional de Arte Contemporânea na publicação deste volume dedicado às exposições, no âmbito do projeto *Portugal entre Patrimónios*, o CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora reafirma a importância da exposição na produção e comunicação de conhecimento em artes e património, designadamente como um dos resultados das suas atividades realizadas em parceria com outras entidades nacionais.

MNAC

COLABORAR

A publicação deste volume de EXPOSIÇÕES e do volume de ENTREVISTAS associa-se à celebração do quinto centenário do nascimento de Luís Vaz de Camões, e integra-se num contexto de parcerias colaborativas do MNAC.

Paralelamente a múltiplas iniciativas no âmbito dessas comemorações, o projeto nacional do MNAC [Portugal entre Patrimónios], na atividade das Bases-Galerias Verticais bem como numa das obras da exposição *SER PORTUGUÊS, Criadores de Imagens*, integra o primeiro verso do soneto de Camões *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*.

O devir, assumido como mote criativo, tem sido, igualmente, entendido neste nosso projeto como uma característica central da colaboração. Na verdade, eixo de todo o conceito do [PeP], mudança e ação conjugam-se na gestação de corpos dialogantes.

Para nós, este tema tem sido central e iminentemente claro. A co-laboração é uma tela, um entrançado de gestos, vias, processos, pensamentos e ações, compondo um tecido complexo que leva mais longe os fios que traçam a trama e a teia. Além desses aspetos, e a montante, colaborar é um modo de curiosidade na direção do outro, seja esse outro um ser semelhante a nós, ou um diverso. Pode ser um humano, uma outra espécie animal, uma espécie vegetal,

o alto firmamento e a sua pontuação de estrelas ou o oceano, o deserto, a montanha, um curso de água.

Colaborar, neste projeto de mais de oitenta parceiros, tem sido abrir portas e aceitar crenças para lá das pessoas, sejam elas políticas, religiosas ou perspectivas sociais. Colaborar é estabelecer relação, é o princípio da democracia. É a capacidade de dizer, mas também de ouvir, de acolher e repensar. É o prazer da descoberta, do desafio, do contraditório, do complementar, do risco com rede – muito maior e mais profícuo do que o caminho solitário. Desse, uma parte do nosso trajeto de mais de seis anos neste projeto colaborativo, damos nota nestas publicações. Que venham mais. E que os novos tempos e as novas vontades sejam benignas e criativas.

EMÍLIA FERREIRA

PORTUGAL ENTRE PATRI- MÓ- NIOS



É difícil encontrar espaços onde possamos divergir amigavelmente, onde nos aproximemos uns dos outros, não para ser iguais mas para ser diferentes, e é isso que o museu deve ser.

Esta frase do artista e ativista ambiental, Olafur Eliasson expressa, claramente, o espírito, gerador do projeto [PORTUGAL ENTRE PATRIMÓNIOS], promovido pelo Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) desde outubro de 2018.

A Galeria [PeP] é parte integrante do projeto, uma rede nacional, que evoluiu numa lógica colaborativa e de encontro na esfera dos direitos culturais. No nosso país, optámos por refletir em conjunto sobre o nosso trabalho e a nossa época, em que a arte, a ciência e a tecnologia caminham juntas.

Independentemente da dimensão utópica do projeto, a memória, a atenção e o pensamento, associados à escala, ao território e ao tempo, cruzam aqui três ideias: a comunicação dialógica, o estar em grupo e o fazer com o outro.

PROMOTOR DA INICIATIVA

Museu Nacional de Arte Contemporânea/ Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.

PARCEIROS ESTRATÉGICOS

CIEJ- Centro de Informação Europeia Jacques Delors

Comissão Nacional da UNESCO

GEPAC – Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais

Plano Nacional Das Artes

TP – Turismo de Portugal I.P.

Centro Nacional de Cultura

PARCEIROS

ACE Teatro do Bolhão

ACERT – Associação Cultural Recreativa de Tondela

Arte no Tempo

Artistic in Residence – AiR 351

Associação Cultural Castelo D'Íf

Associação Cultural Re-Criativa República 14

Associação de Municípios da Rota da Estrada Nacional 2

Associação dos Cafés com História

Associação Gerador

Associação Música Portuguesa a Gostar dela Própria

Auditório Municipal Carlos Paredes

CAAP – Comissão de Acompanhamento de Arquitetura e Paisagem

Caixa de Mitos

Câmara Municipal de Serpa

Casa de Goa

Casa Museu Fernando de Castro

CECD – Cooperativa para a Inclusão

CEJTM – Centro de Estudos Judaicos de Trás-os-Montes

MARE – Centro de Ciências do Mar e do Ambiente

Cercica – Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Cascais

CETAPS – Centre for English, Translation, and Anglo-Portuguese Studies

CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora

CIBA – Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota

CIEC – Centro de Informação Europa Criativa

Direção Revista Electra – Fundação EDP

EcoGerminar

EDA - Ensaios e Diálogos Associação

EMERGE – Associação Cultural

EPI – Escola Profissional de Imagem

ESAD-IDEA, Investigação em Design e Arte/ Design Studies

ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

Festival de Música Júnior

Fundação Calouste Gulbenkian / PARTIS – Práticas Artísticas para a Inclusão Social

Fundação Centro Cultural de Belém

Fundação Côa Parque

Fundação Eugénio de Almeida – Centro de Arte e Cultural

Fundação INATEL

PARCEIROS

[PORTUGAL-INTER-PATRIMÓNIOS P_p]

Fundação LIGA / Casa das Artes
GE Produções Criativas
Give Peace a Voice
IN2PAST – Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território
Instituto Politécnico de Viseu
Loulé Criativo – Câmara Municipal de Loulé
AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual
MIRA Galerias - MIRA FORUM
Museu Nacional de Arte Contemporânea
Museu “Vilar Formoso Fronteira da Paz – Memorial aos Refugiados e ao Cônsul Aristides de Sousa Mendes”, CM Almeida
Museu Carlos Machado
Museu da Farmácia
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso
Museu Nacional do Azulejo
Museu Nacional Resistência e Liberdade
N’oor Fátima
NOVA – Universidade NOVA de Lisboa
OSMOPE – Organização Social do Movimento das Pontes Educativas
Plataforma Cafuka – Associação Cultural
POLDRA – Public Sculpture Project Viseu
Porto Secret Spots
Portugal Inovação Social
Programa Operacional Regional do Alentejo
Programa Rede Nacional de Bibliotecas, Coordenador DGLAB
Project Earth/CLARA Associação
para a Valorização Sustentável de Regiões de Convergência
Projecto Património
Quarteto Contratempo
Quorum Ballet
Rota do Românico
Rota Vicentina
Museu Carlos Machado
SPLS – Sociedade Portuguesa de Literacia em Saúde
Teatro Académico de Gil Vicente – TAGV
Terceira Pessoa – Associação
Terra Esplêndida
Universidade de Aveiro/Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas
Universidade do Minho – REIT, Cultura e Sociedade
Universidade do Porto – REIT, Cultura
UTAD – REIT, Cultura

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

EXPOSIÇÕES Volume 1

CONCEÇÃO E COORDENAÇÃO

Lúcia Saldanha

CONSULTORIA EDITORIAL

Anabela Carvalho, Emília Ferreira

TEXTOS E FOTOGRAFIAS

Ana Noro grande, Ana Silva, Ângela Ferreira, António Gorgel Pinto, Bruno Navarro, Camila Tissott, Carolina Molina, Cláudia Conde, Cristina Vaz de Almeida, Duarte Belo, Emília Ferreira, Estela Rodrigues, Fernando Brito, Gaudêncio Fidelis, Helena Ferreira, Isabel Calado, Jane Gilmor, José Amado Martins, José Manuel dos Santos, Leninha Ferreira, Lúcia Saldanha, Luís Vaz de Camões, Manuela Matos Monteiro, Mimi Tavares, Natércia Salgueiro Maia, Paula Reaes Pinto, Paulo Simões Rodrigues, Petrarca, Rita Brandão, Rui Afonso Santos, Sílvia Berény, Sónia Felgueiras, Tiago Alves da Veiga, e outros.

REVISÃO DE TEXTO

Angelina Pessoa, Carlos Bosque

DESIGN GRÁFICO

António Faria

PARCERIA [PeP]

MNAC | CHAIA

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

Digiset

EDIÇÃO

MNAC | CHAIA

2025

© dos textos: os autores

© das imagens: os autores e os proprietários

© da presente edição: Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E

ISBN

978-989-9223-20-2

DEPÓSITO LEGAL

547385/25

Nesta edição respeitou-se o acordo ortográfico,
exceto nas opções expressas pelos autores ou citações de publicações existentes.

Os textos são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores
e não refletem necessariamente o ponto de vista do MNAC.

Este livro integra a produção editorial do projeto [PORTUGAL ENTRE PATRIMÓNIOS]



MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA | **DIREÇÃO** Emília Ferreira | **ASSESSORIA ADMINISTRATIVA** Ana Marques, Susana Fialho | **CONSERVAÇÃO, INVESTIGAÇÃO, CURADORIA E GESTÃO COLEÇÃO** Emília Tavares, Maria de Aires Silveira, Rui Afonso Santos, Tiago Alves da Veiga | **APOIO A GESTÃO DE COLEÇÃO E A INVESTIGAÇÃO** Angelina Pessoa, Cármen Fragoso | **PROJETO [PORTUGAL ENTRE PATRIMÓNIOS]** Lúcia Saldanha | **PRODUÇÃO** Regina Branco | **EDUCAÇÃO** Catarina Moura, Hilda Frias | **BIBLIOTECA E CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO** Anabela Carvalho, António Chaparreiro | **COMUNICAÇÃO** Mónica Fonseca | **GESTÃO TÉCNICA DO EDIFÍCIO** António Rasteiro, Alberto Gomes | **RECEÇÃO E VIGILÂNCIA** Diogo Branco, Fátima Madureira, Filipa Bernardo, Filipa Campante, João Pessoa, Maria Cecília Correia, Marta Liberato, Nuno Neves, Rita Eusébio, Vítor Pereira

AGRADECIMENTOS

Equipas da MMP - Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.
e do MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea, Parceiros [PeP],
Colaboradores [PeP], e Fotógrafos, Anabela Carvalho, Carlos Ramos e Vítor Lúcio (HCI),
Fernando Arruda, José Manuel dos Santos, Manuel Lacerda

VOLUME 1

EXPOSIÇÕES



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



CHAIA/UE [2018] -Ref ° UIDB / 00112 / 2020/Base

[PROJETO FINANCIADO POR FUNDOS NACIONAIS

ATRAVÉS DA FCT / FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA]